



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da quarta reunião ministerial de 2010**

**Palácio do Planalto, 04 de novembro de 2010**

Bem, companheiros, nós vamos começar a nossa – não sei se a última ou se a penúltima reunião ministerial. Certamente, se não houver mais reunião, haverá no final do ano um almoço ou um jantar de despedida. Não sei se vocês sabem que todos vocês terão de me entregar o cargo no final do ano, que nós precisamos deixar esta mesa livre para que a nossa futura Presidenta possa reconstruir os personagens que vão compor esta reunião.

Mas eu penso que esta reunião é uma reunião para que a gente tome como decisão, aqui, o tipo de trabalho que nós vamos ter que fazer até o dia 31 [de dezembro], não só na conclusão das coisas que nós temos em cada Ministério, que foram determinadas como prioridade por vocês e pelo governo, sobretudo aquelas medidas que são de caráter interministerial, que envolvem muitos ministros, que é preciso que haja, por parte da Casa Civil, uma coordenação para saber por que as coisas não estão andando com a gente imaginava que devessem andar. E, ao mesmo tempo, pedir para vocês trabalharem com muito carinho para ajudar no processo de transição. Depois aqui, o Carlos Eduardo vai dar aqui uma explicação para vocês; a Miriam, que está ali atrás, a Maya...

Nós precisamos facilitar todo o processo de informação que o novo governo precisar do atual governo. Vai ser constituída a Comissão de Transição e, portanto, embora a gente tenha a Casa Civil como coordenadora desse processo, que está previsto no Decreto, o dado concreto é que pode ser que a Comissão de Transição queira conversar com ministros, individualmente, da área econômica, do Planejamento, e é importante que a gente esteja disponível para atender e criar todas as facilidades possíveis para a transição



ser a mais tranquila e transparente possível, não é?

Bem, esta reunião de hoje, companheiros, tem um assunto que é sempre pertinente, que é a questão da situação econômica mundial e, conseqüentemente, do Brasil. Eu estou viajando com o companheiro Guido na próxima semana. Eu viajarei na segunda-feira, eu vou a Maputo, primeiro em Moçambique, junto com a Saúde, junto com a Educação – a Previdência já está lá – para concluir alguns acordos que nós temos com Moçambique, e depois nós vamos a Seul participar da reunião do G-20. E o grande problema que nós temos hoje na economia mundial é a guerra cambial estabelecida, sobretudo entre países como Coreia, Estados Unidos, China. Então, nós vamos estar lá com o objetivo de discutir esse assunto.

Então, eu queria abrir esta reunião, companheiro Guido, com uma exposição, que eu espero que seja a mais sucinta, mas não seja tão sucinta que atrapalhe uma boa explicação. Eu não estou preocupado com o tempo, eu estou preocupado com a precisão das informações, sobretudo porque os Estados Unidos anunciaram um pacote de US\$ 600 bilhões de crédito, a gente não sabe o que isso pode fazer na economia mundial.

Então, a minha ideia era abrir esta reunião com uma exposição do companheiro Guido Mantega. O Meirelles viajou para os Estados Unidos ontem, depois vai para Basileia. Depois que o Guido Mantega falar sobre a questão econômica, se alguém tiver alguma pergunta pode fazer. Depois eu falaria um pouco sobre os nossos próximos quase dois meses que nós temos para terminar o mandato. Depois também abríamos a palavra, se algum ministro quiser dizer alguma coisa importante. Depois, se os líderes quiserem falar – estão aqui o líder da Câmara e o líder do Senado.

Então, para a gente ganhar tempo, eu passo a palavra ao companheiro Guido Mantega.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura da “Turma Zilda Arns” do Instituto Rio Branco**

**Palácio Itamaraty, 05 de novembro de 2010**

Vocês viram que hoje eu não permiti que o Prata colocasse o meu discurso aqui. Eu sei que já são 13h10, nós estamos competindo agora com a vontade de comer.

Mas eu queria dizer a todos vocês da alegria de estar participando de um ato de despedida de formandos da escola Rio Branco. Eu acho que eu participei de todas as formaturas, e acho que o voto de credibilidade dado ao Itamaraty era apenas pelo fato de respeitar uma coisa chamada carreira. Muitas vezes, as pessoas estudaram, trabalharam a vida inteira, e quando estava chegando o momento de ela ter possibilidade de ir para uma embaixada, eis que um político perdia as eleições e era preciso contemplá-lo no cargo de uma pessoa que tinha estudado a vida inteira e tinha, naquele posto, a ascensão máxima da sua carreira.

Eu tenho esperança de que isso tenha servido de lição para todos nós e que a gente aprenda a continuar com essa valorização, porque é o grande estímulo que a gente pode ter. Este Itamaraty e o Brasil, que já teve grandes ministros, extraordinários ministros, mas, de repente, tinha gente que não foi nem tão grande e que caiu de paraquedas aqui para fazer política externa brasileira, o que não é importante do ponto de vista do orgulho profissional e do ponto de vista do orgulho enquanto nação.

Então, eu acho, Celso, que se eu tivesse que dar uma nota agora, aprovando esse experimento de valorizar a carreira profissional, eu diria que essa política foi vencedora e foi extraordinária. Não me arrependo, e acho que muita gente que foi presidente antes de mim deve estar com uma coceirinha na cabeça, por que é que ele não fez isso, e tive que ser eu a fazer. Justamente



eu, que...

Quero cumprimentar o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, e sua companheira e esposa Ana Amorim,

Quero cumprimentar o companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Quero cumprimentar o companheiro Antônio Patriota, secretário-geral das Relações Exteriores,

Quero cumprimentar o embaixador Georges Lamazière, companheiro diretor-geral do Instituto Rio Branco,

Quero cumprimentar o companheiro Gonçalo Mourão, paraninfo da Turma Zilda Arns,

Quero cumprimentar o companheiro Fabiano (incompreensível), por meio de quem cumprimento todos os formandos da Turma Zilda Arns,

Quero cumprimentar os senhores familiares, os formandos, pais, mães, convidados,

Cumprimentar os companheiros e as companheiras diplomatas que estão aqui,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que vocês estarão recebendo, a partir do dia 1º, um Brasil diferente daquele que nós conhecemos algum tempo atrás. E muitas das coisas que o companheiro Mourão falou aqui, eu acho que já é visível o que aconteceu na América do Sul e na América Latina.

Eu vou contar três casos que lembram o comportamento da nossa política. Primeiro, a nossa relação com a Argentina. Sempre houve muito preconceito contra a Argentina e, possivelmente, também, sempre houve preconceito da diplomacia argentina contra nós. Era como se fossem duas moças bonitas, no mesmo espaço, a espera de um baile começar, e elas estivessem já disputando quem é que iria arrumar o mais bonito dos



namorados, ou quem iria ser escolhida para dançar a valsa, quando, na verdade, tinha mais convidados e as duas poderiam dançar sem nenhuma ficar preocupada com a outra. Brasil e Argentina começaram a avançar quando o presidente do Brasil, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, o presidente da Argentina e o ministro das Relações Exteriores da Argentina começaram a compreender que nós não éramos adversários, que nós tínhamos a necessidade de políticas de complementaridade, para que a gente pudesse ser o que nós estamos sendo hoje.

À medida que o Brasil começou a confiar na Argentina e tê-la como parceira, e a Argentina confiar no Brasil, o resultado para todos vocês que fazem diplomacia sabem que é o resultado mais exitoso de toda a história de relações entre Argentina e Brasil. Mas apenas com muita humildade aprendemos que nós precisamos de uma Argentina forte, e que a Argentina precisa de um (incompreensível) forte, e que nós não podemos prescindir um do outro; que nós não somos adversários, nós somos parceiros. E é isso que está acontecendo (incompreensível).

O terceiro caso que eu poderia contar para vocês... o terceiro caso que eu queria contar para vocês é o caso da Bolívia. Estávamos em Viena, no encontro Europa e América Latina. Foi exatamente no dia em que o Chávez fez aquele discurso contra o Senado brasileiro, que foi a primeira vez que eu pedi para o Celso fazer uma nota mais dura, *pero* não tão dura, razoável, em defesa do Senado brasileiro. E, naquele tempo, estava no auge da briga da Bolívia com o Brasil, por conta da refinaria e por conta do gás. E aqui, no Brasil, muita gente dizendo que eu tinha que ser duro com a Bolívia, que eu tinha que não ser frouxo e que tinha que fazer a Bolívia se curvar diante do Brasil. Eu, lá em Viena, ouvindo uma bela valsa - Strauss estava fazendo um concerto - eu falei: como é que pode um metalúrgico brigar com um índio da Bolívia? Não tem cabimento, nós precisamos encontrar um jeito de cedermos e ficar em uma posição confortável, porque o gás era dele. Era justo que ele dissesse: "O gás



é meu e eu quero o meu gás”, e era justo que nós nos entendêssemos com os intrusos, porque tínhamos feito investimentos e queríamos ressarcir os nossos investimentos. Mas a soberania boliviana era intocável, o gás era deles! Eu chamei o Evo no meu hotel, antes tínhamos tido uma conversa com o embaixador, o representante de Cuba, que estava lá com o presidente Chávez. Peguei o mapa da América do Sul, abri e falei para o companheiro Evo: olha Evo, você está com uma espada na minha cabeça e eu vou colocar uma espada na tua cabeça para que o jogo comece a ficar igual. Primeiro, eu compreendo que o gás é teu. Agora, você tem que compreender que nós temos direitos, pelos investimentos que nós fizemos. Não sei se você está pensando em vender gás para outro país. Mas olha o mapa aqui, você tem grandes possibilidades de ir para a Argentina, mas não tem gasoduto e nem vocês têm dinheiro para fazer o gasoduto. Não sei se o companheiro Chávez está se propondo a comprar o teu gás, sei que precisa pedir autorização para a Colômbia e para o Peru, para chegar até a Venezuela. Não sei se você pensa em exportar para os Estados Unidos, não tem para onde você sair. O rio Madeira, embora faça divisa com a Bolívia, uma grande parte dele é só no Brasil. Então Evo, o melhor parceiro para o teu gás é exatamente o Brasil. O que nós precisamos é deixar você confortável e deixar o Brasil confortável. Nem você perde, nem eu perco, e nós dois ganhamos.

Por conta dessa briga, o Evo esteve um dia aqui no Brasil, em uma conversa aqui no Itamaraty, e o Evo precisava que a gente desse um pouco mais de recursos para o Evo. Eu achava que era justo, eu achava que era justo. Um país grande como o Brasil não precisa ficar regateando US\$ 20 ou US\$ 30 milhões com um país pobre que nós temos interesse que viva tranquilo, que viva em paz. E resolvemos dar. Fomos em uma reunião, às sete horas da noite, mais ou menos, o Evo já estava... ele dizia para mim: “eu não vou voltar para a Bolívia sem *plata*, eu precisava de um pouco mais...” Porque tinha feito parte da campanha dele, então, era normal que fosse assim. Aí nós



decidimos fazer um ajuste, e fomos lá dar o ajuste. Quando nós fomos dar o ajuste, ele fez uma proposta menor do que a gente tinha decidido. Eu fiquei muito nervoso, porque o ministro que foi lá não disse que nós tínhamos decidido dar mais, aceitou a proposta dele.

Bem, depois nós conversamos e acertamos essa coisa com o Evo Morales, e nunca mais tivemos uma rusga com a Bolívia, nunca mais. Criamos política especial de financiamento de trator, demos dinheiro para cuidar da desapropriação dos brasileiros lá, numa demonstração de que esse é o papel da política e da diplomacia de um país que tem mais envergadura, população, que tem mais tecnologia, que tem mais gente. Então, esse é um caso, com a Bolívia... Eu acho que o Brasil nunca viveu tão bem com a Bolívia.

E hoje, na questão do gás, nós somos hoje autossuficientes. Acho que o pré-sal vai dar uma tranquilidade para o Brasil, extraordinária. E agora quem está na situação que eu estava cinco anos atrás é o Evo Morales, porque agora ele precisa pedir para a gente comprar o gás dele. E nós vamos continuar comprando porque, estrategicamente, nós temos que fazer com que a Bolívia cresça junto com o Brasil.

O segundo caso foi com o Peru... com o Paraguai. Também, o Brasil, em alguns momentos, o embaixador do Brasil no Paraguai pensava que mandava no Paraguai. Vocês sabem disso. Na verdade, aproveitava-se de problemas políticos para fazer como os embaixadores americanos fazem em muitos países pelo mundo afora ou na América Central.

A primeira discussão é a seguinte: é preciso que a gente aprenda a respeitar os pequenos, é preciso. E tinha aquele problema de Itaipu, que vocês nunca mais ouviram falar em Itaipu, nunca mais ouviram falar. Quantas bandeiras brasileiras foram queimadas dentro do território paraguaio, por conta de Itaipu? Quantos livros foram escritos, contando coisas, algumas verdadeiras, outras inverdades, sobre Itaipu? E aqui no Brasil, o Celso é testemunha de que tinha gente que queria que nós endurecêssemos. Chegou-



se até a pensar em construir um muro ali na ponte, para criar dificuldades.

E aqui eu quero fazer justiça a um companheiro que hoje é embaixador na Argentina, o Enio, que foi um guerreiro, um guerreiro, para que nós convencêssemos uma parte das pessoas que participavam da reunião de que nós não tínhamos outra coisa a fazer a não ser mostrar ao povo paraguaio que nós queríamos ser companheiros do Paraguai, e queríamos fazer as coisas que o Paraguai precisava que fossem feitas.

E agora, finalmente, vai sair a licitação, já, Celso, da linha de transmissão de 500 KW e da estação... da subestação que vai permitir que o Paraguai tenha a possibilidade de oferecer chance ao seu povo de mais desenvolvimento, porque vai acabar o problema crônico de energia no Paraguai.

E nós não queríamos compreender que um país que é sócio de uma hidrelétrica que produz 12 mil megawatts, e que, portanto, tem direito a seis, tivesse apagão todos os dias por falta de energia elétrica. Por mais diplomático que fosse o povo do Paraguai, ele não poderia entender “como é que eu tenho apagão se eu tenho essa quantidade de energia?”

Nós chegamos à conclusão que era preciso resolver essa questão. E, importante dizer, só foi possível resolver porque entrou um presidente de esquerda no Paraguai. Aliás, é importante lembrar que o jornalista Fernando de Moraes, o escritor, escreveu em 1974, no Jornal da Tarde, que seria necessário um presidente de esquerda no Paraguai para que fosse flexibilizado o Tratado de Itaipu e garantisse, ao Paraguai, utilizar parte da energia que, teoricamente, estava prometida para ele.

Acho que nós nunca tivemos um clima de tranquilidade e de respeito como nós temos com o Paraguai. Não é um clima de subserviência, não é um clima do senhor de engenho mandando no seu escravo. Não! É um clima de uma relação de parceria, de confiança, porque o Brasil compreendeu, finalmente o Brasil compreendeu que não é correto a gente ficar contando





piada sobre argentino, sobre uruguaio, sobre paraguaio, sobre boliviano, e que para nós crescermos economicamente é importante que esses países cresçam junto conosco.

Vocês não sabem como eu fico feliz quando eu percebo que o comércio do Brasil com o Uruguai é hoje de mais de US\$ 1 bilhão e que eles têm um superávit extraordinário. Eu acho isso... É a política que o Brasil tem que fazer. A política... O último caso, com a Venezuela. Eu ainda estava em disputa eleitoral quando diziam que a minha amizade com o Chávez era perniciosa ao Brasil, e a cada elogio que eu fazia ao Chávez era uma enxurrada de editoriais criticando, e nós mostrando a importância estratégica de uma relação boa com a Venezuela. Essa relação está consolidada hoje, acho que a entrada da Venezuela no Mercosul – falta só ser aprovada pelo Parlamento paraguaio – é importante, porque eu acho que um sonho que os próximos governos vão perseguir é que todos os países da América do Sul estejam no Mercosul e que a gente tenha uma forte zona de comércio aqui no nosso continente.

Bem, companheiros, eu lembro de quantos desaforos eu recebi quando nós decidimos ir para a África. Como era difícil, Mourão, ir para a África. “O que o Lula vai fazer na África? O que a Costa do Marfim pode comprar do Brasil? O que o Lula vai fazer em Angola? No Mali? Em Cabo Verde?”. Porque o hábito era ir para Paris, embora o comércio bilateral entre Brasil e França não seja essas coisas todas; é melhor do que com a Venezuela, é um terço... é um quarto do que é com a Argentina. Mas as pessoas estavam habituadas, porque chegavam lá e comiam *foie gras*, “Vamos para Paris”, “Vamos não sei...”. Não que a gente não deva gostar de Paris... ou “vamos para os Estados Unidos”.

Hoje vocês vão encontrar um país muito mais consolidado e muito mais respeitado com a África, um Brasil muito mais consolidado e muito mais respeitado com o Oriente Médio, um Brasil muito mais consolidado e respeitado com a América do Sul, com a América Latina, com o Caribe. Hoje vocês vão perceber que as grandes potências já tratam o Brasil com muito



respeito. E qual é o problema que vocês vão enfrentar? É que, antes, ser embaixador brasileiro e chegar em um coquetel de uma embaixada qualquer, nós éramos mais um. Hoje, vocês são embaixadores do Brasil, de um país que conquistou respeito no mundo e de um país que as pessoas estão percebendo a ascensão que o país está tendo, e as posições firmes que o Brasil teve na Organização Mundial do Comércio, a briga que nós temos feito na questão do clima, em Copenhague, assumindo a posição mais corajosa de todos os países que compareceram, quando assumimos a posição de diminuir o desmatamento em 39%.

Então, essa é uma lição que eu aprendi na minha vida sindical: ninguém respeita quem não se respeita. Se vocês querem ser respeitados, se respeitem, não baixem a cabeça, não tem ninguém melhor do que vocês, não tem ninguém mais competente do que vocês. O que tem é que tem gente mais ousada do que outras pessoas, e tem país que tem política mais corajosa mais do que outros.

Portanto, o Brasil não deve, não deve pedir favor... Licença, a gente sempre pede porque é de educação, sobretudo um diplomata. Mas nada como se fosse um favor, é conquista, porque este país não aceita mais, como dizia Nelson Rodrigues, viver com complexo de vira-lata, não aceitamos mais. Eu acho que isso é uma coisa extremamente importante para a nossa diplomacia.

Eu quero dizer para os embaixadores e para as embaixadoras novas que vocês... seria importante, não sei se vocês já tiveram oportunidade, mas vocês vão representar, agora, o Brasil do pré-sal. Vocês não sabem a emoção que eu senti, na semana passada, indo a Tupi, a 300 quilômetros da costa brasileira, e botar a mão em um óleo que está a 165 milhões de anos lá embaixo, numa profundidade de quase 5 mil metros de profundidade, e saber que esse óleo foi tirado com tecnologia de uma empresa que é motivo de orgulho para nós, brasileiros, que tem hoje o maior centro de pesquisa de petróleo do Hemisfério Sul e o segundo do mundo.



Vocês vão representar o Brasil do biodiesel, do biocombustível, que ainda não entraram, o mundo inteiro, de vergonha. Ficam falando de carro elétrico, vai demorar 20 ou 30 anos. Eu fui, agora, na Feira do Automóvel, todos os carros elétricos são protótipos. Um carro mais sofisticado que me apresentaram, você precisa ficar 14 horas na tomada, se for 110, para andar 160 quilômetros, quando você pode ir num posto e colocar um pouquinho de etanol, produzido às custas de sequestro de carbono, de emissão... de produção de energia limpa e de geração de empregos.

Vocês vão representar um país que, finalmente, os profetas que diziam que o Brasil seria o celeiro do mundo, finalmente chegou o momento. O mundo está comendo mais. Graças a Deus, africanos comem mais, chineses comem mais, indianos comem mais, a América Central e a América Latina comem mais, e no Brasil nós também comemos mais. E quando comemos mais, precisamos de mais alimentos. E o Brasil tem duas coisas extraordinárias, na verdade, tem mais coisas: o Brasil tem tecnologia, liderada pela nossa Embrapa, a mais importante empresa de tecnologia de agricultura tropical do mundo; o Brasil tem a maior concentração de terra agricultável, de todos os países do mundo; e o Brasil tem sol e chuva, portanto, os dois ingredientes para a produção de qualquer coisa neste país.

E não tenham dúvida nenhuma de que aquela história que nós dizíamos dez anos atrás, “que o Brasil não pode continuar sendo exportador de commodities, o Brasil tem que exportar produtos manufaturados”, pois está chegando a hora em que as commodities estão ficando mais valiosas do que os tais dos produtos manufaturados. Por quê? Porque o mundo precisa de mais comida, e o Brasil é que tem competência de produzir muito mais comida.

Esse é o Brasil que vocês vão ter orgulho de representar lá fora. Vocês vão ter orgulho de representar um Brasil que... eu até gostaria que vocês, antes de retornar aos postos de vocês, fossem fazer uma visita ao Canal do São Francisco, onde nós vamos levar água. Era uma obra que dom Pedro queria



fazer em 1847, não deixaram ele fazer. De lá para cá, todos os presidentes tentaram fazer, não conseguiram fazer. Nós, que nunca prometemos, vamos inaugurar 90% da primeira parte, este ano, e é uma obra que vocês deveriam ver, porque é um canal de 642 quilômetros de extensão, que vai levar água para a Paraíba, para uma parte de Pernambuco, para o Ceará e para o Rio Grande do Norte, atendendo a 12 milhões de nordestinos que moram no semiárido. É uma obra para vocês não sentirem inveja quando falam: “Ah, mas tem um canal ali, tem um canal acolá”. Aí vocês têm que ir, com orgulho, mostrar a fotografia do canal de vocês: está aqui. Antigamente, a gente só mostrava o canal do dente, agora temos que mostrar o canal...

Vocês vão, finalmente, poder ser representantes do Brasil que tem uma Transnordestina: 1.800 quilômetros de ferrovia ligando o Porto de Suape ao Porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, para fazer com que o Nordeste tenha oportunidade de não ser apenas uma região pobre, mas que seja uma região desenvolvida.

Vocês, finalmente, vão representar um Brasil, Celso, que agora, no dia 20 de dezembro, nós vamos inaugurar 1.513 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul, e vamos dar ordem de serviço para construir, de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o Porto de Santos ao Porto de Itaquí. Um país que já tinha tido 39 mil quilômetros de ferrovia, que agora tem menos de dez funcionando, e nós estamos fazendo seis mil quilômetros novos de ferrovia.

E vamos, ainda, dar ordem de serviço na Ferrovia Oeste-Leste, ligando Ilhéus, na Bahia, à Ferrovia Norte-Sul, aqui no estado de Tocantins, para que a gente possa... Vocês vão ter oportunidade de representar o Brasil que vai inaugurar a primeira eclusa, lá em Tocantins. Você pode estar convidado, Celso, e convidar mais alguém para ir ver.

Vocês vão representar... vocês vão poder representar o Brasil que ainda tem muitos problemas, e nós sabemos que a gente não vai resolver o acúmulo secular dos problemas em um mandato ou em dois mandatos. Mas quem mora



no Rio de Janeiro já deve ter visto que o povo de Pavão-Pavãozinho desce o morro de elevador para pegar o metrô.

Vocês, agora, vão representar um país que, na favela do Complexo do Alemão, o povo vai andar de teleférico. Aquele espaço, que levavam duas horas para chegar lá embaixo, agora vão levar apenas 19 minutos.

Vocês vão levar a imagem de um país que está construindo escola, que está construindo biblioteca, que está construindo cidadania. É o país em que o Estado - o municipal, o estadual e o federal - estão assumindo a responsabilidade de estar presentes no lugar das pessoas mais humildes, para que elas continuem humildes, mas tenham ascensão social.

Vocês vão viver num país que tem o maior programa habitacional... vocês vão representar um país que tem o maior programa habitacional depois da China, no mundo. Nós, este ano, estaremos contratando um milhão de casas e, a partir do próximo ano, a nova presidenta vai contratar dois milhões de casas.

É este país que vocês vão representar lá fora, um país em que a autoestima está bem, que o Corinthians pode ser campeão brasileiro, e um país que tem como único milagre, eu diria, o respeito. Vocês terão muito mais orgulho, e eu sei porque eu converso com muita gente, de como as pessoas lá fora tratam o Brasil hoje. Antigamente, um embaixador brasileiro, para ir a um coquetelzinho, tinha que pedir um convite. Hoje ele é chamado e todo mundo quer saber: “O que é esse negócio de pré-sal? Quem é esse tal de Lula, que tem 84% de aprovação no final do mandato? Quem é essa tal de Dilma, que ninguém a conhecia? Ela nunca fez política, nunca pertenceu a partido. Como é que esse cara vai indicar essa mulher?”.

Pois bem, vocês agora vão representar um país que, depois de um metalúrgico, vai ter a primeira mulher presidente da República. E não uma mulher qualquer, uma mulher que esteve condenada ao sacrifício e à tortura porque, quando tinha 20 anos, ela ousou colocar a manga de fora e lutar por



liberdade democrática neste país, quando muita gente foi sacrificada. Essa geração que, de [19]68, já tinha perdido a esperança, essa geração, através da Dilma, chega, pela via democrática, vencendo todos os preconceitos do mundo, porque não teve ninguém mais atacado, do ponto de vista do preconceito, do que ela, essa mulher, no dia 1º de janeiro tomará posse como presidente da República. É um fato extraordinário para o nosso país, é um fato extraordinário.

No mais, eu quero agradecer. Agradecer ao Itamaraty por tudo que o Itamaraty representa para o Brasil, aos nossos diplomatas. E agradecer ao companheiro Celso Amorim, sobretudo, em nome de todos vocês. Eu sei que nós temos oposição, nem todo mundo é corintiano, nem todo mundo é flamenguista, nem todo mundo é vascaíno, nem todo mundo gosta da mesma coisa, não é isso? Nem todo mundo é torcedor do Fluminense, no Itamaraty, sabe? Tem gente que torce para o Coringão, tem gente que torce para o Flamengo, para o Vasco, tem gente que torce para o Botafogo, o Palmeiras, São Paulo. Eu sei que... Eu vejo muita gente falar mal do Itamaraty, vejo gente escrevendo artigos, sobretudo quando se aposentam. É... Tinha uma... tinha uma fábrica em São Bernardo, chamada Termomecânica. Sardenberg, é verdade, essa fábrica se chamava Termomecânica, era a fábrica que pagava o melhor salário, era a fábrica em que o Salvador Arena, que era o dono, era um cara que morava no prédio, em cima da fábrica. Era um cara que descia às 2 horas da manhã para ver se as pessoas estavam trabalhando, era um... E virou meu amigo, virou meu amigo. E esse cara, ele trabalhava duro que nem um desgraçado, não deixava trabalhador ter barba. Ele dava um vale-refeição, mas ele não queria que os trabalhadores comprassem refeição porque não sabiam comprar, era ele que tinha que comprar. Eu falava: Mas Salvador Arena, você tem que deixar o cara escolher o sapato que vai usar, pô. “Não, não, eles não sabem, eu é que sei”. E os trabalhadores nunca reclamavam da Termomecânica. Quando se aposentavam, chegavam no sindicato: “Ô doutor



Lula” – eu não era nem doutor – “Ô doutor Lula, eu estou com causa”.

Então, eu vejo as críticas que a gente recebe. Eu fico feliz é porque as críticas que nós recebemos não são pelos nossos defeitos, são pelas nossas virtudes. É com isso que eu fico feliz. Porque era muito mais simples o Celso ficar com os dentes arreganhados para o Departamento de Estado norte-americano, era muito mais simples, não tem sacrifício. É muito mais difícil ter coragem de dizer “não”, é muito mais difícil dizer que não concorda com a política. É muito mais difícil fazer o que nós fizemos com Copenhague, na questão do clima: não aceitar a submissão que a Europa e que os americanos queriam que nós nos submetêssemos, onde ninguém tinha proposta concreta, ou seja, eles poluem o mundo e querem que a gente plante árvore para não se desenvolver, e eles não querem assumir compromissos.

Então, eu quero dizer, Celso, com todo respeito a todos os diplomatas brasileiros. Você já está superando o Rio Branco, porque você já vai passar de... de quantos anos aqui, nessa Casa? Ou seja, acho que também está na hora de parar um pouco, porque daqui a pouco... Mas não só pela quantidade de tempo, é porque eu, nesses oito anos, aprendi, aprendi muito, aprendi na convivência com vocês, aprendi na convivência com o Celso. Eu digo que eu e o Celso, nós temos tantas afinidades políticas que ele, às vezes, é mais esquerdista do que eu, deve ter aprendido com o Samuel. Se fosse com o Sardenberg, ele seria mais parecido com o Lula, assim, menos esquerdista. Nós trabalhamos por telepatia, nós temos muita afinidade no significado das palavras “soberania, respeito, autoestima”, de como o Brasil deve se comportar nas suas relações com os outros. Eu quero dizer para vocês alto e bom som: eu conheço, praticamente, a diplomacia dos maiores países do mundo hoje, e posso dizer para todos vocês que vocês irão trabalhar - não sei se já estão trabalhando - em um país em que eu diria, Celso, e falo isso agora... Eu não vou precisar de nenhum favor teu mais, porque estou deixando o cargo também. Você ainda pode ter pretensões; eu, nem isso posso ter mais... para





dizer o seguinte, Celso: eu acho que, inegavelmente, você pode se orgulhar porque - não apenas eu, mas com muita gente que eu converso, de presidente, porque eu não lhe conto tudo - é que o Brasil tem, na figura do Celso hoje, o mais, o mais importante ministro das Relações Exteriores de todos os que estão hoje fazendo política externa no mundo. Não tenho dúvida de que, Celso, vai ser difícil a imprensa brasileira reconhecer, vai ser difícil, mas você pode ficar certo de que já saíram artigos em outros jornais e que sairão mais artigos, e que isso não pode ser visto ou tratado como alguém que não está no lugar dele ficar com ciúmes, porque o Celso não pode ser visto assim. Acho que é motivo de orgulho para nós saber que a diplomacia brasileira, ela hoje é respeitada no mundo pela sua capacidade de trabalho, pela sua capacidade de fazer política. Eu conheço presidente da América do Sul que, muitas vezes, fala para mim: “Lula, você precisa pedir para o seu embaixador conversar mais comigo. Eu quero aprender mais sobre o Brasil, eu quero conversar mais sobre o Brasil”, coisa que antes um embaixador brasileiro só via o presidente na hora de entregar a sua cartinha, que é o momento mais chato, mas (incompreensível).

Então, companheiros, olhem, eu desejo para vocês toda a sorte do mundo. É importante que vocês tenham em conta que na função de vocês não tem apenas lugar bonito e lugar bom. O Haiti, que vive aquela desgraça de tantas coisas contrárias, tem um furacão agora próximo do Haiti, próximo de Porto Príncipe, já teve cólera agora, mas eu acho que é indo ao Haiti, é indo a um país pequeno da África que a gente pode não aperfeiçoar o conhecimento diplomático nosso, mas certamente, Mourão, a gente aperfeiçoará o sentimento de humanismo que nós precisamos ter para fazer diplomacia em um país que tem reservado, neste século XXI, um papel de destaque na política mundial. Nós não jogaremos fora a chance deste país, como ela foi jogada no século XX. O Brasil será uma das grandes potências do mundo, para fazer tudo aquilo que os outros não fizeram. Não queremos ser uma potência para ser igual e





fazer a mesmice, repetir as guerras, as agressões; queremos ser uma potência para provar que é possível criar um mundo diferente do que nós temos hoje.

Parabéns a todos vocês. Parabéns, Celso, e um grande abraço.

(\$211 A)



**Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e TV, sobre as eleições 2010**

Minhas amigas e meus amigos,

No último domingo, o povo brasileiro, mais uma vez, deu uma extraordinária demonstração do vigor da nossa democracia. Mais de 106 milhões de eleitores foram às urnas. E, num ambiente de tranquilidade e entendimento, mas também de paixão e entusiasmo, promoveram uma grandiosa festa democrática em todo o Brasil.

Estamos todos de parabéns. Como Presidente da República, quero dividir com vocês o meu sentimento: estou muito orgulhoso do nosso povo e do nosso país.

Quero dar também os parabéns também à Justiça Eleitoral, que dirigiu com equilíbrio e competência a disputa. Horas depois de encerrar o pleito, graças ao sistema eletrônico de votação e apuração, já conhecíamos os resultados.

Minhas amigas e meus amigos,

A festa democrática de domingo foi o coroamento de um processo eleitoral que mobilizou o país durante meses, no qual foram escolhidos não só a nova Presidente, como também governadores, senadores, deputados federais, estaduais e distritais.

Esse processo foi realizado sob o signo da liberdade. O povo pôde escolher seus dirigentes e representantes livremente. Também livremente, partidos e candidatos puderam expressar suas opiniões, defender suas ideias e criticar as propostas dos seus adversários.

Foi assim, em meio a um amplo debate nas ruas, no trabalho, nas escolas, no rádio, na televisão e na internet, que cada cidadão e cada cidadã,



sem qualquer tipo de coação, pôde avaliar candidatos e projetos, firmar convicções e amadurecer o seu voto.

Nas urnas, falou o povo. Falou com voz clara. Falou com convicção. Agora cabe a todos respeitar sua vontade. Os escolhidos para governar devem ter a liberdade para organizar suas equipes e colocar em prática suas propostas, de modo a honrar os compromissos assumidos com a sociedade. Já aqueles a quem o povo colocou na oposição devem ter a liberdade de criticar e apontar os erros dos governantes, para que possam em eleições futuras se constituir como alternativa.

Passadas as eleições, quando é compreensível que o calor da disputa gere confrontos mais duros, é importante que governo e oposição, sem abrir mão de suas opiniões, respeitem-se mutuamente e divirjam de forma madura e civilizada.

Como todos sabemos, o Brasil vive hoje um momento mágico, de crescimento econômico, inclusão social, forte geração de emprego, distribuição de renda e redução das desigualdades regionais. Estou convencido de que, nos próximos anos, o Brasil poderá consolidar-se como uma terra de oportunidades e de prosperidade, transformando-se numa nação desenvolvida. Avançaremos mais rápido nessa direção, se soubermos qualificar o debate político.

Minhas amigas e meus amigos,

Quero dar os parabéns à companheira Dilma Roussef. Para mim, primeiro trabalhador eleito Presidente da República, será motivo de grande satisfação transmitir a faixa presidencial, no próximo dia 1º de janeiro, à primeira mulher eleita Presidente da República. Tenho perfeita consciência do imenso simbolismo desse ato.

Ele proclamará ao mundo inteiro – e a nós mesmos – que somos um país com instituições consolidadas, capazes de absorver mudanças e progressos. E que somos também um país que aprendeu a duras penas que



não há preconceito, por mais forte que seja, que não possa ser vencido e superado pela tenacidade do povo.

Simbolicamente, estaremos proclamando ainda que ninguém é melhor do que ninguém. Não importam as diferenças de origem social, de sexo, de sotaque ou de fortuna. Somos todos brasileiros. E todos devem ter oportunidades iguais, o direito a sonhar com dias melhores e o apoio para melhorar sua vida e a de sua família.

Boa noite!

(\$213A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
jantar oferecido pelo Presidente de Moçambique, Armando Guebuza**

**Maputo-Moçambique, 09 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro e amigo Armando Guebuza, presidente da  
República de Moçambique,

Meu caro companheiro Aires Ali, primeiro-ministro de Moçambique,

Meu querido companheiro ex-presidente de Moçambique, companheiro  
Chissano,

Meu caro Oldemiro Marques Balói, ministro dos Negócios Estrangeiros  
de Moçambique, por intermédio de quem cumprimento todos os ministros  
moçambicanos aqui presentes,

Senhora presidente da Assembleia, Verónica Macamo,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
por intermédio de quem cumprimento todos os ministros que vieram comigo  
nesta delegação,

Meu caro companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,  
reeleito para governar por mais quatro anos o estado do Ceará. Ceará, estado  
em que na cidade de Redenção vai receber a Unilab, a Universidade Afro-  
Brasileira,

Meu querido companheiro senador Marcelo Crivella, companheiro que  
no Senado tem trabalhado muito para ajudar a fortalecer a integração África-  
Brasil,

Senhoras e senhores,

Amigos e amigas da imprensa de Moçambique e da imprensa brasileira,

É com imenso prazer que retorno a Moçambique. Não há como um  
brasileiro não se sentir em casa nesta terra, berço de parte importante da



nossa nacionalidade. Este é um dos países que mais visitei na África. Aqui estive em minha primeira viagem ao continente como chefe de Estado. Aqui faço minha despedida, depois de oito anos de mandato.

Também tive o privilégio de receber três visitas de presidentes moçambicanos em Brasília. Esses encontros refletem o extraordinário desenvolvimento dos laços que nos unem.

Moçambique é hoje o maior parceiro da cooperação brasileira na África. São mais de 30 iniciativas em curso nas áreas de saúde, educação, formação profissional, esporte e ciência e tecnologia. Essas iniciativas simbolizam o perfil estratégico que temos dado às relações do Brasil com a África.

Com o início das atividades da fábrica de antirretrovirais, vamos contribuir para combater pandemias e salvar vidas. Estamos transferindo conhecimento e tecnologia que vão permitir a Moçambique formular uma política industrial farmacêutica, além de impulsionar as políticas públicas de combate à Aids. Moçambique poderá produzir remédios para outras regiões da África e tornar-se centro de capacitação e treinamento para o todo o continente africano.

A implantação de polos da Universidade Aberta do Brasil em Moçambique é outra iniciativa de grande alcance social, pois permitirá aos mais pobres o acesso à educação superior. A Universidade Aberta terá efeito multiplicador. Fomentará a educação de qualidade em todos os níveis, pois seu foco prioritário é a capacitação de professores da educação básica.

Outro campo em que já dispomos de parceria exemplar com o continente africano é a agricultura. Em colaboração com o Japão, vamos desenvolver, já a partir de 2011, uma iniciativa de grande impacto social e econômico: o Pró-Savana. Essa cooperação procura reproduzir, no Norte de Moçambique, o sucesso do Programa de Desenvolvimento do Cerrado, que transformou a região central do Brasil – antes, área improdutiva – num dos principais celeiros da agricultura brasileira.



Com a maior aproximação de ministérios e agências especializadas dos dois países, bem como a crescente interação entre a Eletrobras e a EDM, poderemos avançar nossa cooperação no setor elétrico.

O empresariado brasileiro compartilha do nosso entusiasmo e otimismo quanto às possibilidades de Moçambique. Além da participação da Vale no projeto de extração de carvão em Moatize, outras empresas brasileiras presentes em Moçambique contribuem para o desenvolvimento da infraestrutura do país. A Camargo Corrêa participa no projeto hidrelétrico de “Phanda-Ankua”, e a Odebrecht atua nas obras no Porto da Beira.

As linhas de crédito oferecidas pelo Brasil darão renovado impulso ao comércio e aos investimentos bilaterais. Dos US\$ 300 milhões que acordamos como financiamento brasileiro a projetos de infraestrutura moçambicanos, os primeiros US\$ 80 milhões já estão liberados para as obras do aeroporto de Nacala.

Mais investimento significa mais exportações, mais empregos, mais saúde e mais educação para nossos povos e nossas regiões. Significa também mais tecnologia de ponta.

Podemos avançar em direção a um padrão de TV digital comum, que colocará a América do Sul e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral na vanguarda do acesso democrático à informação.

Meu caro companheiro Guebuza,

Moçambique e Brasil são dois países convencidos da necessidade de construir uma ordem internacional mais justa e equânime. A reforma das instituições globais não pode ignorar a crescente importância da África e da América do Sul. Nossas economias estão entre as mais dinâmicas do mundo e entre as que primeiro retomaram o crescimento após a crise financeira.

Na caminhada de Moçambique rumo à reconstrução nacional, seu melhor aliado será uma governança global democrática e equilibrada.

É preciso que o Banco Mundial e o Fundo Monetário abandonem, de



uma vez por todas, seus dogmas obsoletos e condicionalidades absurdas. O desenvolvimento da América [África], da Ásia e da América Latina contribui para o crescimento global e para a diminuição do desequilíbrio entre ricos e pobres. Mas é preciso que as economias dos países ricos também retomem seu crescimento.

A experiência de décadas passadas – inclusive a brasileira – demonstra que ajustes recessivos acarretam recessão, desemprego e mais desigualdades sociais. A instabilidade cambial e as desvalorizações competitivas de moedas só alimentam o círculo vicioso da ação unilateral e estimulam o protecionismo em todo o mundo. É fundamental que os mecanismos de governança econômica global garantam a retomada do crescimento mundial forte e sustentável.

Essas são as mensagens que o Brasil levará à Cúpula do G-20 de Seul, nos próximos dias.

Caro amigo Guebuza,

Como nos diz o escritor moçambicano, Mia Couto – diz ele: "os lugares não se encontram, constroem-se". Essas palavras devem inspirar nossas ações. Tenho certeza de que não pode haver paz e desenvolvimento no mundo se a comunidade internacional não se voltar para o continente africano.

O dinamismo da economia e o compromisso com a democracia e a melhoria da qualidade de vida da população são outros traços marcantes deste grande país em ascensão.

Nos últimos meses, missões bilaterais se reuniram aqui em Moçambique e no Brasil com o objetivo de encontrar alternativas de cooperação recíproca que tornassem possível ao BNDES financiar a construção de obras prioritárias para o desenvolvimento de Moçambique.

Hoje, tenho a grande satisfação de poder comunicar ao meu amigo presidente Guebuza que a diretoria do BNDES acaba de aprovar o financiamento para exportações de bens e serviços brasileiros, no valor de US\$





80 milhões, destinados à construção do Aeroporto de Nacala. Felicito a todos os envolvidos no esforço de viabilizar esse projeto do Aeroporto de Nacala, que dá início, assim, a uma nova etapa das relações Brasil-Moçambique.

Meu caro companheiro Guebuza,  
Meus companheiros ministros de Moçambique,  
Companheiros ministros brasileiros,

Falta só uma página do meu discurso, mas eu me sinto na obrigação de dizer algumas palavras de improviso ao meu amigo Guebuza e aos meus amigos de Moçambique.

Eu estou terminando um mandato de oito anos. Oito anos, Guebuza, parece muito para quem está na oposição à espera de uma eleição, mas é quase nada, é quase nada para quem está no governo. Eu nem vi passar os oito anos. Eu até me assustei quando disseram que ia ter eleições, de tão rápido que passou o meu mandato.

Certamente, isso acontece quando as coisas vão bem, quando o presidente é bem avaliado, quando o resultado das políticas públicas reproduz no seio e na alma de cada ser humano daquele país resultados concretos, e permite que eles vejam melhoria na qualidade de vida do seu povo. Se o governo vai mal, oito anos é um sacrifício, o presidente não dorme, não come, não fala com a imprensa, não anda na rua, e sequer faz comício. Ele se tranca numa redoma de vidro, cheia de assessores, porque todos nós, presidentes, construímos em torno de nós um *entourage*, que quando está bom são eles que fazem, quando está ruim eles apenas nos comunicam que está ruim e nós temos que resolver.

Mas, de qualquer forma, nós estamos chegando ao final de um mandato numa situação altamente privilegiada. Primeiro, a relação do Brasil com a África. Eu sinto muito orgulho de ter sido no meu mandato – o presidente da República e também os meus ministros que, mais de dois séculos e mais... desde a Proclamação da República – o governo que mais atuou no continente



africano. São 12 viagens à África, quase 30 países visitados, alguns três vezes, como Moçambique.

E faço isso, faço isso por interesse do Estado brasileiro. Faço isso para contrariar aqueles que, durante décadas e séculos, tentaram vender às gerações que os antecederam [sucederam], que o Brasil, por ser um país colonizado, era um país que não tinha direitos, era um país que tinha que estar sempre subordinado à orientação e às decisões das chamadas economias ricas da Europa e dos Estados Unidos.

Eu aprendi, desde muito pequeno, que ninguém respeita um ser humano que não se respeita, e muito menos alguém respeita um Estado que não se respeita. Nenhum país, nenhum país é grande pela sua capacidade tecnológica apenas, nenhum país é grande apenas pela sua população, nenhum país é grande apenas pelo seu PIB, nenhum país é grande apenas pela sua força armamentista. Nós somos maiores ou menores de acordo com o nível de consciência política que nós temos e de acordo com a autoestima e a visão de soberania do país que nós queremos construir.

Foi com essa visão que nós viemos ao continente africano pagar uma dívida que não pode ser paga financeiramente, pagar uma dívida que não pode ser mensurada do ponto de vista do valor monetário, mas pagar uma dívida que só pode ser paga com demonstrações de solidariedade, de compreensão e de política de compartilhamento das coisas boas que sejamos capazes de produzir.

O Brasil não tem dinheiro, mas o Brasil tem conhecimento que pode partilhar com o continente africano e que pode partilhar com Moçambique, seja do ponto de vista da política industrial, seja do ponto de vista da política agrícola, seja do ponto de vista da política industrial na área de alimentos, seja do ponto de vista da interligação científica e tecnológica, o Brasil tem muito para contribuir.

Acontece, meu caro Guebuza, que durante muito tempo nós fomos



governados por gente que tinha a cabeça manipulada pela ideia de que nós éramos seres inferiores e que, portanto, nós deveríamos obedecer a quem tinha mais dinheiro, a quem tinha mais tecnologia, a quem tinha nos colonizado. Esse tempo acabou.

E hoje, é com muito orgulho, que eu termino a minha visita ao continente africano, porque esta será a última visita que eu faço ao continente africano enquanto presidente da República, aqui na nossa querida Maputo, no nosso querido país chamado Moçambique, país a que o Brasil deve muito da sua formação política, cultural e, por que não dizer, da cor e do jeito de ser de 185 milhões de brasileiros.

Nós temos muito, nós temos muito para fazer, porque também é verdade, Guebuza, que muitas vezes países africanos acharam que a solução dos seus problemas estava em aderir imediatamente à política dos nossos colonizadores. “Ah, como seria importante que Moçambique tivesse uma relação mais próxima com os Estados Unidos, que têm muito dinheiro e, portanto, viria o dinheiro de que Moçambique precisa. Ah, como seria bom se Moçambique tivesse muito mais proximidade com os países europeus, que têm muito dinheiro, e, portanto, virá para cá mais ajuda e tecnologia”. Não é verdade, não é verdade porque nenhum país vai ajudar o outro a se desenvolver, se o país que necessita de desenvolvimento não tomar a iniciativa de dizer o que quer, como quer e para o que quer.

Quando nós viemos aqui instituir a Universidade Aberta, que eu tive o prazer de inaugurar os três primeiros polos hoje, os nossos educadores brasileiros tiveram como primeira missão, não vir aqui em Moçambique e dizer como é que no Brasil está dando certo a Universidade Aberta, mas viemos aqui, humildemente, perguntar aos educadores de Moçambique o que eles queriam e como queriam que nós pudéssemos ajudá-los a terem aqui o que nós temos no Brasil com 600 polos da Universidade Aberta. A Universidade Aberta, meu querido Guebuza, chegará, em 2012, com 7.900 mil alunos aqui



em Moçambique. Junto com a Universidade Aberta nós estaremos inaugurando, na cidade de Redenção, no estado do Ceará, em 2011 ou 2012, a Universidade Afro-Brasileira, onde nós queremos pelo menos 5 mil alunos africanos e 5 mil alunos brasileiros aprendendo aquilo que nós precisamos aprender para ajudar a desenvolver.

Eu disse hoje aos estudantes na aula magna – que eu nem sabia que ia dar aula magna –, eu disse aos estudantes que nós precisamos discutir com muito carinho como levar esses estudantes africanos dos países de língua portuguesa ao Brasil, e não, e não facilitar apenas o estudo deles, e não criar as condições para que eles, chegando ao Brasil, não queiram mais voltar para Moçambique. Se isso acontecer, será um fracasso do nosso projeto de ajudar a África a se desenvolver. É preciso que nós levemos esses jovens ao Brasil, mas, ao mesmo tempo, façamos com que eles não percam de vista que o curso que estamos fazendo, que o investimento que estamos fazendo só tem razão de ser se esse menino e essa menina puderem aprender o que tiverem que aprender e voltarem para a sua pátria para ajudarem essa pátria a se desenvolver, aplicar aqui os ensinamentos aproveitados nas nossas universidades. Aí, sim, nós estaremos criando quadros, criando gestores, criando os engenheiros, criando os médicos, criando os engenheiros agrícolas para, definitivamente, fazer com que o continente africano, e, dentro do continente africano, Moçambique, não jogue fora o século XXI como nós jogamos fora as oportunidades do século XX.

Como seria maravilhoso se depois da conquista da independência em Moçambique não houvesse a necessidade de uma guerra civil que, muitas vezes, foi mais sangrenta do que a luta pela independência. Como seria maravilhoso se depois da conquista da independência não tivesse havido a guerra civil em Angola. Como seria maravilhoso se os seres humanos compreendessem que só existe uma possibilidade de a gente se desenvolver, crescer e melhorar a vida das pessoas: é com democracia e com paz. Fora



disso, nós gastaremos a nossa energia e a nossa inteligência para construir coisas que só destroem, e não construir coisas que signifiquem a melhoria do futuro de Moçambique.

Este país é um país maravilhoso. Eu não sei, ele já foi chamado de Princesa do Índico, de Rainha do Índico, ou seja, todos os adjetivos elogiosos possíveis Portugal fez a Moçambique quando aqui ele governava. Nós, agora, precisamos dizer o mesmo, com Moçambique livre e independente.

As empresas brasileiras, meu caro Guebuza, estão aqui, muitos empresários de empresas importantes, e não estão aqui apenas para aproveitar o potencial mineral de Moçambique. Eles sabem que, na filosofia do nosso governo, eles não podem ser empresários predadores, que queiram vir aqui apenas para tirar riqueza. Eles têm que vir aqui, sobretudo para ajudar a construir a riqueza que o povo de Moçambique precisa para se desenvolver e se transformar em uma nação forte economicamente e justa socialmente.

Por isso, meu querido companheiro Guebuza, quando viajar amanhã para Seul para discutir com o G-20 a crise econômica mundial, eu saio daqui com a convicção de que apenas estamos começando o nosso trabalho com o continente africano, de que a nossa futura presidenta da República, a companheira Dilma Rousseff, pode ter certeza disso, ela tem os mesmos compromissos que eu tenho com a África porque ela participou, junto comigo, da elaboração de muitas das políticas que nós fizemos na África. Portanto, estejam certos de que a política do Brasil para o continente africano e para Moçambique irá continuar e irá se fortalecer.

Os empresários brasileiros, os empresários brasileiros aprenderam, como dizia o nosso amigo Roger Agnelli ao Celso Amorim, em um desses encontros aí: “Eles sabem que eles não podem procurar minério na Quinta Avenida e, muito menos, petróleo na Torre Eiffel”. Eles têm que vir para o continente africano se quiserem discutir agricultura, se quiserem discutir a questão da produção de alimentos e se quiserem discutir desenvolvimento e



exploração de minério. Não apenas explorar para levar, porque sabe o companheiro Roger, também, que é preciso que a gente possa construir fábricas aqui para que a gente possa gerar empregos aqui, para que eles possam exportar valor agregado também e atender as suas necessidades.

É com essa visão, meu querido companheiro Guebuza, meu querido companheiro de Moçambique, que eu, amanhã, deixo Moçambique, com a convicção de que nós fizemos muito, mas fizemos pouco diante daquilo que ainda precisa ser feito. Nós estamos apenas começando. Durante séculos nem vocês olhavam para nós, nem nós olhávamos para vocês. Durante séculos vocês olhavam para a Europa e nós olhávamos para a Europa. Vocês olhavam para os Estados Unidos e nós, para os Estados Unidos. Agora nós aprendemos. Nós vamos continuar olhando para eles, mas nós precisamos olhar um pouco para nós. Nós precisamos saber o que nós temos a oferecer para nós mesmos. Nós não podemos abandonar quem tem similaridade, quem está próximo, do ponto de vista cultural, do ponto de vista político, do ponto de vista das raízes, e ficar procurando no diferente a solução para os problemas que juntos nós poderemos resolver.

É com essa convicção, meu querido companheiro Guebuza, meus companheiros moçambicanos, que eu faço – talvez amanhã tenha um pouquinho mais –, mas eu faço a minha despedida do continente africano, neste meu mandato de presidente da República, pedindo a todos os companheiros que possam levantar as suas taças em um brinde ao povo de Moçambique, ao presidente Guebuza, ao seu governo e, eu diria, a todo o continente africano.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a aula inaugural por ocasião da instalação do Polo da Universidade Aberta do Brasil, no Instituto Nacional de Educação a Distância-INED**

**Maputo-Moçambique, 09 de novembro de 2010**

Bem, eu quero, primeiro, dizer aos nossos queridos representantes do governo de Moçambique, aos ministros de Moçambique, aos nossos alunos da Universidade Aberta que estão aqui em Maputo, aos ministros brasileiros, da minha alegria de estar retornando, aqui, pela terceira vez a Moçambique. Possivelmente, eu tenha vindo a Moçambique mais do que o somatório de todos os outros presidentes do Brasil, que vieram muito pouco a Moçambique.

Quero cumprimentar o companheiro professor Venâncio Massingue, ministro da Ciência e Tecnologia de Moçambique,

Quero cumprimentar o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Quero cumprimentar a senhora Lucília Nota Hama, governadora da cidade de Maputo,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro governador do estado do Ceará, Cid Gomes,

Quero cumprimentar o senador, companheiro Crivella, que está aqui presente,

Quero cumprimentar os embaixadores que estão aqui,

Os magníficos reitores das universidades de Moçambique e do Brasil,

Quero cumprimentar o companheiro Jorge Guimarães, presidente da Capes,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos, que acabou de falar aqui – secretário Nacional de Educação a Distância,

E cumprimentar o senhor Antônio Domingues Frank, diretor do Instituto



Nacional de Ensino a Distância de Moçambique,

Cumprimentar todos os companheiros que estão aqui, os estudantes de Maputo, os estudantes de Lichinga e os estudantes de Beira.

Meus companheiros e companheiras,

A nossa conversa vai se dar em dois momentos: um, lendo meu roteirinho que está aqui, e o outro, dando um pouco das minhas emoções de voltar a Moçambique mais uma vez.

Nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a Educação. É por isso que o dia de hoje se reveste de grande significado para Moçambique e para o Brasil. Estamos dando um passo vigoroso para a cooperação entre nossos países, cujo alcance, talvez, não possamos sequer imaginar com precisão neste momento.

Hoje, com o lançamento dos primeiros polos moçambicanos da Universidade Aberta do Brasil, estamos dando um passo firme em direção a um maior aprofundamento da cooperação entre nossos países. Nada é mais urgente do que a capacitação de moçambicanos e brasileiros para construir sociedades cada vez mais democráticas e prósperas, e, assim, firmar nossa presença soberana no mundo.

Isso só será possível com a melhoria da Educação em nossos países. A Universidade Aberta parte dessa premissa e persegue esse objetivo. Sua implantação no Brasil nasceu da convicção de que, ao fortalecer a Educação, amplia-se a capacidade de dar respostas para os demais problemas do nosso país. A Universidade Aberta constitui extraordinário instrumento em favor de um ensino público transformador. Ela permite levar o ensino superior a locais onde é difícil instalar universidades tradicionais. Ela é, sobretudo, instrumento de democratização do acesso ao ensino superior.

Hoje, no Brasil, são quase 600 polos, em todos os 27 estados brasileiros, estabelecidos em parcerias com universidades públicas





reconhecidas pela excelência do ensino que oferecem ao nosso povo. Os estudantes contam com infraestrutura de laboratórios e bibliotecas, além da assistência de professores e tutores treinados nas ferramentas de Educação a distância. A infraestrutura de informática permite aos estudantes interagir com professores, mesmo quando esses estão a centenas ou milhares de quilômetros de distância.

Essas ferramentas estarão, a partir de agora, à disposição dos alunos moçambicanos, que poderão interagir com seus professores da mesma forma que os estudantes de Lichinga e da Beira podem nos acompanhar agora, aqui na cidade de Maputo.

Os três primeiros polos da UAB de Moçambique oferecerão os cursos de Biologia, Matemática, Pedagogia e Administração Pública. Neles, uma equipe de especialistas brasileiros trabalhou, junto com educadores moçambicanos, para adaptar a linguagem do material didático e dos professores, de modo a tornar os cursos oferecidos adequados à realidade local.

Até 2014... até 2014 ou até 2011, Secretário? Ou até 2012? Nós vamos sair de três para nove cursos... para nove polos?

\_\_\_\_\_ : (incompreensível), provavelmente 2012 (incompreensível).

**Presidente:** Então, no ano que vem nós sairemos de três para sete e, possivelmente, em 2012 estaremos com nove polos em funcionamento, o que permitirá acreditarmos e dizer para vocês... tornar o sonho realidade, de termos 7.290 alunos estudando na Universidade Aberta de Moçambique.

Meus amigos e minhas amigas,

A promoção do intercâmbio educacional é elemento catalisador da criatividade dos povos. Com a Universidade Aberta ofereceremos às nossas sociedades as portas de um futuro de realizações conjuntas. Na era da informática, dos bancos de dados, do correio eletrônico e da televisão digital,



devemos explorar plenamente o potencial oferecido pela adoção de meios de comunicação que aproximem nossos povos.

A pobreza e a riqueza das nações não se medem apenas pela pujança econômica. Aos números do Produto Interno Bruto devem somar-se os índices de qualidade de vida, Saúde e Educação de um povo. O conhecimento e a informação são cada vez mais importantes para o aprimoramento espiritual da Humanidade, mas também para viabilizar o progresso econômico e o bem-estar dos povos.

Meus amigos e minhas amigas,

Terminado o meu ritual institucional, eu queria – já que estão faltando menos de dois meses para eu deixar a Presidência da República do Brasil e, portanto, eu vou sentir saudade dos microfones, de poder falar diretamente com o povo de Moçambique, através dos alunos da escola em Maputo, em Lichinga e na Beira.

Dizer para vocês que o dia de hoje é a concretização de um sonho de alguns anos atrás. Vocês sabem que nessa coisa de política internacional os sonhos são mais demorados do que na nossa relação familiar ou na nossa relação interna de cada estado e de cada país. Porque, muitas vezes, as coisas demoram mais do que a gente gostaria que demorassem.

Quando nós instituímos a universidade aberta no Brasil, que foi uma possibilidade extraordinária de levar a universidade a cidades pequenas, às pessoas que não tinham mais esperança de ir para uma universidade, a primeira coisa que eu pedi ao meu ministro Fernando Haddad era que nós discutíssemos a possibilidade, junto com os nossos especialistas, de trazermos a universidade aberta para os países africanos, a começar pelos países de língua portuguesa. Porque, dando certo, nós iríamos mostrar aos governos de outros países, como França e Inglaterra, sobretudo, que tem muitos países na África que falam inglês e francês, que eles também pudessem introduzir nos países de língua inglesa e de língua francesa a universidade aberta. E nós



precisaríamos construir o modelo para provar que é possível as coisas darem certo.

No Brasil, pelo menos no meu governo, nós temos o hábito de debater um pouco mais que outros lugares. Nós não gostamos de fazer a coisa de cima para baixo, ou seja, um professor pensa e tenta introduzir imediatamente o que ele pensou numa sala de aula. Não. O que nós queremos é construir conjuntamente um modelo de universidade, um modelo de ensino e um modelo de aprendizagem que possa ser mais versátil e, além de versátil, ser mais motivador, para que as pessoas venham para a escola de forma prazerosa, com vontade de aprender, e com a certeza de que aquele aprendizado vai lhe permitir ter a possibilidade de um emprego ou da prestação de um serviço público ou privado que possa lhe dar condições de cuidar mais e melhor da sua família. Se não houver essa perspectiva, as pessoas se sentem mais desmotivadas.

Eu comentava com o meu ministro das Relações Exteriores que nós temos um diplomata brasileiro, Cid, muito competente, que é o nosso companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, que ele, um dia, reuniu os filhos dele para discutir a situação dos filhos, e ele perguntou para os filhos dele: “Vocês querem ganhar dinheiro? Vocês querem viver bem? Vocês querem ganhar bem? Vamos discutir as possibilidades. Uma possibilidade é roubar. Roubar é muito perigoso, você pode ser preso, você pode ser morto. Então, é improvável que roubar seja uma saída. Mas tem outra possibilidade: casar com uma mulher rica”. Ele dizia: “É pouco provável, porque os pais das mulheres ricas estão muito zelosos, não estão permitindo que elas se casem com qualquer um. A outra possibilidade é ganhar na loteria. Mas, também, todo mundo sabe que milhões jogam e apenas um ganha”. Esses dias, um cearense ganhou sozinho na Mega-Sena do Brasil. Então, só existe uma possibilidade: é estudar. Só existe uma possibilidade: é estudar, com a convicção de que somente o estudo é que pode garantir às pessoas, independentemente da religião ou da



origem social, a igualdade de oportunidades, de disputar o mesmo emprego, de disputar o melhor salário e de disputar as melhores coisas que se apresentam num país.

Foi pensando nisso que nós resolvemos, no Brasil, fazer uma pequena revolução na Educação brasileira, e eu quero dizer isso aos companheiros da Beira, aos companheiros de Lichinga e aos companheiros de Maputo, e quero dizer aos ministros que estão aqui. Quis a história que o Brasil tivesse, pela primeira vez, um presidente que não tem diploma universitário e um vice-presidente que não tem diploma universitário também. Ora, tanto o Zé Alencar quanto eu gostaríamos muito de ter um diploma universitário. Eu, por exemplo, gostaria de ser professor de História que nem o Marco Aurélio, para ser chamado de contador de histórias. Ou eu gostaria de ser economista. Economista é fantástico porque economista, sobretudo quando é de oposição, ele sabe tudo. Quando chega ao governo, que tem que fazer, já não sabe tanto quanto sabia. Quem é que não gostaria de ser advogado, grandes discursos? E ainda vem no adesivo do carro “qualquer problema, procure um advogado”. É como se fosse uma representação de Deus, de tanto poder.

Mas eu fui apenas torneiro mecânico e o Zé Alencar virou empresário. E vejam que engraçado: depois de oito anos nós vamos terminar o nosso mandato, e nós seremos o presidente e o vice-presidente que mais fizeram universidades federais na história do Brasil, que mais fizeram escolas técnicas na história do Brasil e que mais criaram oportunidades de estudantes entrarem nas escolas.

Vou dar três exemplos para vocês. O Brasil, em cem anos, construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, estamos inaugurando 214 escolas técnicas. Nós estamos inaugurando 14 universidades federais novas e 126 campi avançados, levando braços da universidade para todo o interior do país, para que os jovens não tenham que sair do interior para ir para a capital. Nós criamos um programa chamado ProUni, que foi um acordo que fizemos com as



universidades privadas, onde nós fizemos um abatimento no imposto que eles não pagavam, e transformamos o equivalente ao imposto em bolsas de estudo. Nesse momento, já passaram pelo ProUni 748 mil alunos, e eu tive o prazer de participar da primeira turma de alunos formados médicos pelo ProUni. No ProUni há uma coisa interessante: só podem entrar jovens da escola pública e pobres da periferia, e 40% dos estudantes são negros – meninos e meninas negras – da periferia do Brasil.

Além disso, nós fizemos um pacto com os reitores e criamos o Reuni. O Reuni... nós passamos um pouquinho mais de dinheiro para os reitores, aumentamos de 12 para 18 a média de alunos por professor, e nós conseguimos, em um ano e meio, sair de uma renovação histórica de 113 mil alunos por ano para, no ano passado, renovar 259 mil alunos, ou seja, mais do que dobramos o número de renovação.

Todos vocês estão convidados para, acho que no dia 10 de dezembro ou quando a minha agenda permitir, ainda este ano, a gente lançar a pedra fundamental da Unilab. A universidade, a Universidade Afro-Brasileira é uma universidade pensada para ter metade de alunos brasileiros, metade de alunos africanos para que a gente possa, no estado do Ceará, na cidade de Redenção, onde foi a primeira cidade a começar a luta pela libertação da escravidão, a gente ter uma universidade para acolher milhares de jovens da África para estudar.

Nós... eu não estou vendo o pessoal da Beira bater palmas e não estou vendo nem o pessoal de Lichinga bater palmas. Ou eles não estão nos ouvido... estão (incompreensível)... não, aqui é Maputo, aqui está na minha frente. Não? Pois bem, pois bem. (incompreensível) nós temos uma preocupação com essa universidade, que nós vamos ter que discutir com o Ministério da Educação de Moçambique, com os reitores. Porque nós não queremos repetir o erro de pegar meninos e meninas de Moçambique, levar para o Brasil para estudar, eles chegam lá, arrumam logo uma namorada ou



um namorado brasileiro, se formam e não querem voltar mais. O que nós queremos é que, mesmo ele indo estudar no Brasil, que possa interagir de qualquer forma com o seu país, para que de tempos em tempos ele venha para cá para estudar aqui e para trabalhar aqui, para que ele saiba que quando ele terminar o curso ele tem obrigações para com o povo do seu país e, sobretudo, para com o povo de Moçambique. É assim que a gente quer, porque senão as pessoas vão lá, se formam, e não querem voltar mais. E, para isso, é importante que o governo de Moçambique saiba, que o governo brasileiro saiba que nós temos que criar oportunidades de emprego para esses jovens. Ao aprenderem uma profissão, eles saberem que vão poder ganhar o pão de cada dia trabalhando honestamente e decentemente.

É importante... eu falei da Educação porque a Educação é o único instrumento que a Humanidade conhece que dá igualdade de condições às pessoas. É a Educação que dá igualdade de condições... o que você quer que eu leia aí? Passa para mim o papel. Você está com um papel... isso aqui é que nem um programa de auditório, meu filho. Isso aqui é que nem um programa de auditório. Veja, mas não vamos discutir um problema nosso, interno, aqui em uma aula magna. Eu adoro o nome “magna”, aula magna. Eu já adoro o nome “magnífico reitor”.

Bem, então, companheiros e companheiras, este dia é gratificante para mim, porque este dia é a conclusão de um trabalho que não foi fácil a gente fazê-lo, em um primeiro momento. Quando nós decidimos priorizar a nossa relação com o continente africano e, dentro do continente africano, a gente privilegiar a nossa relação com os países de língua portuguesa, tem algumas razões: a primeira é a dívida histórica que nós temos com a formação do povo brasileiro, que tem muito a ver com o povo do continente africano. Ou seja, o povo brasileiro é o que é, alegre, bonito, gosta de samba, de carnaval, de futebol, tem a cintura mole, tudo isso por causa da nossa miscigenação e dessa mistura extraordinária entre africanos, índios e europeus. Essa, na



verdade, é uma vantagem comparativa que nós deveríamos ter em relação ao restante do mundo, mas como nós tivemos a nossa cabeça colonizada durante séculos, nós aprendemos que somos seres inferiores e que qualquer um que enrola a língua é melhor do que nós. E, muitas vezes, nós não percebemos que, para eles, também nós enrolamos a língua. Agora, o que nós queremos, na verdade, com essa decisão de opção pela África é a gente levantar a cabeça juntos e a gente construir juntos um futuro em que o Sul não seja mais fraco do que o Norte, em que o Sul não seja dependente do Norte, e que nós, se acreditarmos em nós mesmos, nós poderemos ser tão importantes quanto eles; nós poderemos ser tão sabidos quanto eles; nós poderemos produzir tanto quanto eles.

Eu estou aqui com o Presidente da Embrapa. A Embrapa é uma empresa brasileira de tecnologia na área da agricultura e pecuária. Pois bem, o Brasil está aqui provando que um país como o Brasil, que era considerado do Terceiro Mundo, pode ter a empresa mais importante no mundo, no mundo, para tecnologia na agricultura tropical. O Brasil é imbatível em produzir, seja na qualidade, seja quantidade por hectares. O Brasil, graças à Embrapa, é hoje o maior exportador de café, de suco de laranja, de carne de frango, de carne de porco, de carne de vaca... suco de laranja... o segundo ou o terceiro de soja; de etanol, de biodiesel...

Agora, veja que engraçado: quando olha o mapa do mundo, e a gente percebe que tem mais chinês comendo, a gente percebe que tem mais indiano comendo, a gente percebe que tem mais africano comendo, a gente percebe que tem mais brasileiro comendo, que tem mais latino-americano comendo, a gente começa a perceber que o mundo vai precisar de mais alimentos. Ninguém come minério de ferro, ninguém come *chip*, ninguém come telefone celular. Nós comemos comida! E comida é plantada na terra, e precisa de sol e de água. E quem tem mais solo e água do que nós, na América Latina e na África? Quem tem mais terra disponível, terra arável e agricultável?



Nós ainda não exploramos 0,5% do potencial agrícola da savana africana, que tem o mesmo potencial produtivo do cerrado brasileiro. E nós estamos com a Embrapa, pesquisando. Nós podemos, daqui a alguns anos, ver a África sair dessa situação de continente pobre e miserável. E pode o chinês ter mais tecnologia, pode o alemão ter mais tecnologia, mas na hora em que eles quiserem comer têm que falar com vocês. E o cidadão com fome não consegue nem apertar a tecla do celular, não consegue nem ficar brincando no iPod. Então, eles tentam desvalorizar aquilo que nós temos potencial de produzir e supervalorizam o que eles produzem, e nós aceitamos.

Então, eu espero que essa universidade aberta que está sendo criada em Moçambique possa ser mais uma célula de consciência para que a gente não se permita mais ser tratados como se fôssemos inferiores.

Não pensem que o presidente Lula tem muita popularidade porque fica no gabinete lendo jornal e conversando com jornalistas. A minha popularidade é resultado do meu trabalho de viajar, de conversar com o povo, de não ter medo de discutir qualquer assunto, em qualquer momento. Eu acho que a África pode, Moçambique pode, e acho que todo mundo pode levantar a cabeça e tornar o mundo mais justo e mais igual. Isso se dará através da Educação. Sobretudo a juventude, não existe nenhuma possibilidade de um jovem acordar, de manhã, desanimado. Eu posso, que já estou com 65 anos de idade, estou mais próximo de Deus do que da Terra. Eu posso me levantar, de manhã, mal-humorado, sobretudo quando estiver com dor nas costas. Aí já começo a pensar que chegou o fim. Mas um jovem de 20 anos, de 25, de 18 não tem por que se levantar desanimado. Ele tem que acreditar que somente a sua vontade, somente a sua disposição, somente a sua capacidade de acreditar nele próprio é que vai fazer com que ele possa vencer na vida. Porque, também, não existe possibilidade de ninguém, individualmente, ficar dando oportunidades para os outros. É o Estado que tem que dar. Não permito que aqui em Moçambique aconteça o que aconteceu no Brasil nos anos 90, em





que alguma meia dúzia começou a dizer que o problema da Educação seria resolvido pelo mercado: “o mercado vai resolver o problema da Educação”. Quem vai resolver o problema da Educação é o Estado, é o Estado que tem que assumir a responsabilidade, porque é o Estado que é o pai, que é o tutor, que é o filho, que é o irmão, que é a razão da nossa existência, e nós somos a razão da existência do Estado. Essa combinação é que pode permitir que a gente, sem pegar em uma arma, sem ferir um companheiro, a gente possa fazer a mais importante revolução que um ser humano possa fazer: a revolução do progresso, a revolução da distribuição de renda, a revolução do conhecimento, a revolução de garantir a cada homem e a cada mulher do planeta Terra o direito de tomar café, almoçar e jantar todo santo dia, porque sem isso nós não seremos ninguém.

Boa sorte, e muito obrigado ao povo de Moçambique.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia alusiva à visita às instalações da futura fábrica de antirretrovirais**

**Maputo-Moçambique, 10 de novembro de 2010**

Meus amigos moçambicanos,  
Meus amigos brasileiros,  
Companheiro ministro da Saúde, Alexandre Manguela, ministro da Saúde de Moçambique,  
Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,  
Meu querido companheiro Temporão, ministro da Saúde do Brasil,  
Companheiro Gabas, ministro da Previdência Social,  
Nossa querida Maria Elias Jonas, governadora da província de Maputo,  
Nosso querido companheiro senador Crivella, que tanto tem contribuído para o sucesso da relação Brasil-Moçambique,  
Meu caro Vasco Tembe, primeiro-secretário do Comitê Provincial,  
Embaixadores,  
Nossos queridos companheiros da Fiocruz, uma delegação aqui... Até pensei que a Fiocruz estava em greve no Brasil, tal é a quantidade de gente aqui.  
Meu caro Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz,  
Meu caro Hipólito Hamela, presidente do Conselho de Administração do Instituto de Gestão de Participação do Estado,  
Amigos e amigas,  
  
Eu estou terminando a minha turnê de oito anos pelo continente africano. Essa passagem minha por Moçambique é a última viagem que eu faço à África como presidente da República do Brasil.



Eu penso que nós avançamos, de forma extraordinária, no aperfeiçoamento e na retomada das relações com o continente africano. Eu não conheço outro momento na história do Brasil em que não apenas o presidente da República, mas ministros brasileiros, de todas as áreas, sobretudo o Ministro das Relações Exteriores, viajaram tanto para o continente africano como nós viajamos nesses últimos oito anos.

E, muitas vezes, por mais que nós tenhamos trabalhado, por mais que nós tenhamos nos dedicado, as coisas nem sempre acontece com a rapidez dos nossos sonhos. Eu digo sempre que é mais fácil sonhar do que realizar. E nós sonhamos muito em ajudar o continente africano, não só porque temos uma dívida histórica, que não pode ser mensurada em dinheiro, em matéria, mas que pode ser mensurada em solidariedade. É que, às vezes, eu fico num misto de excesso de otimismo pelas coisas que fizemos e num misto de excesso de tristeza, porque as coisas não andaram com a rapidez que eu imaginava que fosse andar.

Esta fábrica de antirretrovirais e outros medicamentos é um exemplo disso. Se a gente não viesse aqui, em 2008, instalar o primeiro escritório da Fundação Oswaldo Cruz e assumir o compromisso desta fábrica, certamente nós não estaríamos aqui, agora, discutindo a fábrica.

A verdade é que nós tivemos problemas, problemas financeiros que a Vale assumiu a responsabilidade de colocar R\$ 4,5 milhões, se não me falha a memória, parece que o cheque já está assinado... de dólares, de dólares. É porque como o real está muito valorizado, daqui a pouco, daqui a pouco é mais charmoso falar em real do que em dólar. Mas eu acho...

Mas era para a gente estar inaugurando esta fábrica hoje. Faltou um pouco de *plata* aqui, em Moçambique e a Vale agora está fazendo essa reparação, colocando dinheiro para que a gente possa finalmente imaginar que, em 2012, nós estaremos inaugurando definitivamente a fábrica.

Da parte brasileira, todas as máquinas necessárias já estão contratadas



e encomendadas, porque essas máquinas de produção de medicamento não são como automóveis, que a gente vai a uma revendedora e tem uma penca de automóveis para a gente escolher, essas máquinas são feitas por encomenda. Então, a Fiocruz já encomendou todas as máquinas. A partir de março desse ano, em junho, essas máquinas estarão chegando aqui em Moçambique, começarão a serem instaladas. O pessoal está treinando aquele remédio que vocês viram, aquela máquina funcionando ali. Aquele remédio é um remédio de farinha, aquilo é só para que o pessoal aprenda até começar a produzir o remédio verdadeiro.

O que é importante? É que nós vamos ter a capacidade de produzir 250 milhões de comprimidos/ano, só para Sida, porque aqui eles falam como os portugueses: Sida. *Entonces...* Então, 250 milhões de comprimidos/ano. As pessoas tomam quantos comprimidos, cada pessoa?

\_\_\_\_\_: (incompreensível)

**Presidente:** Veja, há um dado, há um dado importante, que é o seguinte: é que essa fábrica aqui, ela vai poder suprir não apenas as necessidades de Moçambique, mas ela vai poder atender outros países africanos.

O fato de nós estarmos construindo a primeira fábrica de medicamento genérico para combater a Aids no continente africano pode ser anunciado quase como uma revolução. Para vocês terem dimensão do que nós estamos falando, no Brasil, nós entregamos remédios para 138 mil pessoas. Aqui, tem 400 mil pessoas que não recebem remédio, ou seja, tem três vezes mais do que as pessoas que no Brasil recebem remédio, precisando de remédio.

Então, esta fábrica, na hora em que ela estiver produzindo, ela vai, primeiro, libertar o povo de Moçambique de ficar subordinado a laboratórios, normalmente dos países desenvolvidos, da importação de remédio, e vai permitir que a gente possa, em nome do Estado moçambicano, atender aos



doentes de Moçambique.

Então, eu quero dar os parabéns aos companheiros da Fiocruz. Quero dar, Celso Amorim, os parabéns aos companheiros da ABC, quero dar os parabéns ao Ministério da Saúde, à Farmanguinhos. E quero dizer para vocês o seguinte: tudo o que a gente fizer ainda é pouco diante do que nós sempre teremos para fazer. Ou seja, nós estamos lutando contra o atraso secular, nós estamos lutando contra coisas que deveriam ter sido feitas há 30, 40, 50 anos e que não foram feitas e, portanto, nós estamos correndo atrás do prejuízo. A nossa geração é a geração que está fazendo as reparações que deveriam ter sido feitas em outros momentos.

E não é correto, humanamente, que o continente africano, que foi ocupado durante tanto tempo por países ricos, seja pobre, e que os países ricos que ocuparam não tenham a menor importância com o que está acontecendo com o continente africano. Nós não temos o direito de ficarmos quietos diante disso.

Eu sei que o Brasil ainda é um país pobre. O Brasil é um país que, vocês sabem, africano, porque nós somos a segunda população negra do mundo, só perdemos da Nigéria. E nós estamos convencidos de que o que Brasil está fazendo é apenas a sua obrigação. É uma pena, Celso, que em outros governos as pessoas preferiam olhar para os olhos verdes da Europa do que para os olhos castanhos da África. É uma pena.

Então, sempre há tempo de recomeçar. E eu espero, Governadora, eu espero estar aqui como convidado, porque nós temos uma Presidenta que vai tomar posse no Brasil, no dia 1º de janeiro. Eu espero estar convidado para tirar o primeiro comprimido, junto com o Guebuza, produzido das máquinas da nova fábrica de antirretrovirais e outros medicamentos.

Parabéns e boa sorte ao povo de Moçambique.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião do G-20**

**Seul-Coreia do Sul, 12 de novembro de 2010**

**Obs:** Por problemas técnicos, o início deste discurso não foi gravado

... (incompreensível) que é... que vai servir para combater a crise econômica da irresponsabilidade financeira que aconteceu em 2008. Eu não posso falar do futuro porque no futuro (incompreensível) presidentia nova no Brasil a partir do dia 1º de janeiro.

Mas eu queria dizer a todos vocês que o Brasil vive o seu melhor momento desde (incompreensível). Há mais de 40 anos que o Brasil não vivia o momento que ele vive. E para alegria do Ban-Ki-moon, o Brasil irá cumprir todas as Metas do Milênio até 2015. Algumas delas nós já cumprimos.

Nós achamos que o desenvolvimento passa por uma ação muito forte do Estado. Na crise econômica de 2008 todos os países que tomaram medidas anticíclicas e que assumiram a responsabilidade de serem os indutores da economia colheram (incompreensível). A crise, no Brasil, ela durou praticamente seis meses, entre outubro e março, porque depois todos os segmentos da economia já estavam se recuperando, a partir de uma decisão de governo de fortalecer o mercado interno, base do desenvolvimento econômico.

Eu venho de uma região onde todos os países vivem um momento excepcional: do Chile, passando pela Argentina, pelo Uruguai, pelo Paraguai, pelo Equador, pela Bolívia, pela Colômbia, pela Venezuela, todos os países estão em uma situação de crescimento econômico, estão em uma situação de aumento das suas reservas e estão em uma situação de garantia de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida do povo.



Há uma coisa importante que nós precisamos levar em conta. Acho que houve uma evolução extraordinária na democratização do Fundo Monetário Internacional, é um avanço importante. Eu sei que nós somos pessimistas por natureza. Mas se a gente imaginar a primeira reunião do G-20 em Washington, e imaginar esta reunião agora, já houve um avanço extraordinário. Nós sempre queremos mais, sempre vamos brigar por mais, mas eu acho que já houve um avanço extraordinário. Obviamente que eu acho que se as previsões do FMI estiverem certas, de que até 2014 os países em desenvolvimento significarão mais de 55% do PIB mundial, obviamente que continuará (incompreensível) reivindicação para (incompreensível) no Banco, no FMI, para que não tenha a obrigatoriedade de tal ou qual nacionalidade indicar (incompreensível) FMI ou Banco Mundial, isso pode ser indicado por qualquer país que participe (incompreensível) do Banco Mundial ou do FMI.

Para terminar, eu queria dizer a todos vocês que (incompreensível) a presidenta Dilma não vai fazer nenhum discurso dizendo que recebeu uma herança maldita do presidente Lula, porque ela ajudou a construir tudo o que nós construímos até agora. O Obama recebeu uma herança maldita, que foi uma crise financeira sem precedentes. Eu recebi uma herança maldita, que era o país andando para trás. Eu acho que a nossa geração não tem herança maldita. Portanto, eu peguei um país que tinha R\$ 380 bilhões de crédito e hoje nós temos mais de R\$ 1,6 trilhão de crédito. Nós pegamos um país em que a agricultura não tinha financiamento e hoje nós temos o maior financiamento que a agricultura brasileira já teve. Quando veio a crise dos alimentos, em vez de ficar chorando, nós fizemos uma política de financiamento de tratores e máquinas agrícolas para a agricultura familiar, de US\$ 50 bilhões, foi o maior investimento para a agricultura e é a razão do desenvolvimento da indústria de tratores no Brasil.

Mais importante é que na questão energética nós temos, só na conta do petróleo, R\$ 224 bilhões até 2014. Nós temos, na conta de energia elétrica,



mais de 30 mil megawatts a serem construídos no Brasil até 2017. E nós temos, além de eólica, além de coisas... nós temos hoje, praticamente, autossuficiência na questão do gás. Além da Copa do Mundo de 2014, além das Olimpíadas de 2016, que vão precisar de muitos investimentos.

Eu queria terminar dizendo o seguinte: companheiros, não existe nenhuma possibilidade de nós não compreendermos que não existem mais decisões unilaterais na economia mundial, se a gente não levar em conta as repercussões nas outras economias. Qualquer decisão que a Argentina tomar ou que o Brasil tomar terá efeitos imediatos nos países vizinhos. Agora, imaginem potências econômicas como a União Europeia, uma potência econômica como os Estados Unidos, ou potências econômicas como a China ou como a Índia tomando posições unilaterais, sem levar em conta a repercussão no restante do mundo.

Então, é importante que o G-20, daqui para frente... eu espero que isso seja concluído na França, que o G-20 assuma a responsabilidade de coordenar melhor as ações unilaterais dos países importantes, para que essas ações se transformem em ações multilaterais, para que a gente não cause prejuízo.

Por último, queria fazer um apelo. O Brasil não tem dinheiro, mas estamos fazendo um forte trabalho junto aos países africanos, na perspectiva de ajudá-los a ter o mesmo desenvolvimento agrícola do Brasil. Acho que é extremamente importante, sem condescendência, sem a “política do favor” que nós fizemos no século XXI, [ou melhor] no século XX, que a gente tenha uma política de desenvolvimento para ajudar os países mais pobres do mundo com políticas de financiamento mais baratas, mais a longo prazo, sem regras preestabelecidas, porque na hora em que os países mais pobres se desenvolverem, vai precisar de mais produção de alimentos, mais produção de carros, mais produção de computadores, mais produção de máquinas, e nós sabemos que estaremos criando os mercados para ajudar nessa combinação





perfeita, que é a harmonia entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento.

Eu acho que vocês podem se dar conta de que a responsabilidade de vocês vai aumentar muito daqui para frente. No dia em que nós criamos o G-20, talvez a gente não tivesse a noção da responsabilidade que vai pesar sobre as costas de quem participa do G-20. Daqui para frente, cada vez mais, o G-20 vai assumir a responsabilidade pela paz mundial, pelo desenvolvimento mundial e pelo cumprimento das Metas do Milênio.

Obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de posse da nova diretoria da Confederação Nacional da  
Indústria**

**Centro de Eventos e Convenções Brasil 21 – Brasília-DF, 17 de novembro  
de 2010**

Meu caro amigo presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer, e  
Vice-Presidente da República eleito nas últimas eleições,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento,  
Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Luiz Antonio Elias, ministro interino da Ciência e  
Tecnologia,

Companheiro Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações  
Institucionais,

Senadores Aloizio Mercadante, Eduardo Azeredo, Garibaldi Alves, Gim  
Argello, Gerson Praia, Renan Calheiros, Roberto Cavalcante e Romero Jucá,

Deputados federais e deputadas Ana Arraes, Emília Fernandes, Jô  
Moraes, Perpétua Almeida, Sandra Rosado e Vanessa Grazziotin, Armando  
Monteiro Neto, presidente da CNI, Albano Franco, Arnon Bezerra, Bruno  
Araújo, Fábio Ramalho, Henrique Eduardo Alves, José Chaves, Luiz Carreira,  
Marcondes Gadelha, Miguel de Souza, Paulo Delgado, Paulo Maluf, Sandro  
Mabel, Sebastião Bala, Ricardo Barros, Rocha Lores e Walter Ihoshi,

Companheiros governadores Antônio Anastásia, de Minas Gerais, e  
Alcides Rodrigues, de Goiás,

Agnello Queiroz, governador eleito de Brasília,

Meu caro amigo Robson Braga, eleito presidente da CNI e empossado,

Meus caros amigos empresários,

Secretários,



Jornalistas,  
Amigos e amigas,

Ao longo dos últimos oito anos, foram muitas as ocasiões em que me encontrei com a Confederação Nacional da Indústria. Em reuniões no Palácio do Planalto ou em eventos como esse, mantivemos um intenso e profundo diálogo.

Estou falando de uma relação que me permitiu conhecer melhor as reivindicações e as propostas do setor e que me deu a honra de receber, no aniversário de 71 anos da CNI, no ano passado, o Grande Colar da Ordem do Mérito Industrial.

Os laços que temos mantido significam, na realidade, uma convergência de ideais assentados no desenvolvimento da produção, fortalecimento de nosso parque industrial e a geração de empregos para milhões de brasileiros e brasileiras.

Construímos juntos uma agenda que, em um intervalo de tempo relativamente curto, ajudou a transformar nossa sociedade. E que, sobretudo, alargou os horizontes do povo brasileiro, fortaleceu sua autoestima e multiplicou suas oportunidades.

Não tenho dúvidas de que o meu querido amigo Armando Monteiro Neto desempenhou um papel fundamental em tudo isso. E estou certo de que, mesmo após deixar a presidência da CNI, ele continuará sendo um grande defensor da indústria brasileira e um dos principais formuladores de políticas para a produção no Senado Federal.

Também estou convencido de que o novo presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, tem a fibra, a experiência e todos os demais atributos necessários para tornar a entidade ainda mais atuante e propositiva. E saberá conduzir com maestria a representação política do setor industrial durante o seu mandato.



Quero desde já, portanto, dar os meus parabéns a todos os diretores da Confederação Nacional da Indústria que estão deixando os seus cargos no dia de hoje. E desejar boa sorte e uma grande gestão a todos os novos diretores da entidade.

Que a intensa e produtiva relação entre o governo federal e a CNI – representados até agora pelos pernambucanos Armando Monteiro Neto e Luiz Inácio Lula da Silva – seja ainda mais virtuosa quando dois mineiros – Dilma Rousseff e Robson Braga – estiverem no comando durante os próximos anos.

Meus amigos e minhas amigas,

Desenvolvimento, dizia o saudoso amigo e economista, Celso Furtado, é assumir o comando do próprio destino. E ele adicionava a isso: ninguém comanda o próprio destino em ambiente de vulnerabilidade externa e desigualdade social gritante. A sociedade brasileira desatou esse nó de dupla volta. E o país, de fato, mudou.

Vou falar, mais uma vez, sobre essas mudanças, mas tenho certeza de que não exagero. Fizemos muito, mas há muito mais a fazer. O Brasil pode e deve fazer mais. Temos pela frente desafios históricos, que apenas começam a ser vencidos.

Vivemos num país que sabe o que quer. Um país que aprendeu a fazer o que precisa. Um país que adquiriu a consciência soberana dos seus direitos e de suas possibilidades e que conduz o crescimento com justiça social.

Cada cidadão, cada cidadã deste país tem motivos agora para se enxergar como parte indissociável de um destino comum, construído de tal forma que possamos fazer do século XXI o século da igualdade social brasileira.

Uma Nação assim constituída - tenham certeza - não renunciará jamais às suas prerrogativas democráticas, geopolíticas, econômicas e sociais. Assim como não titubeou ao enfrentar a crise mundial que eclodiu em 2008. Durante os meses agudos da crise, superamos obstáculos econômicos e financeiros



nos quais tantos tropeçaram.

Ao contrário da depressão registrada em turbulências até mais amenas do passado, o que se viu desta vez foi a notável pujança da nossa economia. E um mercado interno ampliado, vigoroso, beneficiado pela retomada do emprego, da recuperação dos salários e de um amplo e eficiente conjunto de políticas sociais.

Hoje, o consumo popular engloba 46% da renda nacional e um contingente de consumidores equivalente às populações da França e Espanha juntas. Mas, como dizem os economistas, o indicador de consistência dessa expansão é dado pela formação bruta de capital, ou seja, pelos investimentos em máquinas e edificações, que cresceu quase 27% nesse período.

A produção, portanto, cresce fortemente para acomodar uma demanda expressiva, sem pressões inflacionárias, na perspectiva de um longo ciclo de desenvolvimento.

Minhas senhoras e meus senhores,

A indústria brasileira vive um ciclo virtuoso de investimentos com ganhos de produtividade crescentes. Ao contrário do que ocorria no passado, quando a produtividade crescia na esteira de demissões massivas, a roda do crescimento gira hoje impulsionada por ganhos simultâneos de eficiência produtiva, expansão do emprego e saltos na oferta de crédito e nas vendas do varejo.

Graças aos acréscimos de produtividade, os salários exibem ganhos reais persistentes. Somente neste ano, até setembro, foram criadas 2 milhões e 200... mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Gargalos sobre os quais o Estado brasileiro não se debruçava há quase três décadas estão sendo superados em nossa infraestrutura. Estamos construindo, simultaneamente, as 3 maiores hidrelétricas no mundo, 5 refinarias de petróleo, duas mega-ferrovias e centenas de milhares de novas moradias com o Programa Minha Casa, Minha Vida.



Construímos, uma ampla articulação com os diferentes setores da sociedade, a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, em 2004. Em 2008, foi a vez da Política de Desenvolvimento Produtivo. O crédito produtivo teve uma expansão sem precedentes. Entre janeiro de 2003 e junho passado, o BNDES desembolsou mais de R\$ 600 bilhões, gerando investimentos totais superiores a R\$ 1 trilhão no mesmo período. Os investimentos estrangeiros diretos saltaram de US\$ 16 bilhões e 600 milhões, em 2002, para o recorde histórico de US\$ 45 bilhões em 2008.

E, mesmo após a queda nestas cifras em decorrência da crise mundial, esperamos esse ano ter investimentos estrangeiros da ordem de US\$ 30 bilhões, quase o dobro do que aconteceu em 2003 e 28% a mais do que no ano passado.

Alguns números de nossa indústria ilustram o momento que vivemos. Fabricaremos, esse ano, nada menos do que 3 milhões e 400 mil veículos automotores, nos consolidando como o quarto maior mercado mundial em vendas e o sexto em produção.

Em relação ao setor de informática, nossa produção cresceu 30% em 2010. O chamado “mercado cinza”, de equipamentos sem marca, caiu de 70% em 2003, para 35% hoje. E as vendas de computadores devem superar os 14 milhões de unidades somente este ano.

O Natal brasileiro promete ser um dos melhores da nossa história. Não há truque. A recuperação pós-crise encontrou um ambiente de mercado dos mais propícios no país. Temos um dos menores déficits fiscais do planeta. Reduzimos a dívida líquida do setor público. Nossas reservas internacionais superam US\$ 285 bilhões.

Concluimos há pouco a mais extraordinária e mais importante capitalização da história do capitalismo mundial. A Petrobras está pronta para coordenar a exploração das maiores jazidas de petróleo descobertas nos últimos 30 anos. Parabéns, companheiro José Sérgio Gabrielli!



O regime de partilha do pré-sal garante que a gigantesca demanda associada à exploração de nossas riquezas seja direcionada para o Brasil. Trata-se da maior alavanca de expansão industrial e tecnológica já registrada na nossa história, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Estamos criando todas as condições para capacitar nossa juventude e aproveitar integralmente essa oportunidade histórica, com investimentos cada vez maiores em educação e formação profissional. É importante lembrar, meus queridos companheiros, empresários e empresárias, que quem viver a partir de 2011 vai viver um novo país. Este novo país terá 14 novas universidades federais, este novo país terá 126 extensões universitárias e este novo país terá 140... 214 novas escolas técnicas profissionais funcionando e formando a nossa gente. Ou seja, meu caro Flores, nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia, todas as escolas técnicas feitas em um século. E eu e o José Alencar, que somos a única dupla que presidiu o Brasil sem diploma universitário, passaremos para a história como os dois que mais fizeram universidades na história deste país.

Nosso país respira empregos, aliás, é importante lembrar que a partir da semana passada não há porque qualquer jovem do Brasil não fazer universidade. Porque nós tínhamos um problema crônico, o Walfrido dos Mares Guia deve estar aí, ele é dono de uma escola, ele vai me ouvir e vai entender o que eu estou dizendo.

Nós tínhamos um problema sério que era o Fies, o financiamento de bolsas de estudos para jovens pobres. Eles não conseguiam porque não tinha uma coisa chamada fiador. Você sabe que fiador, Armando,... eu vi você aqui e o Robson se tratando... porque nossas esposas são companheiras porque nós somos amigos. Mas se um de vocês precisar que o outro seja avalista, ele vai dizer: “amanhã eu dou a resposta”. Aí vai conversar com a mulher, a mulher fala: “não, não vai dar”. Porque ser avalista é assumir os encargos de pagar a dívida se você não pagar. Isso na fábrica a gente cansava de ver. A gente



queria alugar uma casa e a gente dizia: não dá para você, companheiro, ser meu avalista? Você tem casa própria? O cara: “o Lula eu gosto muito de você, mas, deixa eu conversar com a minha esposa”. Aí no dia seguinte ele falou: “a minha esposa não quis”. E eu tinha que procurar outro... Então, nós resolvemos este problema, agora é o seguinte: o governo criou o Fundo Garantidor. É o Estado brasileiro que garante o financiamento do jovem que quiser estudar neste país. Ele vai gastar R\$ 50,00 a cada trimestre, ele só vai começar a pagar doze meses depois de formado, com juros bem baratinho, do jeito que você reclamou, Robson, bem baratinho. Se ele for médico e for trabalhar no SUS, ele não tem que pagar mais. E se ele for dar aula ele também não tem que pagar mais. Portanto, vocês poderão, orgulhosamente, dizer que no Brasil agora não estuda quem não quer. Quem quiser estudar está garantido o direito de estudar.

Bem, o nosso país respira empregos, promove investimentos, amplia e consolida avanços de cidadania. É por isso, que o Armando Monteiro, feliz, eleito senador da República, lê nos jornais e fica todo sorridente. Quando ele percebe que foi exatamente as classes D e E, que, no auge da crise, sustentaram o consumo neste país, quando as classes A e B ficaram receosas e resolveram colocar o pé no freio do consumo. Foram os pobres que passaram a ter acesso a empregos, afinal de contas são 15 milhões de novos empregos criados neste país. São os pobres que recebem os mais diferentes programas de investimentos do microcrédito brasileiro. É importante, Armando, a gente não esquecer nunca, que quando você foi à minha posse, este país inteiro tinha apenas R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito. Hoje, só o Banco do Brasil tem isso, só o Banco do Brasil tem isso. Aí, Robson, este país era um país capitalista que não tinha capital e era um país capitalista que não tinha crédito. E foi exatamente eu, que passei a vida inteira me dizendo socialista, que vim fortalecer o seu capitalismo aqui para poder consolidar crédito para as pessoas poderem...





Bem, hoje eu tive uma aula de microcrédito neste país. Eu participei de dois eventos hoje. Companheiro Armando, seria extremamente importante, Robson, que você um dia sentasse com o Banco do Brasil e com o Banco Central para você ter noção da quantidade de dinheiro que foi disponibilizado neste país nesses últimos sete anos, para o microcrédito. Esse milagre... porque, você sabe, Robson, que eu não apareço bem nas pesquisas porque a imprensa fala bem de mim. Ela gosta de mim, mas nem tanto. E quando faz uma pesquisa, que aparece o governo com aprovação de 80%, não é o Lula, é o governo. É porque tem uma coisa: não adianta você falar mal de uma pessoa quando a pessoa está recebendo na casa dela o benefício, não adianta. Não adianta falar que uma empresa está quebrando, quando você vê o balanço da empresa. Eu vi aqui, ô Robson, a tua pauta de reivindicação. Igualzinha à do Armando Monteiro quando ele tomou posse, igualzinha. Vocês parecem o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo falando com o seu público aqui.

A verdade, companheiros e companheiras, a verdade nua e crua, companheiros empresários, é que este país há oito anos não tinha mais indústria naval. Este país de 50 mil empregos criados na década de 70, este país tinha reles 1.900 empregados na indústria naval. Este país estava comprando qualquer tipo de barquinho na Noruega, em Cingapura e na Coreia. Este país, hoje, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Alagoas e São Paulo não fazem outra coisa... Rio Grande do Sul... não faz outra coisa a não ser brigar por um estaleiro. Porque são mais de 400 navios que vão ser encomendados pela Petrobras; porque são mais de 40 sondas, cada uma de mais de R\$ 1 bilhão; porque são cargueiros porque o Brasil precisa diminuir o seu déficit na conta de frete e, portanto, precisamos ter navios nossos. E a indústria naval já recuperou seus 50 mil postos de trabalho que tinha perdido.

Nós estamos produzindo hoje 75% de componentes nacionais nas nossas sondas e nas nossas plataformas. E ainda tive o privilégio, Armando,



de terminar o meu mandato indo a Tupi, pegar um punhado de petróleo, encher a mão de petróleo, que estava guardadinho a 165 milhões de anos, a 5 mil metros de profundidade. E foi a nossa querida Petrobras que desenvolveu tecnologia e conseguiu dar a este país a certeza de que o século XXI nós não iremos jogar fora como jogamos o século XIX ou como jogamos parte do século XX. É por isso que nós aprovamos a lei da partilha e queremos a partilha que é para o estado brasileiro ressarcir o povo brasileiro dos descasos a que ele foi submetido durante quase um século ou durante muitas outras décadas do século XIX.

Pois bem, é por isso que 36 milhões de pessoas foram para a classe média, que viraram consumidores. É por isso que 28 milhões de pessoas deixaram de viver abaixo da linha da pobreza. Quando a gente fala, Armando, de desenvolvimento... eu viajo com o Guido, com o Meirelles, viajava muito com a Dilma, ia para a Alemanha, para o Japão, para os Estados Unidos e eles só falam os grandes números da macroeconomia, macroeconomia, macroeconomia, macroeconomia e nunca falam da microeconomia, da microeconomia, que é aquilo que diz diretamente... a microeconomia é aquela papinha que a mãe, delicadamente, bota na boca da criança, joga metade para fora, a mãe recolhe e bota outra vez até ele comer. Essa é a microeconomia. A macroeconomia é que deixa gordão assim como eu estou e você também, Armando. Essa é a macro. A micro é que a gente fomenta as pessoas.

Pois bem. Robson, somente o programa Luz Para Todos, neste país, somente o programa Luz Para Todos... nós começamos o programa Luz Para Todos com os números do IBGE: 2 milhões de residências não tinham energia elétrica neste país. Nós resolvemos o compromisso de atender. Quando fomos a campo descobrimos que os 2 milhões viraram 3 milhões, Armando. Tinha um milhão a mais que não estava nos dados do IBGE. E agora, indo fazer esse outro milhão que estava a mais, descobrimos mais 500 mil que não estavam no



IBGE. Então, de 2 milhões, já são quase 4 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica.

Nós vamos entregar o mandato cumprindo 95% da meta anterior. Vocês sabem quanto? Um milhão e duzentos mil quilômetros de cabo. Daria para enrolar o planeta Terra 30 vezes; 6 milhões de postes e quase 1 milhão de transformadores. Tudo gerando emprego no local. Você é de Pernambuco, você sabe. Você é de Pernambuco você sabe o que aconteceu em Pernambuco. Aliás, Pernambuco faz parte dos estados que atingiram já a totalidade, mas cada vez a gente descobre mais porque o Armando, pedindo voto, vai incentivando o povo a invadir terra que não tem luz e a gente tem que correr atrás.

De qualquer forma, a gente não tem noção, Armando, do que aconteceu neste país com o Pronaf. O Pronaf era uma política de investimento para o Sul do país. Agora é que chegou ao Norte e ao Nordeste do país. Faz quanto tempo que os empresários nordestinos não ouvem falar de uma coisa chamada frente de trabalho, que a gente ouvia todo ano. Ah, fez cerca? Bota aqueles coitadinhos para tirar pedra de um lado e colocar do outro; choveu? Para; Aí, fez cerca? No ano que vem bota para pegar aquelas pedrinhas e bota em outro canto. Acabou. Eu convido vocês, empresários nordestinos, a visitar o canal do São Francisco. Uma obra que D. Pedro queria fazer desde 1847. Eu convido vocês a visitarem o que está acontecendo na Transnordestina, quase 1.800 quilômetros de ferrovia. E você sabe a dificuldade que é para fazer, a engenharia. Foram cinco anos construindo o projeto e arrumando dinheiro.

Então, meus companheiros, o Brasil no próximo ano será um país muito mais maduro, muito mais consciente, eu espero que o Congresso Nacional, Temer, que não vai termar mais você na Presidência, mais vai ter você na Vice-Presidência, tenha mais maturidade para fazer a reforma tributária. Porque é o segundo projeto que a gente manda para lá e chega lá, não acontece nada. É como se tivesse um inimigo oculto, porque todo mundo é



favorável antes de entrar e quando entra desaparece a vontade. Acho que foi por isso que o Jânio renunciou. É o tal do inimigo oculto que não deixa fazer a reforma tributária.

Pode-se construir... Você sabe, meu caro Robson, que nós criamos comissão tripartite para cuidar da questão trabalhista, para cuidar da questão da Previdência, agora vocês precisam se entender na mesa de negociação. Eu não quero nem ajudar os trabalhadores prejudicando os empresários, nem prejudicar os empresários ajudando os trabalhadores. É preciso construir um denominador comum, que vocês sabem que é a única forma de a gente fazer as coisas bem feitas e consolidar o processo democrático deste país.

Por último, companheiros e companheiras, eu tenho conversado muito com o ministro Guido Mantega, tenho conversado muito com a nossa companheira Dilma e nós estamos trabalhando preocupados com o que está acontecendo com os Estados Unidos e com a China. O fato de duas economias do tamanho da China e da americana tentarem fazer a sua competitividade desvalorizando suas moedas não é correto e não é justo para o comércio internacional. Ou seja, não é correto para o comércio internacional. Vocês são testemunhas de que na crise, quando em muitos países as pessoas tentaram criar muros de proteção, aqui no Brasil nós não criamos muro de proteção. Se o comércio é livre, ele é livre para valer, o Brasil quer competir, o que o Brasil não quer é que continuem dizendo que o comércio é livre quando é para eles venderem aqui dentro, mas quando é para comprar o nosso, não é tão livre. Eu disse ao Obama na última reunião: Obama, é importante você saber que o maior superávit dos Estados Unidos no mundo, hoje, é com o Brasil. No mundo. É com o Brasil. Então, é importante que a gente cuide dessa questão cambial, porque em uma economia globalizada como essa, com um país que tem o poder de produzir a moeda que antes era calçada no ouro, que depois o Nixon tirou e eles têm a capacidade de produzir quanto quiserem,



desvalorizar, ou seja, nenhum país consegue competir. E eu acho que eles entenderam o recado.

Eu acho que o G-20 deve tomar decisões, os ministros da área econômica vão se encontrar, porque eu quero dizer a você meu caro Armando, meu caro Robson, que eu, embora não esteja mais na Presidência a partir do dia 1º de janeiro, eu estarei mais brasileiro do que nunca. Estarei viajando este país, porque eu estou convencido de que o Brasil dentro dos próximos dez anos será a décima-sexta, ou a sexta ou a quinta economia mundial. E acho, Robson, acho que se eu pudesse dar um conselho para você, eu já dei para o Tigre, a CNI tem mandado muita gente viajar conosco, o Tigre tem sido parceiro nas viagens, a Fiesp tem tido grandes encontros em São Paulo, o que eu acho é que quando a Presidenta Dilma montar o novo governo, eu acho que vocês deveriam procurar a Ministra, a Presidenta numa reunião, o ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio, que eu não sei quem é e estabelecer um calendário, um calendário e viajar o mundo, vendendo as coisas boas que nós somos capazes de produzir. Não existe, Armando, outra hipótese, não existe outra hipótese de a gente ganhar competitividade, se a gente ficar aqui esperando. Nós vamos ter este ano um superávit por volta de US\$ 16 bilhões, que é um bom superávit, é um bom superávit, mas como eu sei que na vida a gente não se contenta com pouco, não é Armando, o que é importante, na nossa relação, é que quanto mais a gente conquista, mais a gente quer, quanto mais a gente conquista, mais a gente quer, só a Seleção Brasileira é que marca um gol e para. Mas, na vida real, todo mundo que conquista dez quer conquistar 20, quer conquistar 50.

Então, eu acho que é importante vocês construírem a pauta de reivindicação, mas, sobretudo, construir a pauta de negociação, estabelecer calendário como o Guido fez na crise econômica. Nós criamos um comitê de crise que se reunia quase a cada 15 dias para discutir saídas. Foram quase R\$ 100 bilhões de desoneração neste país. E vocês acompanharam e eu acho que



isso tem que continuar, Armando, isso tem que continuar porque eu acho que nós não temos o direito de jogar fora as nossas conquistas. Não temos o direito. Nós não temos o direito, o Brasil atingiu um padrão muito importante, agora, nós temos que andar daqui para frente. E eu tenho certeza de que a Presidenta Dilma tem a mesma vontade, igual ou mais do que eu, tenho a convicção de que o Temer tem a mesma vontade ou mais do que eu e pelo discurso do Robson, ele está com mais vontade do que você.

Então, juntou a fome com a vontade de comer. Trabalhem, que o Brasil merece!

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe!

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o  
2º Fórum Banco Central sobre Inclusão Financeira**

**Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 17 de novembro  
de 2010**

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. E o nosso companheiro Henrique Meirelles, presidente do Banco Central.

Quero cumprimentar o Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste, O Abdias de Souza, presidente do Banco da Amazônia,

E cumprimentar a nossa querida Sandra Magalhães, do Banco Comunitário Palmas, de Fortaleza,

Cumprimentar o Ronaldo Scucato – é Scucato mesmo? – Scucato, da Organização das Cooperativas Brasileiras,

E cumprimentar todos os companheiros participantes do 2º Fórum do Banco Central sobre Inclusão Financeira,

Amigos da imprensa,

Companheiros convidados,

Meirelles, eu tenho um relatório que eu acho que foi tirado do livro que você está aí, da inclusão financeira, que foi feito pelo companheiro Gilson Bittencourt, do ministério da Fazenda. Eu estou em uma dúvida aqui: se eu não leio os números que estão aqui, o Gilson vai ficar frustrado; se eu leio, vocês vão ficar, Gilson, se eu leio aqui, vocês vão ficar boquiabertos, porque não vão decorar nenhum número, porque é uma quantidade enorme. Mas eu vou tentar fazer uma mistura aqui, antes dizendo uma coisa para vocês.

Eu penso que nós, ao terminarmos o nosso mandato, nós certamente temos consciência de que fizemos muita coisa, mas também temos



consciência de que tem muita coisa que precisa ser feita. Em muitas coisas nós avançamos mais, em outras nós avançamos menos.

Mas é importante que vocês, que tratam da questão de crédito, de cooperativa, de inclusão, de microcrédito, que vocês também botem na cabeça que o governo avança na medida em que a sociedade avança, na medida em que a sociedade pede, na medida em que a sociedade reivindica, na medida em que a sociedade exige. Porque não é da formatura [formação] de nenhum economista, de nenhum Banco Central, nem daqui, do Meirelles, nem da diretoria dele que está aqui, nem da diretoria do Smith, nem da diretoria do Banco do Brasil, nem do Basa, não é da formação de ninguém que teve uma formação acadêmica, ser obrigado a conhecer que existia em Fortaleza o Banco Palmas de Fortaleza. Não é.

Bom, então eu acho, Meirelles, que o fato de a gente estar aqui, em uma reunião – e se você contar isso em Basiléia ninguém acredita – em que o Banco Central brasileiro, o seu presidente e a sua diretoria, dedicou um dia para fazer um seminário sobre inclusão financeira, trazendo bancos comunitários, trazendo banco de cidade, trazendo cooperativas, trazendo as pessoas que trabalham com os mais diversificados meios de obter crédito e financiamento, ninguém acredita, Meirelles.

Essa fotografia, Stuckinha, precisa ser tirada aqui, pegando aquele *outdoor* ali atrás, para que a gente faça algum quadro e coloque na mesa do Banco Central, na porta de entrada, para que... E também na porta do Ministério da Fazenda, na porta dos presidentes dos bancos todos. Porque é uma coisa inusitada, gente.

Olhem, nós, aqui, estamos exercitando uma coisa, Paul Singer, simples. Ou seja, o que nós estamos exercitando aqui é o seguinte: a gente está provando que pouco dinheiro na mão de muitos significa distribuição de renda, e que muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de riqueza. Então, nós estamos aqui provando que embora não queiramos proibir alguém





de ter muito dinheiro, nós queremos apenas exercitar o direito de dar oportunidade a todos de ter um pouco de dinheiro.

E o que acontece, Meirelles, é que, muitas vezes, houve um excesso de desconfiança, houve um excesso de zelo com a coisa pública. Você chegar para alguém do Banco do Brasil, alguém da Caixa Econômica, alguém do Banco Central, alguém da Presidência da República, alguém do Ministério não sei de onde e dizer: “Olha, nós precisamos abrir um banco aí para emprestar R\$ 10,00”. Era impensável. Isso não cabia na cabeça das pessoas, porque as pessoas estudaram tanto, ficaram tão inteligentes, que essas coisas pequenas não cabem, não cabem.

Nós estamos aqui, Meirelles, provando o seguinte: seria mais fácil a gente viver no planeta Terra, a gente governar um país, se a gente apenas fizesse o óbvio. Ninguém precisaria inventar nada, só fazer o óbvio. E é isso que a gente vê.

Eu lembro, quando eu fui, em mil novecentos e noventa e pouco, lá em Fortaleza, que me deram um cartãozinho do Banco Palmas de Fortaleza, que o empréstimo, acho que era de R\$ 15,00.

**Senhora Sandra Magalhães:** R\$ 20,00. A gente deu o crédito máximo para o senhor. (risos)

**Presidente:** Vinte reais, sabe? Agora, chegue... Agora, chegue no Banco Central, aqui em Brasília, chegue na Avenida Paulista, com o Roberto Setúbal, chegue com o Trabuco, no Bradesco, ou com qualquer outra pessoa, na Avenida Copacabana, na Boa Viagem, e vá a uma reunião de executivos e fale que tem um banco neste país que tinha como crédito máximo R\$ 20,00. A primeira coisa que o cidadão iria pensar era o seguinte: “Bem, R\$ 20,00 é tão pouco que eu dou mais de gorjeta depois que eu tomo o meu uísque, é muito pouco”. (incompreensível) não percebe que para alguns R\$ 20,00 não é nada.



Mas para uma pessoa que levanta de manhã, olha para o fogão, não tem feijão, não tem leite, não tem manteiga, não tem farinha, não tem nada para comer, R\$ 20,00 dá para a pessoa entrar em uma bodega e fazer a festa pelo menos pelos próximos dez dias.

É essa dimensão de importância que as pessoas perdem. É essa dimensão de valor das coisas pequenas que nós vamos perdendo na hora em que a gente vai se achando importante, sobretudo quando a gente chega a cargo de prefeito, a cargo de governador, a cargo de presidente, de ministros, de instituições financeiras, porque nós lidamos com muitos bilhões, os tostões passam de lado. E nós esquecemos uma coisa fundamental: se pegar em uma escala, por segmento da sociedade brasileira, nós vamos perceber – e falo aqui, meu caro Smith, chutando – nós vamos perceber que os melhores pagadores são os mais pobres. Pode pegar toda a relação, Meirelles, toda a relação das pessoas que estão inadimplentes, você vai perceber que os melhores pagadores são as pessoas de menos renda. Sabe por quê? Porque tem uma coisa sagrada para essa pessoa mais pobre: como ele não tem acesso a muita coisa, o patrimônio mais rico dele é a cara dele e o nome dele e que, portanto, ele tem vergonha de ficar devendo o pãozinho que ele comprou na padaria.

Na alta roda, uma pessoa pode dever 2, 3 bilhões, quanto mais deve, mais chique é, não é? É verdade. Ou seja, eu ouvi do companheiro Gilson uma frase que dizia o seguinte: “Tem determinados setores que tem duas alegrias, no Brasil. Uma [quando] consegue tomar o dinheiro, e outra quando não paga”. Os pobres pagam, e pagam, e pagam de verdade. Então, eu acho que esse encontro aqui é um marco, Meirelles, no que pode acontecer no Brasil daqui para frente.

Nós, quando começamos a discutir o crédito consignado, como foi difícil a gente convencer companheiros de boa índole de que não custava nada emprestar um pouquinho de dinheiro para os pequenos. Quando a gente



resolveu estender para os aposentados o crédito consignado foi outra guerra, essas guerras duram meses, meses, meses. Como o mandato é só de quatro anos, a cada seis meses que você perde, perdeu 1/6 do mandato.

Então, as coisas demoram, mas hoje eu tive o prazer de pegar os números do Gilson, se eu fosse secretário do Partido Comunista russo, em um encontro do Partido Comunista, eu não poderia ofertar um relatório mais bonito do que esse, Gilson. Isso aqui vai precisar... Eu vou dar alguns números aqui:

Entre 2003 e 2010, foram realizadas 12 milhões e 200 mil operações de microcrédito produtivo urbano, sendo emprestados mais de R\$ 13 bilhões e 700 milhões, em sua maioria para operações que contaram com assessoria de um agente de crédito. Gilson, se estiver errado você faz assim, se tiver positivo, você faz assim.

Vamos ver o que aconteceu com o Pronaf: entre 2003 e 2010 foram efetuados cerca de 14,3 milhões de contratos do Pronaf, sendo emprestados mais de R\$ 61 bilhões aos agricultores familiares, em operações de financiamento de investimento e para custeio da produção agropecuária. Vocês vejam que nós estamos falando de R\$ 61 bilhões que circularam na mão das pessoas da pequena agricultura neste país.

Vamos ver o que aconteceu na inclusão bancária e ampliação do acesso ao crédito pela população de baixa renda – Conta corrente e relação com instituições financeiras. Entre 2003 e 2010, o número de pessoas físicas que passaram a ter relação com instituições financeiras (bancos e cooperativas de crédito) aumentou de 45 milhões, em sua grande maioria... aumentou em 45 milhões em sua grande maioria pelo aumento do número pessoas com conta corrente e de poupança.

Houve o projeto de inclusão financeira dos beneficiários do Programa Bolsa Família. Cerca de 2 milhões e 350 mil beneficiários do Bolsa Família já têm conta corrente simplificada e mais de 580 mil tiveram acesso ao microcrédito produtivo rural ou urbano por meio do Agroamigo, Pronaf ou



Crediamigo.

Crédito Consignado, beneficiários do INSS, só o INSS. Entre 2004 e setembro de 2010, foram efetuados 41 milhões e 800 mil contratos de crédito consignado com beneficiários do INSS, envolvendo R\$ 82 bilhões de financiamento.

Microcrédito Popular, sem restrição de uso: Recursos dos depósitos Especiais para Microcrédito. Os recursos dos 2% dos depósitos especiais destinados ao microcrédito permitiram a realização, entre 2004 e agosto de 2010, de 52,7 milhões de operações de microcrédito de uso livre, com 6 bilhões 460 milhões em empréstimos destinados a população de baixa renda.

Fortalecimento do Cooperativismo de Crédito: As cooperativas de crédito ampliaram o público atendido com a transformação de diversas cooperativas fechadas em cooperativas de livre adesão. O número de cooperativas de crédito somado aos postos de atendimento cooperativo aumentou de 2 milhões 915, em 2002, para 4 milhões... para 4 mil 319, não são 2 milhões não, aumentou de 2 milhões 915, em 2002, para 4 milhões 319 em junho de 2010, ampliando significativamente os pontos de atendimento das cooperativas. Entre 2002 e junho de 2010, as cooperativas de crédito tiveram um significativo crescimento de todos os seus indicadores econômicos: a) aumentaram o número de associados de 1,6 milhão para 4,5 milhões; b) elevaram o valor dos depósitos de seus associados de R\$ 6,9 bilhões para R\$ 26,5 bilhões; c) ampliaram o patrimônio líquido do segmento de 2,6 bilhões para 12,2 bilhões. Elevaram os ativos totais administrados de 11,5 bilhões para 48,5 bilhões. Ampliaram as operações de crédito de R\$ 4,6 bilhões para R\$ 27,8 bilhões.

Principais desafios: você vê a quantidade de dinheiro que eu falei, não é Meirelles? Eu falei tanto bilhão que você já percebeu que tem mais do que a reserva nossa em dólar. E está rendendo... Hein Meirelles? Com essa política americana o nosso está rendendo... vamos emprestar para a cooperativa que rende mais.



Bem, principais desafios aqui: consolidar o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado com uma maior inter-relação entre as instituições bancárias e as instituições de microcrédito; ampliar o número de instituições de microfinanças e estimular a sua expansão para os pequenos municípios; ampliar a escala de operação das instituições de microfinanças, com ampliação da área de atuação para as comunidades e empreendedores mais carentes; construir parcerias com estados e municípios para apoiar e fortalecer as instituições de microcrédito; ampliar as ações de educação financeira da população de baixa renda e de micro e pequenos empreendedores; fortalecer as ações de capacitação e formação de empreendedores, gestão de negócios e da atividade; ampliar a formalização dos micro e pequenos empreendedores, facilitando assim o acesso ao crédito e demais políticas públicas; ampliar os mecanismos de garantia nas operações de microcrédito, permitindo sua expansão e ampliação mais rápida; desenvolvimento de produtos e serviços financeiros mais adaptados À realidade econômica da população de baixa renda e dos microempreendedores; ampliar o número de cooperativas de crédito nas regiões Norte e Nordeste; fortalecer ainda mais o cooperativismo de crédito no Brasil, buscando elevar sua participação no total do Sistema Financeiro Nacional; ampliar os mecanismos de acesso ao crédito e aos serviços financeiros pelos beneficiários do programa. Essa aqui, Meirelles, são algumas das coisas que precisam ser feitas para a gente aprimorar essa questão do crédito.

Outros números importantes: ampliação do Crediamigo... Smith, você veja se isso aqui é verdadeiro. Entre 2002 e 2010, de 359 mil contratos para 1 milhão e 300 mil contratos por ano. E de 287 milhões de empréstimos para 1 bilhão 580 milhões emprestados por ano; realização pelo Crediamigo, entre 2003 e 2010, de 6,6 milhões de operações de microcrédito produtivo, emprestando para empreendedores cerca de 7 bilhões neste período.



Além das operações do Crediamigo, foram realizadas, entre 2005 e 2010 no âmbito do Programa Nacional de Microcrédito Produtivo, por outras instituições de microcrédito produtivo orientado, cerca de 1 milhão e 300 mil operações, envolvendo R\$ 2,9 bilhões.

Os recursos dos depósitos especiais destinados ao microcrédito, 2% dos depósitos à vista, permitiram a realização de mais 4,2 milhões de operações de microcrédito produtivo, envolvendo outros R\$ 3,72 bilhões em empréstimos entre 2004 e 2010. Os recursos dos depósitos especiais de microcrédito foram responsáveis por 3,17 bilhões em operações de microcrédito produtivo orientado por meio do Crediamigo desde 2004, sendo responsáveis por 336 milhões da carteira ativa atual. Ampliação do número de assessores de crédito, passando de 396 em 2002 para 1.639 agentes de crédito em 2010.

Outros números, outros números. Isso aqui é um número importante, Meirelles. Você sabe que não foi fácil a gente conseguir isso aqui. O crédito do Pronaf cresceu no nosso governo, passando de 829 mil contratos e 2 bilhões de financiamento, em 2002, para cerca de 2 milhões de contratos/ano em 2010, envolvendo R\$ 14 bilhões. A agricultura familiar, que acessa o crédito rural pelo Pronaf, está coberta com seguro de preços, de renda e climático das operações de custeio e investimento. Tudo isso, obra do Gilson aqui. Os agricultores familiares mais pobres beneficiários do Pronaf contam agora com o Programa Agroamigo, que opera com a metodologia do microcrédito produtivo orientado.

Por meio do Pronaf/Agroamigo já foram realizados 1,05 milhão de contratos e liberados mais de R\$ 1,5 bilhão, em operações que contam com o (incompreensível) da União e dos Fundos Constitucionais, apresentando baixa inadimplência, baixa inadimplência.



Outros números: inclusão bancária e ampliação do acesso ao crédito pela população de baixa renda, conta corrente e relação com instituições financeiras. Entre 2003 e 2010, o número de pessoas que mantém relacionamento com uma instituição financeira cresceu de 70 milhões para 115 milhões, ampliando de 40% para 59% da população brasileira com vínculo com alguma instituição integrante do Sistema Financeiro Nacional.

Existem cerca de 6,5 milhões de contas correntes simplificadas, com destaque nos bancos públicos federais, criadas para a população de baixa renda, sem cobrança de tarifas e sem necessidade de comprovação de renda e de endereço.

Outros números: projeto de inclusão financeira dos beneficiários do Programa Bolsa Família. Até setembro de 2010, mais de 2 milhões 850 mil pessoas... famílias, não é isso? beneficiários do Programa Bolsa Família já eram detentores de contas de depósito simplificadas abertas na Caixa para recebimento dos benefícios, permitindo também outras operações bancárias. Mais de 241 mil beneficiários do Programa Bolsa Família do meio rural tiveram acesso ao microcrédito produtivo rural por meio Agroamigo/Pronaf do Banco do Nordeste. Não falaram nada do Basa até agora, hein? Cerca... Gilson, o Basa reivindica... cerca de 340 mil beneficiários do Programa Bolsa Família tiveram acesso ao microcrédito produtivo pelo Banco do Nordeste.

Estão sendo oferecidos cursos sobre educação financeira para os beneficiários do Programa Bolsa família, ampliando as possibilidades do acesso ao microcrédito produtivo por este público.

Correspondentes bancários no país... Ô gente, eu não vou mais ficar lendo números aqui, não. É apenas... eu queria dar um pouco disso aqui para valorizar o Gilson, que trabalhou que nem um desgraçado. Mas ao mesmo tempo, dizer para vocês o seguinte: é tanta coisa que aconteceu neste país, é tanta coisa, que quando a gente está terminando o mandato e o governo tem a aprovação que tem, obviamente, que não é por elogios da imprensa. Não é



porque a imprensa fala bem do governo. É porque tem uma coisa que está acontecendo no Brasil, Meirelles, que a política pública está chegando nas pessoas. E são milhares, milhares e milhares, de forma diferenciada, que garante com que a política chegue nas pessoas.

Nós estamos acabando com aquele tempo, minha querida Teresa, estamos acabando com o tempo em que só pegava dinheiro emprestado em banco, quem não precisava de dinheiro. Porque as exigências eram de tal magnitude, a quantidade... eu lembro que um dia eu peguei, em uma reunião do Pronaf, eu pedi ao Banco do Brasil, na época, que ele me trouxesse uma relação da quantidade de linhas de crédito. Era um negócio absurdo, Meirelles, era Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf D, Pronaf... tinha o abecedário inteiro, e cada um ainda era subdividido. Ou seja, o cidadão, ele tinha que ter tanto dinheiro para cumprir as exigências, que se ele cumprisse as exigências, não precisaria mais do empréstimo, ele ia aplicar o seu próprio recurso.

Isso valia para o BNDES, isso valia para os bancos públicos porque houve um tempo em que a moda era não emprestar. Houve um tempo em que a moda era não emprestar, e se tivesse que emprestar, era melhor emprestar muito para um só, porque sentava lá o cidadão na frente do gerente, conversavam, trocavam charutos e pegavam... do que atender um monte de capiau de sandálias havaianas, que ia lá pegar R\$ 500,00, R\$ 50,00, R\$ 200,00, R\$ 20,00, R\$ 30,00.

Então, mudou. Mudou e eu acho que vocês têm muita responsabilidade, acho que nós temos que avançar mais ainda. Mas essa ideia de a gente pegar os estados mais empobrecidos, mais atrasados e a gente criar mais condições compreendendo uma coisa simples, gente: o pobre que tiver acesso a R\$ 50,00, ele não vai comprar dólar, ele não vai comprar carro, ele vai comprar comida.

Eu, agora, fui a Petrolina, eu fui a Petrolina, um menino que está estudando engenharia na Universidade Federal de Petrolina, não desistiu da





escola por conta do Bolsa Família, Márcia. É o Bolsa Família que garante a ida desse menino à universidade. Como é que a gente vai querer que alguém, lá no Rio de Janeiro, no 18º andar de um prédio, vá se preocupar que R\$ 80,00 vai garantir que um jovem vá para a universidade?

Então, esse milagre da multiplicação que está acontecendo no Brasil é um milagre que precisa continuar. Eu acho que... No dia 1º de janeiro a gente vai ter uma nova presidente, certamente vai ter muita gente nova no governo, e eu acho que é importante que vocês não deixem de discutir os assuntos pertinentes ao microcrédito, ao fortalecimento da cooperativa, ao fortalecimento da inclusão bancária, ao fortalecimento do microcrédito. Quanto mais crédito a gente tiver... Preciso eu, torneiro mecânico, sem nenhuma iniciação acadêmica na área de... como chama? De economia, entender que um país capitalista tinha que ter capital, um país capitalista tinha que ter crédito.

Você sabe quanto era o crédito, no Brasil inteiro, quando nós chegamos, Meirelles? Em 2003? Pode pegar março de 2003. O crédito disponibilizado no Brasil inteiro era de apenas R\$ 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil deve ter 380 bilhões. E o Brasil tem mais de R\$ 1 trilhão e 600 bilhões hoje, de crédito disponibilizados.

Ou seja, então você vê que... Uma vez eu perguntei para o BNDES: quanto tempo demora entre eu dar entrada em um pedido e o dinheiro sair lá na ponta? Duzentos e setenta e cinco dias. Isso se pegar gente de boa vontade.

Então, a minha briga, no começo, era para fazer com que as coisas fossem agilizadas. Não é possível alguém dar entrada em um projeto e demorar dois, três anos, tem que ter um meio mais ágil de investigar. E mudou muito. Mudou tanto que, no ano passado, nós fomos lá em São Paulo, embaixo de uma ponte, a gente assinou um financiamento para os catadores de papel de R\$ 200 milhões.

Ou seja, então as coisas estão avançando por experiências



extraordinárias como essa do Ceará e outras milhares de experiências bem-sucedidas no Brasil, coisas que a gente olhando individualmente pode-se não se dar valor, dependendo da mesa onde a gente está, com quem a gente está, mas se a gente analisa o conjunto, a gente percebe que, às vezes, esse mutirão e esses milhões de pequenas coisas terminam dando um resultado econômico extraordinário para o país. É por isso que nas regiões mais pobres do Nordeste, e a classe D e E, C e D é que mantiveram o comércio crescendo, na época da crise econômica, quando a classe A e B diminuiu o seu poder de compra.

Então, Meirelles, a palavra-chave é essa: quer que este país cresça? Quer que este país se desenvolva? Quer que este país consuma e não fique atrofiado como estão os Estados Unidos e a Europa agora? Coloque prata na mão dos pequenos, dê oportunidade de os pequenos ter acesso às coisas.

Eu fui agora ao Canal do São Francisco, uma experiência bem-sucedida na vida de uma pessoa. Uma mulher, uma mulher, estava o batalhão do Exército fazendo o Canal do São Francisco, lá perto de Cabrobó, uma mulher tomou R\$ 50,00 emprestados para o sobrinho dela. Essa mulher, com os R\$ 50,00, ela começou a fazer pastéis para vender para o pessoal que estava trabalhando. Ela vendia pastel e vendia meio guaraná em um copo de papel, o guaraná tinha que render, não podia vender um inteiro. Ou seja, passados seis meses, essa mulher já tinha comprado uma moto, essa mulher estava fazendo um restaurante para atender 400 refeições por dia. Então, veja a transformação que aconteceu na vida de uma mulher, por causa de R\$ 50,00.

Quantas, quantas pessoas precisam apenas, quem sabe, de 50, de 100 ou de 150 para dar o primeiro passo? Quantas? E quantas vezes a gente vê nos jornais pessoas que tiveram acesso a bilhões e bilhões e bilhões, que não geraram quase emprego, que quebraram e que nós fomos obrigados a sair correndo atrás do prejuízo? Quantos?

Então, eu penso que essas experiências devem servir de balizamento



para que a gente continue fazendo o Brasil continuar dando certo como ele está dando certo até agora.

No mais, parabéns a todos vocês, e que a gente continue fazendo com que o crédito cresça, e cresça, e cresça, não em quantidade apenas, mas para atingir milhões de brasileiros que ainda não tiveram acesso.

Um abraço, e boa viagem, Meirelles, que eu sei que você vai embarcar.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
reunião plenária do Conselho Nacional de Economia Solidária**

**Palácio do Planalto, 17 de novembro de 2010**

Bem, primeiro cumprimentar o companheiro Lupi e a companheira Márcia Lopes,

Cumprimentar os companheiros deputados Gonzaga Patriota, Janete Pietá e o nosso querido doutor Rosinha,

Cumprimentar o companheiro Paul Singer,

Cumprimentar a Joana Mota, rainha dos conselhos,

Meus queridos companheiros e companheiras,

Eu, na verdade, não ia falar, porque eu acho que a fala do Paul Singer, da Joana e do Lupi tinha preenchido o que eu deveria falar. Mas como eu vi alguns jornalistas aí, e político não pode ver jornalista e uma câmera que ele já fica doido para falar...

O que foi dito aqui pelo Paul Singer, o que foi dito pela Joana, o que foi dito pelo Lupi é uma das razões pelas quais, para surpresa de muita gente, quando se faz pesquisa de opinião pública, o governo aparece com tamanha avaliação. É porque independentemente da divulgação ou não, as coisas estão chegando nas pessoas. E quando as coisas estão chegando nas pessoas, não adianta você dizer mais do que é, porque as pessoas sabem exatamente o que chega; não adianta você dizer menos do que é, porque as pessoas sabem exatamente o que chega; e não adianta você não dizer nada, porque as pessoas sabem o que está chegando.

E é importante que a gente lembre a evolução que nós tivemos aqui. Paul Singer, em 2003, você está lembrado que a grande discussão era saber se o BNDES iria emprestar dinheiro para as cooperativas populares



emprestarem dinheiro para o povo. Naquela época, a grande briga é que o presidente do BNDES não aceitava, em hipótese alguma, emprestar dinheiro a 1% para a cooperativa emprestar a 3 ou a 4%. Isso levou mais de um ano, ou um ano e meio de polêmica, até que nós conseguíssemos fazer um ajuste que contemplasse as pessoas.

Bem, eu estou dizendo isso porque quando nós criamos a Secretaria de Economia Solidária, em junho de 2003, o mundo praticamente não conhecia exemplos de estruturas públicas voltadas para essa área, com exceção de uma breve experiência do governo Jospin, na França.

Desde então, tivemos que aprender fazendo. E contamos, acima de tudo, com um permanente diálogo com a sociedade civil para construir nossas políticas públicas.

Nossos trabalhadores, afinal, já vinham colocando a economia solidária na prática desde os anos 80, como forma de sobreviver às crises e ao desemprego. Essas iniciativas de gerir o próprio trabalho e lutar pela emancipação de milhares de empreendimentos tiveram o apoio – quem está lembrado dos anos 80, na periferia das grandes cidades – da igreja, dos sindicatos, das universidades. E a experiência ali recolhida foi fundamental para que trabalhássemos o tema no governo federal.

Nesse sentido, o Conselho Nacional de Economia Solidária desempenhou papel fundamental ao reunir as entidades voltadas ao setor e representantes dos empreendimentos econômicos solidários. Hoje, não apenas consolidamos políticas para a economia solidária como conseguimos motivar estados e municípios a também criar e ampliar suas políticas para a atividade.

Em 2003, apenas quatro governos estaduais e algumas dezenas de prefeituras possuíam políticas de economia solidária. Sete anos depois, já são 18 estados e algumas centenas de municípios que estão praticando economia solidária.

Isso faz com que, hoje, os participantes do setor no Brasil estejam



debatendo a criação de um sistema público para a atividade, como apontou a 2ª Conferência Nacional de Economia Solidária.

Vocês estão lembrados que na primeira Conferência, em 2006, foram delineadas as grandes prioridades, e a partir dela construímos o Plano Plurianual de 2008 a 2011, consolidando os grandes eixos das políticas públicas. Isso permitiu que vocês realizassem, em junho passado, a segunda Conferência, visando à consolidação das políticas públicas já existentes e à criação de novos mecanismos.

O governo tem trabalhado para atender as demandas expressas nessas conferências. E é ilusão do governo pensar que vai atender tudo, porque quanto mais nós atendermos, mais vocês vão reivindicar, mais nós vamos atender, mais vocês vão reivindicar, porque é infinita a capacidade de aprendizado do ser humano e, portanto, a capacidade de reivindicar. Se engana quem está no governo e acha que o atendimento de uma reivindicação é o fim do problema. É apenas o começo de mais um novo problema.

O Congresso Nacional reformulou a Lei do Cooperativismo e aprovou a nova Lei das Cooperativas de Crédito. Também eu tenho a esperança de que em breve seja aprovado o Projeto de Lei das Cooperativas de Trabalho.

Hoje, ampliamos as políticas para o setor com a assinatura dos decretos: aquele que institui o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas e o que cria o Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário. Este Sistema será a primeira experiência no mundo do comércio justo e solidário reconhecida e fomentada por um Estado.

Essas iniciativas fazem parte de um processo maior que estamos pondo em curso, com o objetivo de consolidar e institucionalizar as políticas públicas de economia solidária e de tornar perenes as conquistas que já foram obtidas pelos trabalhadores brasileiros.

É o caso da Política Nacional de Resíduos Sólidos e do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária, instituídos em nosso



governo, que também reconheceu o espaço da economia solidária nas Superintendências Regionais do Trabalho em todo o território nacional.

Entre 2004 e 2010, a Secretaria executou um orçamento de R\$ 150 milhões. Isso beneficiou mais de 250 mil trabalhadores e trabalhadoras por meio do acesso a bens e serviços financeiros, de infraestrutura, de conhecimentos e da organização de processos de produção e comercialização. Por meio da qualificação social e profissional da economia solidária, foram e estão sendo beneficiadas mais de 22 mil pessoas.

Nos Centros de Formação em Economia Solidária estão sendo formados 15 mil educadores populares, agentes e assessorias que atuam com empreendimentos econômicos solidários, além de 1,2 mil gestores de políticas públicas, capacitados em outros projetos.

A ação de promoção do desenvolvimento local e economia solidária beneficiou diretamente mais de 110 mil pessoas em comunidades pobres do meio rural e nos grandes centros urbanos.

Por meio do Programa Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, o governo federal apoiou 82 incubadoras universitárias – pelo que você falou, já tem mais. Bem, é melhor ter mais do que ter menos. E fez isso com o objetivo de prestar serviços de formação, informação e de apoio organizativo e de comercialização no fomento e criação de aproximadamente 700 empreendimentos econômicos solidários, com mais de 10 mil associados.

A assistência técnica a empreendimentos econômicos solidários e redes de cooperação beneficiou mais de 5,5 mil empreendimentos. Destaca-se também o apoio dado a mais de 10 mil catadores de materiais recicláveis que receberam formação e assistência técnica articuladas a outras iniciativas de fomento do governo federal.

No apoio ao desenvolvimento das finanças solidárias, destacam-se as iniciativas de fomento aos bancos comunitários de desenvolvimento. Da



mesma forma, foram executadas ações de apoio às organizações que atuam em fundos rotativos solidários.

Podemos afirmar que valeu a pena todo o esforço realizado por este governo para fortalecer a economia solidária no Brasil. Mas é preciso reconhecer que ainda há muita coisa por ser feita no país.

A atuação desse Conselho Nacional de Economia Solidária e a realização periódica das Conferências Nacionais certamente vão continuar garantindo as condições para que trabalhadores e trabalhadoras do país possam construir uma rede de economia solidária cada vez mais sólida e sustentável.

Companheiros e companheiras,

É o seguinte: eu tinha que ler isso aqui, porque isso aqui está parecendo um relatório que o secretário-geral do comitê do Partido Comunista de qualquer país faria antes de um encontro como esse, é uma espécie de prestação de contas. Agora, agora é o seguinte, gente. É o seguinte: eu comecei dizendo que possivelmente todo o esforço que nós fizemos durante esses oito anos não foi levado em conta, não foi divulgado, as pessoas sequer cobriram as conferências. Porque no Brasil, às vezes, é assim. Ninguém tem culpa, mas, às vezes, é assim: uma briga de duas pessoas na rua tem mais importância do que uma conferência que envolveu 20 mil pessoas neste país para discutir economia solidária.

O resultado dessas cooperativas é como se fosse a própria multiplicação dos pães. Eu lembro que na Conforja, lá em São Bernardo do Campo, era uma empresa grande, de mais de 3 mil trabalhadores, quando ela quebrou e os companheiros começaram a tentar organizar uma cooperativa, a maioria dos trabalhadores não quiseram cooperativa, a maioria dos trabalhadores, alguns por inocência, outros por sectarismo, outros por ignorância, faziam discursos homéricos contra a cooperativa, homéricos. Ou seja, de quase 3 mil trabalhadores, nós ficamos com 300 trabalhadores na cooperativa,





companheiros que acreditaram, companheiros que tiveram o apoio intrínseco do sindicato, companheiros que foram atrás de empréstimo do BNDES. Foi a primeira vez que o BNDES emprestou dinheiro para uma cooperativa. Na época, eu não sei se foram 15 milhões, que era para comprar a própria fábrica. E, hoje, a cooperativa, com quantos trabalhadores está? Quinhentos e dez sócios, 510 sócios, ou seja, está de vento em popa, produzindo, todo mundo manda e todo mundo obedece, e todo mundo trabalha, porque a cooperativa é um estágio de consciência. Ninguém obriga ninguém a ficar em uma cooperativa.

Foi outra coisa que eu aprendi, Paul Singer, outra que eu aprendi é que quando nós brigamos aqui para que a gente flexibilizasse a legislação sobre cooperativa, que até precisou mudar comportamento do Banco Central para facilitar a vida de cooperativas, eu imaginei que milhões de pessoas iriam correr para as cooperativas. Não era verdade. Ou seja, a cooperativa não pode nascer de cima para baixo, ela não nasce por decreto, ela não nasce por lei. A cooperativa é um estágio da evolução do conhecimento da espécie humana, no seu aprendizado da convivência coletiva, das decisões coletivas e de repartição dos ganhos e dos prejuízos. Ou seja, leva um tempo para que um ser humano aprenda a viver em comunidade, e muito mais tempo ele leva para aprender a trabalhar de forma solidária, aprender a dar ao invés de querer receber, saber esperar o tempo de plantar e o tempo de colher.

E eu acho que foi isso, Paul Singer, que vocês conseguiram fazer. Certamente, nós estamos longe de atingir a perfeição do nosso crédito solidário, das cooperativas, do nosso trabalho, estamos muito longe. Mas o dado concreto é que nós estamos mostrando ao Brasil e ao mundo que é possível a gente não ter apenas um jeito de trabalhar, um jeito de ganhar a nossa vida e um jeito de prestar serviço ao nosso país. Tem múltiplas e infinitas possibilidades que, muitas vezes, são resultado da criação ou da criatividade e da inteligência do nosso povo.



Eu, todo ano, no dia 23 de dezembro, vou, embaixo de um viaduto, lá em São Paulo, me encontrar com os companheiros que não querem mais ser chamados de “catadores de papéis”, estão agora chiques, agora são “catadores de materiais recicláveis”. E eu tive a oportunidade de ir com esses companheiros ao BNDES quando, pela primeira vez na história do BNDES, catadores de papel entraram lá para fazer um crédito. E na última vez que eu fui lá, foi disponibilizado R\$ 200 milhões de crédito para as cooperativas do Brasil inteiro.

E este ano é o meu último ano, mas, se Deus quiser, levarei a Dilma para passar o bastão para ela lá. É importante porque é isso, gente, é isso que faz acontecer o milagre da crença do povo. Um governo não pode ser medido apenas pela quantidade de quilômetros quadrados, pela quantidade de trilho, pela quantidade de ferro, pela quantidade de casa. O governo, também, ele é medido pela qualidade da relação que ele estabelece com a sociedade.

Na hora em que a gente estabelece essa relação verdadeira, em que eu olho nos olhos de vocês e vejo que vocês não estão mentindo para mim, e vocês olham nos meus olhos e veem que eu não estou mentindo para vocês, está consolidada a coisa mais perfeita da nossa passagem pela terra, que é a confiança entre seres humanos, é uma convivência um pouco de amor, sem egoísmo. Porque no fundo, no fundo, o que é ser presidente da República? Qual é a diferença de ser presidente da República e ser presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, que eu fui durante tanto tempo? Qual é a diferença de ser presidente da República e ser diretor, ser presidente do... ser o síndico do prédio? Os problemas são os mesmos, as pessoas são as mesmas. Pode ter uma dimensão maior ou menor, mas no fundo, no fundo, o que conta é que se você exerce uma função de direção em algum lugar, só vale a pena você exercer se as pessoas que te elegeram confiarem em você, se as pessoas que te elegeram acharem que você está fazendo aquilo que elas queriam que você fizesse quando elegeram.



Então, eu vou deixar o governo daqui a um mês e está vindo rápido. Demorou tanto para a oposição mas, para mim, foi tão rápido. E eu saio com duas coisas que eu acho que são as coisas que marcam a minha vida. Primeiro, a relação de confiança verdadeira. Eu nunca, em nenhum momento da minha vida, perdi a noção de onde eu vim e, muito menos, perdi a noção para onde eu vou. Nunca, em nenhum momento, poderia estar andando na carruagem com a Rainha da Inglaterra, ou com a Rainha da Suécia, ou poderia estar em uma reunião do G20, eu nunca perdi a noção de quem, neste país, ao longo de tantos anos, eram os meus companheiros. Porque alguns são companheiros eventuais, e outros são companheiros para sempre, ou seja, os mesmos que não me chamam de presidente, que me tratam de companheiro Lula, ou lá no Sindicato, que me chamam de “baiano”, quando não me chamam de outras coisas, ou seja, a peãozada metida, que não aprendeu nem a me chamar de “excelência”. Mas eu tenho certeza que quando eu não for mais Presidente, são esses companheiros que serão os meus companheiros até outra jornada que nós vamos levar.

E eu tenho a convicção de que vocês, companheiros e companheiras da Economia Solidária, ainda não foram reconhecidos, não foram reconhecidos pela grande imprensa, não foram reconhecidos ainda pelos grandes economistas, não foram ainda reconhecidos por muitos lugares que deveriam reconhecer, porque no momento em que os pseudosábios deste país não sabiam o que fazer com o desespero de um trabalhador desempregado, vocês, humildemente, apresentavam uma mão de esperança para as pessoas começarem a acreditar outra vez.

E eu acho... E não é, e não é todo mundo que aprendeu a dar valor a isso, não é todo mundo. Essa é uma coisa que, às vezes, não é o número que fala alto, é o gesto. Às vezes, essa é uma coisa que a gente não vê com a sabedoria da nossa consciência, mas que a gente vê com o sentimento do nosso coração. E eu sei o quanto vocês batalharam para chegar aonde nós



chegamos.

O que é importante é que vocês acreditaram e continuam acreditando, porque, se Deus quiser, a nossa presidenta, que tomará posse no dia 1º de janeiro, vai fazer mais e melhor do que nós fizemos até agora.

Um abraço e parabéns a todos vocês.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do Centro de Referência do Trabalhador Leonel Brizola**

**Setor de Indústria e Abastecimento – Brasília-DF, 18 de novembro de 2010**

Eu estava brincando aqui que o companheiro Lupi muda de paixão muito rapidamente. Agora há pouco ele estava ali, dizendo para mim... apresentou uma loira e falou: “Essa aqui é a minha paixão”. Dois minutos depois (incompreensível).

**Ministro Lupi:** É minha mulher.

**Presidente:** Meu querido companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,

Senadores Acir Gurgacz, Jefferson Praia e João Durval,

Companheiros deputados federais Ademir Camilo, Damião Feliciano, José Carlos Araújo, Julião Amin, Manato, Marcos Nebraço, Mário Henriger, Oziel Oliveira, Paulo Pereira da Silva, Paulo Rubem Santiago e Sueli Vidigal,

Nossa querida Juliana... Está bom. Está ruim? Está bom. Nossa querida Juliana Brizola,

Leonel Brizola Neto,

Meu querido companheiro Alceu Collares, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, ex-deputado federal... Ex o quê mais? Ex um monte de coisa, prefeito.

Meus queridos companheiros do PDT.

Primeiro, Lupi, eu quero, eu quero, Lupi, dar os parabéns a você, enquanto presidente do PDT e ministro do Trabalho, por recuperar parte da



história do companheiro Brizola, inaugurando esse Centro, que leva o seu nome. Eu costumo dizer que o Brasil é um país que ficou empobrecido durante muito tempo, porque a gente não costuma guardar a memória dos nossos heróis. Ou seja, vira e mexe a gente procura um herói no Brasil, a gente cai em Tiradentes, vira e mexe a gente cai em Tiradentes, porque nós não cultuamos a imagem e a memória daqueles que fizeram tanto por este país. Então, acho que você está fazendo um gesto extraordinário.

Segundo, companheiro Lupi, preservar a memória da organização e da luta dos trabalhadores brasileiros é, na realidade, preservar também a própria história do nosso país. Nosso país, afinal, não foi construído [dentro] de gabinetes ou em meio às cortes. Foi o suor, o empenho e os ideais dos trabalhadores que conduziram as profundas transformações históricas que moldaram esta nação cada vez mais justa em que vivemos hoje. Nesse sentido, os 80 anos do Ministério do Trabalho representam também os 80 anos da relação entre o Estado brasileiro e toda a classe trabalhadora brasileira.

Estou falando de uma relação que nem sempre foi harmônica, que nem sempre foi democrática, mas que sinalizou, ao longo dessas oito décadas, os rumos do desenvolvimento nacional.

Todas as vezes em que o trabalhador foi tratado como um caso de polícia – e não como um ator fundamental em nosso cenário político, portador de direitos e autonomia – nosso país deu passos gigantes para trás.

E sempre que o Estado ouviu, respeitou e acreditou na força da classe trabalhadora, o Brasil avançou em termos democráticos, sociais e econômicos. Foi isso o que ocorreu, por exemplo, quando os trabalhadores, pela primeira vez, conquistaram os seus direitos, ainda no governo Vargas, impulsionando uma imensa transformação em um país cuja realidade social ainda lembrava a do século XIX.

Também foi o que ocorreu quando lutaram pela criação da Petrobras ou pela nossa soberania. Ou quando impulsionaram o desenvolvimento de nossa



base industrial nos anos JK e a ampliação da participação popular durante o governo João Goulart.

Os trabalhadores brasileiros sofreram derrotas, como aquela que tirou o Brasil dos trilhos do desenvolvimento democrático em 1964.

Mas os trabalhadores foram fundamentais – e vitoriosos – nas lutas pela redemocratização. E ganharam cada vez mais consciência, organização e força para defender seus direitos e o desenvolvimento justo e soberano do nosso país. Mais do que isso: garantiram seu espaço não como expectadores passivos das decisões governamentais, mas, sim, como efetivos construtores do próprio destino. E não é exagero dizer que, a partir de 2003, o Brasil passou a construir uma nova forma de relação entre o nosso Estado e a nossa sociedade.

Hoje, seja na Presidência da República, no Ministério do Trabalho, ou em qualquer outra área do governo, a participação dos trabalhadores, dos movimentos sociais e dos mais variados setores da sociedade se dá de forma democrática, institucional e permanente.

Nos últimos oito anos, vários conselhos nacionais foram criados, reativados ou fortalecidos, e 73 conferências nacionais de políticas públicas sobre os mais diversos temas – tendo quase todas em comum a participação do trabalhador – proporcionaram um verdadeiro mutirão democrático, que balizou a atuação do governo federal.

Não é por acaso, portanto, que o aprimoramento da participação social foi acompanhada por uma inédita valorização do trabalho e da renda. Como disse o Lupi, foram criados, e chegaremos ao final do ano, com mais de 15 milhões de trabalhadores com carteira profissional assinada, em oito anos, com crescimento da massa salarial – para o Paulinho nunca mais reclamar – e ganhos efetivos nos reajustes, sempre acima da inflação.

Aqui é um dado importante para quem viveu o trabalhismo a vida inteira. Eu fui dirigente sindical nos anos 70 e nos anos 80. Está aqui o Medeiros, que



também era. E eu, Medeiros, toda a vida que eu fiquei no Sindicato, eu nunca consegui fazer um acordo tendo ganho real de salário. A gente fazia greve de dez, 15, 20 ou 30 dias e, quando a gente ia fazer acordo, a gente se contentava em não perder tudo aquilo que a inflação estava comendo. E faz exatamente oito anos, Lupi, oito anos que 90% dos sindicatos de trabalhadores deste país conseguem fazer acordo com ganho real de aumento de salário.

É importante lembrarmos aqui, Lupi, uma frase do nosso querido companheiro, engenheiro Leonel de Moura Brizola – um dos grandes líderes brasileiros que tão bem representou, ao longo de sua vida, os ideais trabalhistas do desenvolvimento, da justiça social e da soberania do nosso país. Dizia o Brizola: “Em países como o nosso, não há desenvolvimento sem mobilização, não há desenvolvimento sem colaboração popular. Do contrário, é elitismo”. E afirmava: “É o nosso povo organizado, em mil formas, ajudando, colaborando, que construirá o desenvolvimento com suas próprias mãos”.

Essa construção está, felizmente, acontecendo nos dias de hoje. E este Centro que, com toda justiça, homenageia Brizola, expressa o vigor e a permanência dos ideais dos trabalhadores brasileiros.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Companheiro Laguna,

Tem uns mosquitos aqui, Laguna. Vem tanta gente na frente para ver isso aqui... Isso é porque é final de mandato, viu. Eu queria dizer... Não sabe? Você é quem pensa, meu filho. Os mosquitos aqui, em Brasília, sabem muito...

Companheiro Lupi, eu penso que muitas vezes quem acompanhou a relação entre PT e PDT, entre Lula e Brizola pela imprensa, certamente não tem noção e não tem compreensão de quantas coisas nós tínhamos em comum. Muitas vezes, o que aparecia era só a divergência.

E eu tive o prazer, Lupi, eu tive o prazer de conviver no meio de Brizola, de Arraes e de João Amazonas. Eu tive o prazer de separar brigas de cadeiradas nos comícios, de bandeiradas, por conta do parlamentarismo ou do





presidencialismo. Eu tive o prazer de compreender como duas grandes lideranças, como Brizola e Arraes... e por serem grandes, tinham problema de relacionamento muito forte. Ou seja, eram duas figuras importantes que se respeitavam, mas que eram tão fortes, cada um com a sua visão de Brasil, cada um com a sua representatividade regional, que eles terminavam, às vezes, dando a impressão de que eram mais adversários do que aliados.

Eu tive o prazer – eu não sei se foi tanto prazer – quando eu fui ao Rio de Janeiro pedir para o Brizola me apoiar no segundo turno das eleições de [19]89. Eu não lembro, mas lá estava o Brizola, estava o finado Brandão Monteiro, estava não sei se o Vivaldo Barbosa, não sei, estava o Noel Rosa... Noel de Carvalho. E eu lembro que eu fui avisado por um companheiro do PDT: “Olha, você vai entrar, o Brizola vai estar muito nervoso. Agora, é importante ter paciência, porque se em algum momento ele levantar, pegar a tua mão e for à janela e levantar a tua mão, está consagrada a aliança”. E eu estou lá. E, em determinado momento, o Brizola falou assim para mim: “Ô Lula, eu acho que houve empate técnico entre eu e você. Então, eu acho que era importante você retirar a sua candidatura e nós dois apoiarmos o Mário Covas”. Eu falei: Ô Brizola, não teve empate técnico, não é pesquisa mais, ô Brizola. Abriu a urna, eu tive 500 mil votos a mais. Não tem como a gente, agora, retirar a candidatura. Se o povo quisesse votar no Brizola... no Mário Covas, teria votado. E começamos a conversar, e entrou na conversa do Sindicato. E eu percebi que o Brizola estava fazendo uma inflexão quando o Brizola me disse: “Ô Lula, tu sabes que é verdade? Quem começou a mudar a história na Austrália foi um sindicalista”. E aí me contou a história do sindicalista que mudou a história da Austrália. Quando ele falou isso, eu senti que ele ia levantar a minha mão. Aí fiquei ali, fiquei ali tendo a certeza de que não estava compreendendo. Ou seja, depois de mais meia hora de conversa, o Brizola pegou a minha mão, foi na janela, levantou a mão e falou: “Estamos juntos, vamos ganhar essas eleições”. Foi uma das campanhas mais extraordinárias



que nós fizemos, que foi aquela de 1989.

Depois eu tive um outro momento com o Brizola, que foi marcante. Eu tentei convencer, meu caro Alceu Collares, meu caro Lupi, o Brizola, você sabe dessa história, a não ser meu vice, eu tentei convencer o Brizola a ser senador da República. Porque o Brizola tinha uma vontade tão grande de brigar com o Antônio Carlos Magalhães que eu achava que o lugar dele era no Senado. O ACM tinha acabado de ser eleito senador. Eu dizia: “Brizola, você tem que ir para o Senado, rapaz, lá é o teu *front*”. Mas aí ele falou: “Não, eu quero ir junto com você nessa”. E foi a campanha mais difícil que nós fizemos, aquela de [19]98, porque a gente já sabia o discurso do adversário, a gente já sabia o impedimento que fizeram para a gente não aparecer na televisão.

E, depois, Lupi, uma outra coisa marcante que você precisa saber: o Brizola tinha um certo ressentimento comigo porque eu nunca tinha ido a São Borja, no túmulo do Getúlio Vargas. E o Brizola não compreendia que lá nas bandas de São Paulo – não é, Paulinho Medeiros? – nós, sindicalistas, começamos a aprender as coisas no sindicato nos opondo à visão que Getúlio tinha do movimento sindical. Ou seja, nós éramos contra e dizíamos em alto e bom som: porque a estrutura sindical brasileira é cópia fiel da *Carta del Lavoro* de Mussolini. E foi aquilo que balizou grande parte da atuação dos dirigentes sindicais de São Paulo. Então, eu não tinha muita relação com o Getúlio Vargas.

Mas quando chegou na campanha de [19]98, eis que o Brizola me convenceu a ir lá no túmulo e eu fui, em São Borja. Eu fiquei impressionado, Lupi, eu fiquei impressionado da relação e da admiração do Brizola pelo Getúlio. Porque o Brizola, em determinado momento, começou a conversar com o Getúlio, começou a conversar. E era uma coisa que eu fiquei espantado. Ele estava conversando com uma admiração, como se o Getúlio estivesse ali o ouvindo. E, de repente, o Brizola falou: “Lula, quer conversar com o Getúlio?” E me deu um buquê de flores para depositar no túmulo de Getúlio. Eu falei:



Brizola, não, eu não quero conversar não, Brizola, eu não quero conversar. Mas aí ele me apresentou, Lupi, me apresentou... o Brizola me apresentou para o Getúlio. Pegou na minha mão e falou: “Olha, Getúlio...” Doutor Getúlio, acho que era. “Olha, doutor Getúlio, aqui está um operário, um operário que você não foi, que eu não fui. Esse é o operário que nós vamos apoiar agora, Getúlio, para fazer aquilo que a gente queria fazer”. E eu... Sabe o que é a impressão de uma pessoa conversando verdadeiramente com outra, ali? Eu saí de lá e falei: Esse Brizola transcendeu a minha compreensão.

Bem, depois, o Brizola, pelas características do Brizola, ele era um homem duro, duro e ao mesmo tempo leal. O Cristovam está aqui, o Cristovam não lembra. Na campanha em que o Cristovam foi candidato à reeleição aqui, eu vim aqui com o Brizola para apoiar o Cristovam. Mas, naquele tempo, acho que o Cristovam não estava muito querendo o nosso apoio. Eu sei que o Cristovam não foi receber a gente no aeroporto. Eu tive paciência e fiquei em um restaurante, almoçando com a assessoria do Cristovam, mas o Brizola foi embora. O Brizola não titubeou, ele foi embora. “Aqui eu não fico. Não quer o meu apoio...”, e foi embora.

Na campanha em que fui eleito presidente da República, o Brizola tomou uma decisão: Depois de apoiar o Ciro – não foi, Lupi? – no primeiro momento, chegou um momento em que o Brizola – antes do final – chegou um momento em que o Brizola falou: “Olha, não dá, nós temos que ir com o Lula, eu estou preocupado é com o Brasil, eu estou preocupado com o povo brasileiro. Já fizemos aqui o nosso teste, não deu certo. Eu não estou aqui para brincar, eu vou com o Lula”, e me apoiou.

Eu, outro dia, estava dizendo para o Lupi no meu gabinete: Eu não sei se a falta de experiência não fez com que eu e Brizola tivéssemos uma relação muito mais forte depois que eu fui eleito presidente da República. Eu, sinceramente, não sei. O dado concreto é que, no momento, eu pensei que o



PDT queria o Miro de ministro. Depois que eu indiquei, o PDT não quis o Miro, ficou uma confusão muito grande, o Brizola ficou com muita raiva.

Mas tem uma coisa, companheiros: o Brizola, antes um pouco, em [19]98, depois que terminaram as eleições, eu fui à casa, eu fui a Rezende, na Casa do Noé.

\_\_\_\_\_: Noel.

**Presidente:** Noel. Eu fui a Rezende. E lá o Brizola, muito emocionado, me propôs que a gente fundisse o PT e o PDT. E o Brizola falava assim para mim: “Ô Lula, eu acho que é quase natural que você seja o herdeiro do trabalhismo, pela tua história”. E ele falava emocionado. A gente pensava que o Brizola era duro, mas nas conversas mais íntimas ele falava essas coisas e os olhos dele lacrimejavam, era pura sensibilidade escondida naquela aparente dureza que ele tentava demonstrar nos debates, era um homem de muita sensibilidade. E eu falei: Brizola, nós temos apenas que ter em conta o seguinte. Uma fusão partidária não é simples, ou seja, eu conheço muito o PT, conheço menos o PDT, e você conhece muito o PDT e menos o PT. Para fazer uma fusão dessa, certamente os partidos terão que passar por um processo de depuração muito grande, muita gente terá que cair fora do PDT e muita gente terá que cair fora do PT, e isso é um processo dolorido, Brizola.

Bom, estávamos em conversações quando um belo dia, no mês de dezembro, o Fernando Henrique Cardoso telefona lá para a minha casa. Eu cheguei em casa, o meu filho falou: “Ô pai, tem uma pessoa que já ligou cinco vezes aqui, dizendo que é o presidente Fernando Henrique Cardoso. Eu bato o telefone no gancho, porque eu acho que é trote, eu acho que é trote”. Bem, aí eu peguei, liguei para o Fernando Henrique Cardoso, ele queria falar comigo. E eu tinha uma reunião da bancada aqui, em Brasília, eu vim à reunião da bancada e disse para a bancada que eu ia... não, eu disse para a bancada que



não ia conversar com o Fernando Henrique Cardoso. Aí o Fernando Henrique Cardoso falou: “Olha, se você não for, eu vou até o hotel que você está, conversar comigo [com você]”.

Eu fui conversar. Para que eu fui conversar? Aí o Brizola soltou os cachorros, o Brizola achou que tinha sido a maior traição do mundo eu ter ido conversar com o... com o Fernando Henrique. Mesmo assim, em 2002, na hora do aperto, o Brizola não vacilou em dizer de que lado ele estava. E dizia textualmente: “Eu vou com o Lula, porque eu estou do lado dos trabalhadores brasileiros e do povo brasileiro”.

Então, Lupi, eu posso dizer a você, Lupi, que o PT e o PDT – e eu dizia para o Lupi esta semana, no meu gabinete – tem muito mais coisa em comum do que divergência. O problema é que, muitas vezes, nós sentamos pouco à mesa para conversar e, muitas vezes, nós deixamos que uma ou outra voz dos dois partidos, ou por sectarismo, ou com medo dessa aproximação, grite mais forte e a gente não constrói.

Eu acho, companheiro Lupi, que a minha passagem pela Presidência da República, você pode ter a certeza de que quando eu deixar a Presidência eu virei outro homem, muito mais experiência, muito mais calejamento, muito mais sabedor das coisas que podem ser feitas. E pode ficar certo de que eu vou trabalhar muito para que a gente consiga construir uma força mais forte, mais homogênea, que represente mais a esquerda brasileira, que tenha mais coesão.

Eu sei que essas coisas é mais fácil falar do que fazer, mas eu vou ter disponibilidade para fazer, vou ter disponibilidade, espero ter credibilidade e espero que a nossa relação possa ter permitido que essa relação de confiança tenha aumentado. E eu acho que tudo isso que a gente fizer, nós deveremos fazer e debitar isso na história do engenheiro Leonel de Moura Brizola, que por mais que alguém possa entender que ele tivesse um defeito, o Brizola nunca errou tentando tirar proveito em causa própria, se ele errou era tentando



defender uma visão que ele tinha sobre o Brasil e sobre o povo brasileiro.

Portanto, Lupi, meus parabéns. Parabéns a você, como ministro do Trabalho, parabéns aos companheiros do PDT. Lamentei profundamente não eleger o Dagoberto senador da República, não foi por falta de esforço e por falta de discurso, é que nós dois somos feios mesmo e não agradamos o eleitorado feminino. Mas, de qualquer forma, eu acho que nós temos muito tempo pela frente, Lupi, para construir aquilo que nós não conseguimos construir até ontem.

Parabéns. E parabéns ao trabalhismo brasileiro. Um abraço.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do presidente da Zâmbia, Rupiah Banda, ao Brasil  
Palácio Itamaraty, Brasília-DF, 18 de novembro de 2010**

Meu caro amigo presidente da Zâmbia, Rupiah Banda,  
Presidente José Sarney,  
Ministro Celso Amorim,  
Ministros da Zâmbia,  
Ministros brasileiros,  
Parlamentares,  
Empresários,  
Embaixadores,  
Companheiros da imprensa,

É um grande prazer reencontrar em Brasília meu amigo e companheiro presidente Banda. Sob sua liderança, a Zâmbia vem consolidando importante trajetória de promoção do desenvolvimento e de estabilidade política.

Essa é a pátria de Kenneth Kaunda, cuja luta contra o colonialismo fez da Zâmbia uma referência para a África contemporânea. Essa é também a pátria da solidariedade, que deu apoio aos movimentos de libertação de Angola, Moçambique, Zimbábue e África do Sul, nos movimentos de independência da África Austral.

Senhor Presidente,

Nossos países estão realizando grandes progressos na superação de uma herança histórica baseada na exclusão. Com políticas de transferência de renda e segurança alimentar, estamos resgatando a dívida social que dificulta nossa caminhada rumo ao desenvolvimento.

Em meio às turbulências da crise financeira mundial de 2008



comprovamos, na prática, que políticas públicas de incorporação econômica das massas não só funcionam, como constituem a base do crescimento sustentável.

A abertura de nossas embaixadas em Lusaca e Brasília é símbolo maior da amizade e cooperação que nos une. A presença diplomática permanente facilita a partilha de experiências e viabiliza projetos conjuntos de maior envergadura em benefício de nossas sociedades.

Durante minha visita à Zâmbia, em julho deste ano, assinamos dez acordos nas áreas de educação, esportes, saúde e biocombustíveis.

O combate à Aids será sempre uma prioridade. É com essa convicção que o Brasil participa da construção de uma fábrica de antirretrovirais em Moçambique. Queremos que a Zâmbia e todo o continente tenham acesso a medicamentos e ao treinamento necessário para derrotar uma pandemia que ameaça gerações de africanos.

O programa Fome Zero Zâmbia, lançado no mês passado, confere voz e vez a milhões de homens e mulheres cujas legítimas reivindicações já não podem ser mais ignoradas.

Entre 2002 e 2008, nosso comércio aumentou mais de dez vezes, mas ainda é muito modesto. Para que esses números continuem a crescer, o envolvimento do setor privado será fundamental. Fico particularmente feliz em notar que o empresariado compartilha o nosso entusiasmo com as perspectivas econômicas da Zâmbia. Em julho, dezenas de empresários brasileiros me acompanharam a Lusaca. Ontem, empresários zambianos e brasileiros, de diversos setores, se encontraram na Federação das Indústrias de São Paulo para discutir possibilidades de negócios.

O investimento da Vale no projeto Konkola Norte é prova de confiança no potencial mineral da Zâmbia. Realça o ambiente macroeconômico estável do país e o poder de atração que exerce sobre as grandes empresas brasileiras.





Queremos aprofundar uma parceria, com geração sustentável de renda e emprego. Estou seguro de que a Zâmbia terá papel de destaque na vanguarda da revolução dos biocombustíveis. O Brasil está pronto para transferir tecnologia de ponta. Muitas empresas consideram possível articular um mercado regional de combustíveis [biocombustíveis] no sul da África, a partir da Zâmbia, com acesso, inclusive, ao mercado europeu.

Senhor Presidente,

Na década de 60 lutávamos contra os resquícios do colonialismo. Hoje, é o déficit de legitimidade dos mecanismos de governança global que se sobressai. Temos de persistir no nosso empenho pela reforma dos mecanismos decisórios, em todos os campos.

Em um mundo interdependente, precisamos de instituições mais democráticas e soluções mais equitativas. Devemos falar com voz comum na construção de uma ordem mundial que escute nossas aspirações de liberdade e justiça social. Urge atualizar a composição do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com vistas a refletir realidade do nosso século.

Unimos as vozes dos países em desenvolvimento no G-20 Comercial, por um resultado nas negociações de Doha que atenda efetivamente os interesses dos países em desenvolvimento.

Acabo de retornar da reunião do G-20, em Seul, convicto de que os países em desenvolvimento darão uma contribuição fundamental para a recuperação da economia mundial.

Verifica-se, no contexto da crise, um deslocamento do dinamismo econômico em direção ao Sul. Sabemos, no entanto, que os avanços econômicos na África exigem ambiente de paz e estabilidade.

Merece todo o nosso reconhecimento a atuação da Zâmbia em prol de sua região no âmbito da União Africana, na Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral e na Conferência dos Países da Região dos Grandes Lagos.



O multilateralismo e a cooperação Sul-Sul são nossos instrumentos na construção de um mundo mais justo. Foi essa a mensagem das históricas Cúpulas África – América do Sul, que realizamos na Nigéria e na Venezuela.

Caro amigo Banda,

Com grande alegria concluo meu segundo mandato recebendo a visita do Presidente de um país africano tão promissor, amigo do Brasil e que projeta um futuro de realizações e progresso. Tenho certeza de que estamos dando passos irreversíveis para forjar uma aliança cada vez mais sólida.

É com esse espírito de confiança e otimismo que proponho um brinde à felicidade pessoal de Vossa Excelência e à prosperidade do povo da Zâmbia.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
jantar de recebimento do Prêmio Personalidade França-Brasil 2010,  
oferecido pela Câmara de Comércio França-Brasil**

**Rio de Janeiro-RJ, 19 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,  
Senhora Christine Lagarde, ministra da Economia da França,  
Senhor Yves Saint-Geours, embaixador da França no Brasil,  
Meu caro Nelson Jobim, ministro da Defesa,  
José Temporão, ministro da Saúde,  
Marcio Fortes, [ministro] das Cidades,  
Companheiros franceses, companheiros brasileiros,  
Empresários,  
Jornalistas,  
Senadores,  
Deputados,  
Meus amigos e minhas amigas,

Quando houve a Revolução Mexicana, o Zapata tomou uma decisão: não ler mais nominata. Ele só dizia “concidadãos mexicanos”. A nominata, normalmente, com a quantidade de autoridades aqui presentes, seria muito longa, e eu gostaria de cumprimentar todos vocês, agradecer de coração a presença de vocês, e confessar a vocês que eu não sei se eu mereço metade dos elogios que eu ouvi, no telão. De qualquer forma, em fim de mandato, todo mundo fala muito bem de quem está saindo.



Antes de tudo, agradeço a homenagem que me foi concedida. Este evento reafirma a abrangência dos laços comerciais e políticos entre duas nações que têm consciência do seu papel na singular transição em curso na economia mundial. Vivemos o crepúsculo de uma ordem saturada e o nascimento de uma nova geopolítica.

O fortalecimento das relações bilaterais entre França e Brasil tem se traduzido numa crescente sintonia de pontos de vista sobre as grandes agendas que emergem no plano multilateral.

Falo de percepções convergentes sobre o necessário controle dos capitais especulativos; a reforma da ONU, para torná-la mais representativa; a parceria contra a fome e a miséria, bem como o inadiável equilíbrio entre o desenvolvimento e o meio ambiente.

O Brasil emerge como um dos grandes atores do novo mundo que se esboça no horizonte dessa travessia. A capacidade de recuperação brasileira nesta crise consolidou nosso país como um parceiro à altura das grandes tarefas voltadas para a reordenação financeira e institucional que rege a vida das nações.

Nossa convergência de pontos de vista com a França consolidou-se num acordo de Parceria Estratégica, lançado por ocasião da nossa visita a Paris, em julho de 2005, no governo do presidente Chirac. E concretizado com a adoção do Plano de Ação da Parceria Estratégica, firmado em dezembro de 2008, na visita do presidente Sarkozy ao Brasil.

A cooperação francesa e brasileira estende-se hoje desde o campo da defesa à pesquisa espacial; passa pela energia nuclear, e abrange nossas responsabilidades comuns com o desenvolvimento sustentável.

Compartilhamos a governança da maior floresta tropical do Planeta. Juntos criamos o Centro Franco-Brasileiro da Biodiversidade Amazônica e firmamos o Protocolo de Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável do Bioma Amazônico.



Na esfera econômico-comercial, cumpre assinalar o estabelecimento, em março de 2009, da Câmara de Comércio do Brasil na França. Mais de 4.200 empresas francesas têm negócios hoje com o Brasil. Quase 75% delas pertencem a pequenos e médios empreendedores, justamente uma das áreas empresariais que devem se destacar no crescimento brasileiro nos próximos anos.

A presença francesa direta no Brasil reúne cerca de 400 empresas de diferentes setores. Por seu dinamismo econômico e tecnológico, elas estão credenciadas a participar cada vez mais do sólido ciclo de investimentos em curso em nosso mercado.

Transportes, energia, meio ambiente, construção, telecomunicações, saúde, biodiesel, agricultura: em cada um desses setores, o Brasil abriga um amplo repertório de projetos abertos a parcerias e investimentos com capitais produtivos.

Queremos recuperar a corrente de comércio entre Brasil e França, anterior à contração do comércio internacional, da ordem de US\$ 9 bilhões. Temos todas as condições para superá-la ao longo dos próximos anos.

Juntos, podemos alterar o tabuleiro da indústria aeronáutica mundial. A França tem tecnologia que nos interessa. A Embraer é a terceira maior empresa fabricante de aeronaves comerciais do mundo. Seus produtos têm forte presença nos mercados emergentes.

Nosso país dispõe igualmente de trunfos para ampliar a presença no mercado europeu. O biodiesel brasileiro é o mais barato e o mais competitivo dos combustíveis alternativos com escala comercial testada e aprovada. Pode contribuir para viabilizar o desenvolvimento com equilíbrio ambiental que tanto preocupa nossos povos.

Minhas amigas e meus amigos,

Dificuldades imediatas, como a guerra cambial em curso, não devem ofuscar a visão do amplo horizonte que se abre à nossa frente. O rosto que a



economia mundial terá no século XXI está com seus traços delineados. A face mais vibrante desse renascimento pertence às economias emergentes, sobre as quais estão depositadas as esperanças e as energias do comércio e do crescimento nos próximos anos.

O Brasil, com seu gigantesco mercado de massas, que reúne 53% da população e 46% do PIB é uma das alavancas propulsoras dessa renovação. Mas não só o Brasil. A grande lição deixada pela convalescença da crise é que não existe desenvolvimento sem demanda.

O mundo que agora se debate em recessão e desemprego dispõe de um gigantesco estoque de necessidades a hibernar na pobreza e na exclusão das sociedades pobres e em desenvolvimento. Reverter esse desperdício de vidas, de energia, de produção e de comércio talvez seja a mais urgente, a mais oportuna e a mais promissora das parcerias reclamadas no cenário mundial.

O que está em jogo é uma convergência de interesses que a lógica corroída do passado não consegue enxergar. Trata-se de superar o círculo vicioso da fome e da miséria nas economias pobres, mas simultaneamente, romper a espiral da recessão e do desalento nas economias ricas.

Ninguém deve pedir licença para deixar de ser pobre. A duras penas, o mundo em desenvolvimento aprendeu nos últimos anos quais são as suas obrigações. E a primeira delas é reconhecer que a superação da miséria e da fome não é uma tarefa que possa ser terceirizada.

A redução do protecionismo que penaliza o desenvolvimento agrícola das nações mais pobres, mas também asfixia a sua demanda, portanto inibe o comércio mundial, é um desses elos comuns.

É indispensável estender nossas convergências econômicas para a incontornável agenda da reforma dos organismos internacionais. Em pleno século XXI, a voz das nações pobres ainda tem o mesmo peso que lhes reservava a ordem colonial.



São esses compromissos que, em última instância, realimentam fortemente o intercâmbio entre as nossas nações. Abraçá-los, juntos, assegura o horizonte promissor das relações entre Brasil e França.

Meus companheiros e companheiras,

Eu queria pedir desculpas a vocês, como sempre, eu vou ter que fazer um improvizozinho porque o que está escrito aqui parecia que ia contemplar, Sérgio Cabral, o que eu queria dizer. Nós temos que ir para São Paulo, nós temos que chegar ao aeroporto de Congonhas até as onze horas da noite. Mas eu penso que eu não poderia deixar de dizer uma palavra carinhosa ao meu amigo Sarkozy e às boas relações entre Brasil e França.

Eu queria começar dizendo para vocês que a primeira coisa que eu aprendi, muito cedo, é que ninguém respeita quem não se respeita. Durante muito tempo, lamentavelmente, o nosso país não se respeitou. Possivelmente, porque nós fomos uma nação colonizada durante séculos; possivelmente, porque nós aprendemos desde muito cedo que quem era importante eram aqueles que nos tinham colonizado, eram aqueles considerados países ricos, e nós, países do Terceiro Mundo estávamos predestinados a continuar sendo países do Terceiro Mundo.

Eu aprendi que a política não pode ser assim, e ela não é uma ciência exata. A política muda na medida em que muda a cabeça dos dirigentes de uma empresa, de uma cidade, de um estado ou de uma nação. Eu tive o prazer de, assumindo a Presidência da República, conviver um período com o presidente Chirac e conviver um momento com o presidente Sarkozy. Eu tive o prazer de ser o único presidente da história a sair de um Fórum Social Mundial, que se reunia para contestar o Fórum Econômico de Davos, e ir a Davos com a mesma simplicidade e a mesma cabeça erguida com que eu tinha saído do primeiro Fórum Social de Porto Alegre. Eu tive o prazer de ser o primeiro presidente da República do Brasil a participar de uma reunião do G-8 em Evian, a convite do presidente Chirac. E quando cheguei lá, tive uma surpresa



inusitada: eu nunca vi tanto arame farpado cercando o hotel em que a gente estava. Eu comecei a descobrir que não era possível que homens tão bem dotados de grandes possibilidades de resolver os problemas do seu país fossem obrigados a fazer reuniões cada vez mais distantes, cada vez mais cercados, cada vez mais isolados da comunidade. Porque se nós estivéssemos reunidos para discutir coisas em benefício do povo, era melhor que a gente fizesse uma assembleia como esta aqui, no jantar, em que a gente pudesse conversar abertamente sobre os problemas da Humanidade.

Pois bem, foi exatamente a partir de uma relação forte que nós estabelecemos com a França que a gente pôde ouvir do governo francês o primeiro discurso de dizer que o Brasil tinha que participar do Conselho Nacional da ONU, do Conselho de Segurança, dos membros permanentes. Porque todo mundo sabe que o Conselho de Segurança da ONU está, ainda, com uma representação de 60 anos atrás, quando a geopolítica não tinha nada a ver com a atual geopolítica. E foram exatamente o presidente Chirac e o presidente Sarkozy que disseram que era inexplicável o Brasil não participar do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nós sabemos que é um clube fechado, cinco países e, por coincidência, são os cinco países que mais exportam armas no mundo e, portanto, são os cinco países responsáveis pela paz no mundo. Há uma contradição histórica. É só a gente assistir o filme O Senhor da Guerra, que a gente vai perceber o que acontece no mundo.

De qualquer forma, eu queria dizer para vocês que o legado que eu, com muito orgulho, vou deixar para este país são dois legados importantes, Sérgio. O primeiro é que qualquer pessoa pobre deste país, qualquer pessoa que não tenha diploma universitário, qualquer pessoa que não participe da elite dominante deste país, hoje está convencida que pode governar a sua cidade, o seu estado e o seu país. Nós não temos que pedir licença a ninguém e nós não nascemos apenas para bater palmas. Nós nascemos também para sermos aplaudidos pelas coisas que nós temos competência de fazer neste país. A





segunda coisa é que na relação internacional não existe país apenas rico ou país apenas pobre. Existe país que se respeita e país que não se respeita. Eu conheço hoje, meu caro Minc, no mundo, país que não estava habituado a ser contestado. Eu conheço, hoje, país no mundo que achava que países como o Brasil deveria participar de reunião apenas para dizer “amém”. E nós aprendemos que nós não queremos participar de reunião apenas para dizer “amém”. Nós queremos participar de reuniões para dizer como é que nós compreendemos que as coisas precisam ser feitas. E por isso, nós não podemos concordar com a guerra cambial que os Estados Unidos estão fazendo para resolver o seu problema de déficit fiscal, sem se importar com o que está acontecendo em outros países do mundo que dependem da economia e que dependem do dólar - que antes estava ligado ao ouro e que agora não está mais ligado, mas só um país consegue produzir a moeda.

Esses temas eram proibidos de serem discutidos, e nós queremos discuti-los porque este país alcançou o estágio que alcançou às custas de muito sofrimento, às custas de muita gente que ficou décadas e décadas desempregada, e que aprendeu agora. Neste mês, é importante lembrar: nós atingimos mais de 15 milhões de empregos com carteira assinada, criados neste país.

Então, este país aprendeu a gostar de si, este país aprendeu a se respeitar, este país aprendeu a ter autoestima e este país aprendeu a compreender que ele pode produzir coisas tão boas quanto qualquer outro país do mundo.

Daí a importância de termos uma relação estratégica com a França, de termos uma relação estratégica na produção científica e tecnológica, de termos uma relação estratégica no setor de defesa, de termos uma relação estratégica no setor produtivo. A França pode contribuir muito com o Brasil e o Brasil, muito com a França.

Por isso eu quero, minha cara Ministra, aqui agradecer ao Sarkozy,



através da sua presença. Dizer que eu acho que é inexorável, é inexorável o aprimoramento da relação França e Brasil. Eu tive a oportunidade de participar do Ano França e Brasil [Ano do Brasil na França] realizado em Paris, e vi o quanto o povo francês gosta do Brasil. Tive a oportunidade de participar do Ano Brasil-França [Ano da França no Brasil] aqui no Brasil, e tive a oportunidade de ver como o povo brasileiro gosta de ir para a França. É francês adorando vir para o Rio de Janeiro e brasileiro adorando ir para Paris. Ninguém quer ir para Garanhuns, a minha terra natal. Mas, de qualquer forma, isso demonstra, isso demonstra a aproximação intelectual entre Brasil e França, a aproximação sindical entre Brasil e França, a aproximação empresarial entre Brasil e França, a aproximação governamental entre Brasil e França.

Por isso, eu quero agradecer de coração este prêmio dado a mim pela Câmara de Comércio. Eu pensei que o prêmio era em dinheiro, mas isto aqui, isto aqui vale mais do que dinheiro. Eu espero que com este prêmio aqui eu possa andar com ele no bolso, Sérgio, para poder mostrar: olha, eu sou o homem do Ano Brasil-França, por favor me dê licença que eu quero passar.

Um grande abraço, muito obrigado. Eu quero transmitir, de público, um grande abraço ao presidente Sarkozy que, mais do que presidente, é um companheiro e um amigo de quem eu guardarei grandes recordações por toda a minha vida.

Um abraço.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento ao mar do navio Sérgio Buarque de Holanda**

**Niterói-RJ, 19 de novembro de 2010**

Bem, eu não sei para onde eu falo, porque tem gente aqui atrás, tem gente aqui na frente. Eu só queria, companheiros, [ser] muito breve, e dizer ao companheiro Sérgio Cabral, que tem mais quatro anos de mandato, dizer aos companheiros que vão continuar na Petrobras, encomendando navios, que a gente não pode transformar o ato de colocar um navio no mar - trazendo aqui a madrinha, trazendo as pessoas - em um ato chato, em que a gente faça 15 discursos e a gente não se preocupe que todo mundo tem estômago e, depois de uma certa hora, a lombriga maior começa a querer comer a menor.

Então, eu vou ser muito breve, porque aqui é o seguinte, olha: eu... É a última visita minha ao Estaleiro enquanto eu estiver na Presidência, até o dia 31 de dezembro. É minha última visita, meu último navio a ser colocado no mar. Tinha um navio em Pernambuco que era para ser colocado no mar, mas atrasou um pouco o tempo do navio, a gente não vai fazer.

Então, eu só queria dizer para vocês o seguinte: é gratificante a gente ouvir uma companheira mulher, que dizia que era faxineira, e que por conta da recuperação da indústria naval ela fez um curso de soldadora e hoje, orgulhosamente, ela veste uma roupa do Estaleiro Mauá, trabalhando com um orgulho extraordinário. No meu tempo de torneiro mecânico, mulher não podia trabalhar em solda, porque a solda era considerada uma função insalubre, e a gente – homem – se aposentava, naquela época, com 25 anos de trabalho, quem trabalhava na solda. Hoje a mulher avançou tanto, avançou tanto, avançou tanto que aprovou até a Lei Maria da Penha; que tem muitas mulheres soldadoras hoje no Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, na Nuclep tem muita mulher soldadora; tem mulher cortadora de cana no Nordeste, lá em



Pernambuco, sendo soldadora. E quando a gente vai a Pernambuco você encontra um grande número de companheiros cariocas lá em Pernambuco, levando a sua experiência de estaleiro.

Então, eu quero dizer para vocês que é muito gratificante. Para mim é motivo de orgulho. Hoje, certamente, vai ser anunciado o número de empregos criados no Brasil no mês de outubro, devem ser mais de 200 mil. Se forem mais de 200 mil, nós vamos chegar, até o dia 30 de outubro - de 1º de janeiro a 30 de outubro - criando, meu querido Gabrielli, por volta de 2,5 milhões de empregos em apenas... em 10 meses. Enquanto nos Estados Unidos teve 60 mil empregos a menos, aqui no Brasil nós criamos 2,5 milhões de empregos, de trabalhador com a carteira profissional assinada, registrada, contando tempo para a sua aposentadoria.

É que muita gente neste país não sabe o que é o orgulho de um companheiro trabalhar, vestir o macacão e levar o pão e o leite de cada dia às custas do seu suor; chegar agora, no Natal, poder ir a uma loja comprar um presentinho para o seu filho, comprar um presentinho para a sua mulher. Por mais simples que seja, não tem nada, Sergio, não tem nada que dê mais orgulho a um homem e a uma mulher do que eles saberem que têm a garantia do emprego.

Esta coisa extraordinária que nós estamos fazendo aqui hoje, fazia tempo que a gente não fazia uma coisa destas. Porque o Brasil só será uma grande nação não apenas quando o povo acreditar no Brasil, mas quando os governantes acreditarem no seu país; quando os governantes não forem subordinados intelectualmente, politicamente, a outros interesses.

Nós estamos colocando ao mar homenageando o Sérgio Buarque, pai da nossa querida Miúcha. Aliás, Miúcha, é importante você dizer para o Chico que eu agradeço ao Chico Buarque, porque no ato dos artistas para apoiar a Dilma Rousseff aqui no Rio de Janeiro, ele teve a coragem de dizer: "Eu gosto deste governo porque este governo não fala fino com os americanos e não fala



grosso com o Paraguai”. Porque o Brasil era assim: com o Paraguai todo mundo falava grosso, com a Bolívia; com os americanos, todo mundo baixava a cabeça. Nós não queremos falar grosso nem fino com ninguém. Nós queremos respeitar e ser respeitados.

E a gente prestar uma homenagem ao Sérgio Buarque, na verdade, é a gente prestar uma homenagem às pessoas que tiveram importância para este país e que, muitas vezes, a gente não consegue dar a dimensão às pessoas. O Sérgio Buarque é um intelectual de muita competência. Para minha alegria, fundador do meu partido; assinou a ata de fundação no Colégio Sion, lá em São Paulo, em 1980. É um dos intelectuais mais respeitados deste país. Nós já demos o nome do outro, ali, ao Celso Furtado, que é um economista, pai de todos os economistas deste país. Depois do Celso Furtado, os outros são todos economistas, até você, Gabrielli, é só economista. O Celso Furtado era o mestre de todos. Já fizemos uma homenagem ao João Cândido, que é aquele representante da Revolta da Chibata, uma história belíssima acontecida na Marinha Brasileira, quando um negro se rebelou. Já vamos dar o nome do outro, de Recife, a Zumbi do Palmares, para a gente homenagear mais uma vez os negros e as negras neste país, para a gente poder dar a dimensão que está na Constituição.

E dizer para vocês o seguinte, companheiros... “Companheiros e companheiras, é o seguinte”: Muito obrigado por vocês. Muito obrigado, porque eu sei que nos momentos difíceis que eu passei na Presidência da República, foi a peãozada deste país que teve coragem de gritar: “Se mexer com o Lula, mexeu comigo”. E aí, as pessoas aprenderam a respeitar a institucionalidade deste país. Muito obrigado a todos vocês pelo carinho nesses oito anos. Vocês deram uma demonstração extraordinária de companheirismo.

Eu quero agradecer a este moço aqui, a este moço aqui, que... Quando eu disse ao Sérgio Cabral: Sérgio Cabral, nós vamos estar juntos na eleição, nós vamos fazer uma parceria com o Rio de Janeiro... porque o Rio de Janeiro



nunca teve uma parceria em que o presidente da República e o governador do estado, em vez de ficarem brigando entre si para ver quem é melhor, juntam as energias e constroem juntos. E quem ganha com isso é o povo do Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro, embora o presidente tenha que cuidar de todos os estados brasileiros, nós temos que lembrar que o Rio de Janeiro perdeu muito quando a capital saiu daqui, perdeu muito. Eu acho que nós temos, no Rio de Janeiro, o melhor cartão-postal deste país, e tudo o que a gente puder fazer pelo Rio de Janeiro, você pode ter certeza que a companheira Dilma vai tratar você melhor do que eu tratei, e o Rio de Janeiro vai continuar recebendo aquilo que ele tem direito. Então, quero agradecer a este moço. Ele tem mais quatro anos de mandato e eu acho que será muito bom para o Rio de Janeiro.

Quero agradecer à nossa querida Maria da Penha, esta mulher guerreira que conseguiu aprovar uma lei com o nome dela, porque esta mulher foi vítima de um marido que fez ela ficar na cadeira de rodas, ela brigou quase 20 anos para que esse marido fosse condenado. E esta mulher é o exemplo de que neste país só não vence quem não quer, só não vence quem se acovarda, quem disputa consegue conquistar. E esta mulher, hoje, conseguiu aprovar uma lei para defender as mulheres brasileiras da violência, sobretudo a violência doméstica, muitas vezes não contada em verso e prosa por ninguém.

Da mesma forma, eu quero agradecer a presença da Miúcha, representando a família dos Buarque de Holanda aqui, está toda a família aí para trás. E agradecer aos nossos queridos companheiros da Petrobras. Eu não sei se já teve algum presidente da República na história deste país que vestiu tanto a camisa da Petrobras, como eu vesti nesse tempo. Eu não sei se fui eu que ajudei a Petrobras ou a Petrobras que me ajudou. Eu acho que ela me ajudou porque ela pode muito, sobretudo, quando tem uma direção competente como ela tem.

Então, eu acho que isto aqui, Sérgio, Serginho, é o ato da vitória. Isto



aqui é o ato da demonstração de que quando a gente quer, a gente pode. Eu deixo a Presidência da República com a consciência tranquila de que eu não fiz tudo que precisava ser feito mas, certamente, eu fiz mais do que muita gente imaginava que eu ia fazer. E certamente, tem muita gente que passou pela Presidência que fica se perguntando: “Como é que um peão conseguiu fazer mais do que eu? Como é que um peão conseguiu fazer muito mais?”

Então, companheiros e companheiras, vamos agora, vamos agora a um ato que é o seguinte: o padre, agora, vai benzer o navio, pegue aqui o microfone. Olha, o padre vai benzer o navio, depois a Maria da Penha vai estourar aquele champanhe que está lá em cima. E não é para beber porque vai ter caco de vidro aí, hein?

Com vocês, o padre Antônio, para benzer o nosso navio.

**Padre Antônio:** Queridos. Então, neste momento, nós vamos pedir a Deus que abençoe esta nossa embarcação. Ó Deus Todo-Poderoso, dignai-vos a abençoar esta grande embarcação, para que possa, ó Deus, por tua bênção, percorrer longos percursos das águas, para que possa, com tua graça, Senhor, vencer todos os obstáculos. Sendo este trabalho do homem, da tua inteligência, Senhor Deus, nós vos consagramos nesta manhã.

Deus nos abençoe, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

\_\_\_\_\_: Amém.

**Presidente:** Hein? Não, agora, agora a companheira Maria da Penha vai, definitivamente, inaugurar o lançamento ao mar deste navio. É importante lembrar: quando o navio é lançado ao mar, ele não vai ainda trabalhar, ele vai ser terminado, porque aqui poderá entrar outro estaleiro [navio] para começar a ser construído. Maria da Penha.



**Senhora Maria da Penha:** Eu te batizo Navio Transpetro Sérgio Buarque de Holanda. Que Deus te guie através dos mares e oceanos, isentando a sua tripulação de mares bravios e tempestades. Que todas as suas missões e as suas rotas sejam concluídas com sucesso, abençoando durante toda a sua jornada, hoje e sempre.

**Presidente:** Agora, agora, agora.

(\$211 A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
recebimento do Prêmio Especial Personalidade do Ano 2010, oferecido  
pela Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil  
São Paulo-SP, 22 de novembro de 2010**

Eu sei que a fome começa a falar alto no estômago de cada um de  
vocês, mas aguardem, porque é o meu último discurso na Câmara de  
Comércio Portugal-Brasil.

Meu caro embaixador João Salgueiro, embaixador de Portugal no Brasil,  
Meus caros companheiros ministros de Estado: Orlando Silva, do  
Esporte; Luiz Barretto, do Turismo,

Meu caro companheiro senador Aloizio Mercadante,

Meu caro prefeito Gilberto Kassab,

Meu caro Antônio Pita de Abreu, presidente da EDP do Brasil,

Meu caro Luiz Nascimento, acionista do Grupo Camargo Corrêa,

Meu caro Manuel de Almeida Tavares Filho, presidente da Câmara  
Portuguesa de Comércio no Brasil,

Meu caro Embaixador brasileiro em Portugal,

Empresários,

Convidados,

Amigos e amigas da imprensa brasileira,

Ser agraciado com o Prêmio Especial Personalidade do Ano da Câmara  
Portuguesa de Comércio no Brasil é mais do que uma honra. É a oportunidade  
de novamente reafirmar a convicção no extraordinário potencial do  
relacionamento entre os dois países. Nossos povos têm laços inexoráveis,  
construídos ao longo de uma história de mais cinco séculos.



Estar aqui hoje é, para mim, como cidadão brasileiro e como presidente da República, uma forma de fortalecer mais ainda esses traços comuns de nossa cultura, dos nossos costumes e do muito que podemos continuar a fazer juntos.

No âmbito comercial, o intercâmbio bilateral entre os nossos países aumentou 206% de 2002 a 2008. Esse fluxo foi duramente atingido pela crise financeira internacional em 2009. Mas, aos poucos, vamos recuperando o fôlego, confiantes nas oportunidades que continuam se abrindo para as nossas nações.

Portugal foi um dos principais países investidores no Brasil na década de 90 e continua em posição de destaque sendo, possivelmente, o maior investidor, em termos relativos, no Brasil. Desde 1998, Portugal investiu no Brasil valor próximo de € 20 bilhões. Hoje, há mais de 600 empresas brasileiras com capitais portugueses, correspondendo à geração de mais de 110 mil postos de trabalho.

Nos próximos anos, certamente vamos contar com a experiência desenvolvida pelas empresas portuguesas nos preparativos para o campeonato europeu de futebol, o Euro 2004, que poderão participar das concorrências associadas à realização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016.

Em contrapartida, os investimentos diretos brasileiros em Portugal também têm crescido, em 2009, fazendo de Portugal o sétimo principal destino dos capitais brasileiros em todo o mundo. Nessa onda de investimentos produtivos e financeiros de empresas brasileiras em Portugal, um exemplo é a participação da Camargo Corrêa e da Votorantim, que passaram a deter posições majoritárias no capital da maior produtora de cimento portuguesa, a Cimpor.

A Petrobrás também abriu escritório de representação em Lisboa, no começo deste ano, para desenvolver atividades relacionadas à exploração de



petróleo na costa portuguesa, juntamente com as petrolíferas portuguesas Galp Energia e Partex, com as quais mantém parcerias na área de biocombustíveis.

Outra grande empresa brasileira, a Embraer, assinou, há dois anos, acordo com Portugal para a construção de duas fábricas de componentes em Évora. São investimento da ordem de € 148 milhões, que criarão 500 postos de trabalho altamente especializados.

Sabemos todos que a intenção de ambos os países é aumentar os investimentos e intercâmbios econômicos e comerciais. Um bom caminho nesse sentido será a realização conjunta de encontros entre empresários e investidores portugueses e brasileiros, especialmente nas áreas de software e infraestrutura.

Mas nós aprofundamos não apenas os vínculos econômicos. Na verdade, vem se amplificando em diversos setores o diálogo entre duas sociedades que desejam e precisam se aproximar cada vez mais. Evidentemente, as fortes afinidades culturais e educacionais entre os dois países multiplicam essas potencialidades.

A criação de espaços comuns luso-brasileiros é a melhor maneira de consolidar e reforçar nossos projetos nacionais de desenvolvimento e de conquista de maior espaço geopolítico no cenário internacional. Espaços como o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta, instituído em 2000, que prevê a promoção de cimeiras bilaterais anuais. A mais recente, a décima, foi realizada em maio passado, em Lisboa. Também instituímos a Comissão Permanente Bilateral e o Mecanismo de Consultas Políticas, que são instrumentos essenciais à preservação da fluidez do diálogo entre nossos países.

Temos intensificado os contatos diplomáticos e empreendido esforços no sentido de ampliar as possibilidades de ações concretas para promover a cooperação. Por ocasião da Quarta Reunião da Comissão Permanente Brasil-Portugal, em Lisboa, em 29 e 30 de abril deste ano, foram identificadas as



áreas de energia; ciência, tecnologia e inovação; e promoção, difusão e projeção da língua portuguesa como prioritárias para o relacionamento bilateral. No caso das energias renováveis, identificamos oportunidades de cooperação científica e tecnológica. Iniciativas que podem caminhar, posteriormente, para o estabelecimento de cooperação triangular com países africanos interessados na implementação de um modelo de desenvolvimento limpo e sustentável. O que nos une nesse exercício de diálogo é a cultura, a vivência histórica compartilhada e a língua portuguesa, que ajuda a fortalecer nossa parceria e permite uma maior compreensão e apreço pela herança que temos em comum.

Essa parceria ganha novos contornos e profundidade num mundo marcado por crescente desigualdade e por ameaças globalizadas. Como antídoto a isso, rejeitamos soluções impostas de forma unilateral e apostamos na eficácia do multilateralismo, do diálogo e da cooperação.

Esse Brasil que se ergue hoje de forma pujante muito deve à visão e ao destemor dos filhos de Portugal, que ousaram atravessar um oceano para construir uma ponte de amizade e trabalho a nos unir de maneira indissolúvel. Quero, portanto, agradecer a honra que me foi prestada pela Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil, nesta solenidade em que celebramos os seus 98 anos de existência, e dar os meus parabéns a todos aqueles que investiram seu trabalho e seu talento nessa instituição quase centenária. Estou convencido de que a dedicação de todos vocês foi – e continuará sendo – fundamental para reforçar os laços comerciais, históricos, culturais e afetivos do povo brasileiro.

Meus companheiros e companheiras,

Como de hábito, para prejuízo de quem está com fome, eu, habitualmente, não tenho nos documentos por escrito aquilo que eu gostaria de falar de verdade aos portugueses e aos brasileiros. Prometo, prometo não



atrapalhar muito o jantar, mas queria dizer duas coisas que eu considero importantes.

Durante muito tempo, Portugal se afastou do Brasil e, durante muito tempo, o Brasil se afastou de Portugal. Houve dois grandes equívocos: o de Portugal, possivelmente, achando que o Brasil era um país que, no século XX, tinha perdido a sua importância enquanto nação empreendedora, enquanto nação com perspectiva de desenvolvimento; e o Brasil achando que não era necessário manter uma relação prioritária com Portugal, porque tínhamos parceiros muito maiores na Europa e no mundo.

Possivelmente, nós nunca levamos em conta a importância da língua como uma vantagem comparativa na relação entre Portugal e Brasil, tanto para que o Brasil adentrasse a Europa, quanto para Portugal adentrar a América do Sul e a América Latina. Possivelmente, meu caro Presidente, porque houve determinados momentos no Brasil em que nós desprezamos isso, porque o bonito era estar subordinado àquilo que nós chamávamos de grandes economias mundiais. O bonito era você estar ligado aos Estados Unidos e o bonito era você estar ligado à Europa, não via Portugal, mas via Alemanha.

Nós descobrimos, mais recentemente, que Brasil e Portugal podem muito mais do que o seu tamanho, do que o seu tamanho geográfico ou o seu tamanho populacional. Não é apenas isso que conta na relação entre dois países mas, sim, a capacidade de abrir oportunidades e abrir portas que essa relação pode estimular.

Eu me orgulho de ter incentivado empresa brasileiras a montarem subsidiárias em Portugal. Me orgulho profundamente de ter conversado com vários empresários e de tentar convencê-los de que era importante que a gente montasse empresas brasileiras em Portugal para que, a partir de Portugal, a gente pudesse ocupar um espaço infinitamente maior na Europa.

Da mesma forma, que é com muito orgulho que tenho trabalhado a vinda de empresas portuguesas para o Brasil. E quando a gente houve o nosso



companheiro homenageado, o companheiro Pita, em nome da EDP, falando do sucesso dos investimentos em energia elétrica, nós precisaremos olhar a perspectiva do Brasil para os próximos 20 ou 30 anos. Nós não temos que olhar o Brasil apenas até 2011, ou apenas até 2015. Nós temos que olhar para o Brasil em uma perspectiva de médio e longo prazo, discutindo as oportunidades do Brasil em relação a outros países do mundo, seja na questão agrícola... Se é verdade que tem mais chinês comendo, mais indiano comendo, mais pobre comendo na América Latina, mais pobre comendo na África, é verdade que nós precisamos olhar o mundo e ver qual o país que tem tecnologia. E nós temos, via Embrapa, a mais importante empresa de tecnologia da agricultura tropical do planeta Terra, e nós temos no Brasil a maior quantidade de sol, de água e de terra agricultável para atender à demanda de alimentos do mundo, combinando duas coisas importantes: a maior capacidade de produção em uma menor quantidade de hectares possível e a maior utilização da fotossíntese, produzida pela natureza, para a produção de alimentos. Nós seremos imbatíveis, companheiro Aloizio Mercadante, quando o mundo precisar comer mais - e Deus queira que queiram comer mais - porque aqui nós temos terra para plantar comida para muita gente. Finalmente, aquilo que eu ouvia quando eu era pequeno, o Brasil, me parece que resolveu se transformar no celeiro do mundo.

Mas não é apenas isso. Se alguém quiser discutir o crescimento tecnológico da indústria petrolífera no mundo, hoje, vai ter que olhar para o Brasil e vai ter que começar a estudar o pré-sal. Eu tenho orgulho, meu caro Pita, de ter na minha sala uma pedra tirada a 5,7 mil metros de profundidade, guardada lá há mais de 165 milhões de anos, guardando um petróleo que é a nova fronteira de enriquecimento deste país. Mais ainda, por conta da indústria petrolífera, meus companheiros – e a Camargo Corrêa sabe disso – nós estamos fazendo uma revolução na indústria naval neste país, e poderia dizer: nunca antes na história do Brasil nós tivemos a possibilidade de fazer a



indústria naval brasileira ser a primeira do mundo, pela quantidade de contratações de navios petroleiros, de navios de carga para a indústria privada, de navios de apoio à Petrobras, de navios de segurança, de plataformas e de sondas, que nós precisamos construir aos montes para atender não apenas a nossa demanda interna, mas para atender à demanda que países vizinhos vão precisar. Nós não precisamos mais importar da Coreia, não precisamos mais importar de Cingapura. Nós poderemos produzir, gerando mão de obra de brasileiro, tecnologia de brasileiro, salário de brasileiro e renda para brasileiro.

Ao mesmo tempo, eu queria lembrar ao nosso querido companheiro Pita, que falou do programa Luz para Todos, um programa que certamente muita gente aqui, nesta clareza, não tem noção do que é o programa Luz para Todos. Nós tínhamos gente que morava a 500 metros de uma hidrelétrica, e que os fios passavam por cima das casas dessas pessoas, e elas não tinham o direito de ter energia elétrica. Nós descobrimos, em 2004, que tinha 2 milhões de residências, no Brasil, que não tinham energia elétrica. Resolvemos fazer o programa Luz para Todos, financiado pelo governo federal. Até agora já investimos – não gastamos – investimos R\$ 14 bilhões no programa Luz para Todos; já fizemos 2,568 milhões de ligações, significa 2,568 milhões de casas em que nós já entregamos. O IBGE tinha dito, em 2004, que nós tínhamos 2 milhões de casas sem energia. Nós fomos a campo, já fizemos 2,6 milhões e descobrimos mais quase um milhão. É por isso que eu fiz um decreto agora, no final do ano, prorrogando o Programa para 2011 para que vocês não desativassem o ímpeto de vocês, de continuarem fazendo o programa Luz para Todos. Já foram atendidas 12.844.565 pessoas; nós já utilizamos 947 mil transformadores; já utilizamos 1,2 milhão de quilômetros de fios, o que daria para que a gente desse mais de 30 voltas no planeta Terra. Se alguém quiser... Se a EDP quiser enrolar o planeta Terra é só utilizar os fios do programa Luz para Todos; e já colocamos 6,448 milhões de postes, por conta do programa Luz para Todos. E esse programa - a EDP é testemunha – ele é importante,



porque ele gera emprego no local, as empresas contratam a mão de obra no local, as empresas produzem o poste no local. As empresas, então, conseguem gerar o desenvolvimento de uma economia no local.

Depois que as pessoas adquirem o programa Luz para Todos, tem gente que fala: “Mas o Lula está cuidando só dos pobres que não têm energia elétrica!”. Pois bem, na hora que chega a luz à casa de uma pessoa, 89% compram televisores; 87% compram geladeira, 59% compram aparelho de som; imaginem as outras coisas que as pessoas compram, por conta de a gente levar à casa delas um direito elementar, que é o direito à energia elétrica.

Estamos levando energia a lugares do estado do Amazonas, que está custando quase R\$ 10 mil a ligação, e nós fazemos de graça. Muita gente poderia dizer: “Por que o Lula está gastando R\$ 10 mil para levar energia a um cara do Amazonas? Ficava melhor pagar aluguel para ele, para morar na Avenida Copacabana, na Avenida Atlântica, ou trazer ele para a Avenida Paulista”. Não! É que nós achamos que o cidadão que mora no Amazonas tem o mesmo direito de receber a energia que recebe o companheiro que mora na Avenida Paulista, e somente o Estado é que pode garantir a todos a oportunidade de ter os mesmos direitos.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu fico olhando a relação Brasil-Portugal, eu fico imaginando, em 1.500, quando o Rei de Portugal resolveu convencer Pedro Álvares Cabral a vir para o Brasil, a andar não sei quantos meses em um barco pequeno, que em 1.500 [2000], quando se comemorou os 500 anos, o Brasil não conseguiu produzir uma caravela que fizesse o mesmo que fez a caravela construída 500 anos atrás. Eu fico imaginando a agonia dos portugueses para chegar ao Brasil e descobrir este Brasil.

Pois bem, aquilo que parecia um obstáculo entre Brasil e Portugal, que eram 8 ou 10 mil quilômetros de oceano, na verdade, hoje, significa um caminho, uma ponte, uma oportunidade. Basta que o Brasil compreenda que





ele não tem que ter relação com quem é o maior, ele tem que ter relação com o que é o melhor para nós. E Portugal é um país importante e estratégico para o Brasil manter uma relação importante, e a língua é a vantagem comparativa.

Ao mesmo tempo, Portugal tem que se orgulhar, tem que se orgulhar. Primeiro, de o Brasil ser o único país colonizado, do mundo, que teve um rei morando aqui, que passou a ser mais importante do que o colonizador. Obviamente que a gente olha a colonização do Brasil e compara com a colonização de qualquer país do mundo, a gente pode ter até alguma crítica a Portugal, mas a gente tem que dizer: foi com os portugueses que nós aprendemos a fazer tudo o que nós fizemos no país. Fazer uma independência sem ter uma guerra, fazer uma independência em um acordo proposto pelo próprio Imperador não é para qualquer um, é só para um bom português.

Eu acho que isso permeou a consciência do povo brasileiro, e é por isso que nós somos uma nação. Enquanto a gente vê todo mundo fazendo guerra a toda hora, enquanto a gente vê todo mundo brigando por petróleo, todo mundo brigando por tudo, aqui no Brasil nós, muitas vezes, preferimos um bom acordo do que uma pequena guerra. Um bom acordo e um grande acordo é sempre muito melhor, e é por isso que este país deve muito a Portugal.

Queremos, meus companheiros, dizer a vocês, empresários portugueses, que nós não temos tempo a perder. Nós temos Portugal e temos os países africanos de língua portuguesa, que devem ser a nossa prioridade no estabelecimento e no fortalecimento da nossa relação política, econômica e cultural. O resto virá depois.

Um abraço, obrigado pelo prêmio, e boa sorte para todos nós.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de apresentação dos resultados das ações governamentais para o setor sucroenergético no período 2003-2010**

**Ribeirão Preto-SP, 23 de novembro de 2010**

Meus queridos companheiros e companheiras que estão participando deste evento,

Eu queria pedir desculpas a vocês, porque eu não vou ler a nominata. Ninguém aqui é candidato a vereador, ninguém é candidato a deputado federal ou estadual, portanto, eu vou ganhar um pouco de tempo.

Eu queria, falando o nome de um velho companheiro meu de Ribeirão Preto, que está aqui presente, aos 80 anos de idade, depois de ouvir nove discursos, eu queria, cumprimentando o David Aida, cumprimentar todas as pessoas que estão participando deste evento.

Dizer para vocês que o meu discurso ficou prejudicado, porque tudo que eu dizer aqui o Hélio disse um pouco, a Contag disse o outro, o Wagner Rossi disse o outro, o Gabrielli disse o outro, a Única disse outro, o Dulci disse outro. Então, o meu discurso está superado, vencido e não vai ser lido. Não sei se é bom ou ruim para vocês, porque o problema do improviso é que você, muitas vezes, fica dizendo “e para terminar”, “e para terminar”, “e para terminar”, “e para terminar”, e a gente não termina, parece carro velho que não usa etanol, tentando subir uma subida com uma reduzida bem daquelas amargas.

Mas, companheiros e companheiras, nós hoje viemos aqui cumprir a primeira etapa de um projeto que nós estamos construindo há pelo menos cinco anos. Desde o lançamento do PAC que o alcoolduto está previsto para trazer o nosso etanol do estado de Goiás, passando por Minas Gerais, passando por Ribeirão Preto, chegando a Paulínea e chegando a São Sebastião, ao Rio de Janeiro e outros lugares.



Quando nós pensamos que a Petrobras deveria colocar na sua programação o alcoolduto, nós estávamos trabalhando com uma festa imensa, promessas e mais promessas de que o mundo inteiro iria começar a usar etanol, a Europa tinha aprovado utilizar 10% de etanol até 2020, alguns países dentro da União Europeia, como Portugal, tinham antecipado para 2010, o Japão imaginava que iria introduzir 3% de etanol no seu combustível, e aqui começaram a chegar empresários de todos os lugares do mundo. Houve um tempo em que os prefeitos estavam tentando comprar terra dos vizinhos para poder implantar as usinas que iriam se instalar nos estados produtores de cana.

Isso não aconteceu, e não aconteceu por uma razão: porque o chamado “mundo desenvolvido” não fala com a mesma coerência de livre comércio que nós falamos, porque não é possível alguém falar em livre comércio e criar sobretaxa para o etanol brasileiro quando não se cria sobretaxa para outros produtos, inclusive para outras fontes energéticas, significa que há uma disputa concreta. E o Brasil precisa perceber que na medida em que nós já não somos pequenos, na medida em que nós não somos apenas uma promessa, nós começamos a competir, em igualdade de condições, eles começam a colocar obstáculo no nosso produto. Eles colocam obstáculo na qualidade da carne brasileira. E quem coloca obstáculo na qualidade da carne brasileira? São aqueles mesmos que têm a doença da vaca louca, são aqueles mesmos que não souberam cuidar do seu rebanho, que tentam acusar o Brasil de não produzir carne de qualidade.

O discurso do ministro Luiz Dulci é uma verdade que nenhum produtor pode esquecer. Nós cansamos de participar de debate no mundo inteiro e, muitas vezes, os países ricos financiam ONGs para dizer que a cana-de-açúcar tem trabalho escravo neste país, que o álcool nosso é produzido com trabalho escravo, com trabalho infantil. E tudo isso é vantagem na disputa comercial que nós temos que fazer no mundo, e isso vai valendo para outros produtos



brasileiros, na medida em que o Brasil começa a ganhar importância, na medida em que o Brasil começa a disputar mercado para valer e na medida em que o Brasil deixa de pedir licença para mostrar que é grande, competente e que tem condições de competir em igualdade de condições.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu acho que nós atravessamos um momento extraordinário na nossa vida. Eu acho que nós temos clareza de que as coisas que nós conseguimos construir aqui, juntos, não tem dono, não tem empresário, não tem presidente da República e não tem trabalhadores, foi uma coisa que nós construímos juntos, ou seja, foi quase uma quebra de preconceitos, o estabelecimento de uma política de confiança, conversar para que a gente pudesse se entender. E foi com muito, mas com muito carinho, que vários empresários, em conversas comigo, representadas junto com o (incompreensível) entenderam que a grandeza da introdução do nosso etanol no exterior passava pelo fato de a gente poder vender a ideia da humanização das relações de trabalho aqui no Brasil.

E quero, Dulci, dar os parabéns à Secretaria-Geral da Presidência da República, em teu nome e em nome da tua... dos teus assessores, em nome dos sindicatos e em nome dos empresários, porque vocês não têm dimensão do trabalho que vocês estão prestando ao nosso país, fazendo com que todos, todos possam ser um pouco mais respeitados lá fora e que a gente possa utilizar o que vocês fizeram como vantagem comparativa na negociação da introdução do nosso etanol no chamado “mundo desenvolvido”.

Além disso, é importante que a gente saiba que estamos vivendo um momento, eu diria, quase mágico no nosso país. Eu não sei... Eu vou terminar o meu mandato no dia 31 de dezembro agradecendo a Deus pela generosidade, por ter me dado paciência em momentos difíceis, por ter tido a competência de conversar quando é mais fácil brigar, por ter tido, eu diria, a sensibilidade de ouvir quando seria mais fácil falar, de ter tido a sensibilidade de compreender coisas que antes eram incompreendidas por mim e de fazer



com que esse comportamento permitisse que o Brasil pudesse se transformar em um país respeitado no mundo inteiro.

Na semana passada, o jornal O Valor traz um estudo sobre os ganhos, os lucros das empresas de capital aberto. E todas elas, sem distinção, ganharam no meu governo mais dinheiro do que ganharam em toda a história em que foi medido o lucro dessas empresas no país. Mas isso vale para todas as outras empresas, isso vale para todas as outras empresas. Isso vale para a construção civil como um todo, da pequena, média e grande. Isso vale para a Petrobras que, quando nós chegamos ao governo valia apenas US\$ 15 bilhões no valor de mercado, e hoje vale (incompreensível) US\$ 200 bilhões no mercado. Valia, para uma Petrobras que participou, há três meses, da maior capitalização da história do mundo capitalista... eu falo isso com orgulho, Maurílio, porque tinha que ser um metalúrgico, que passou a vida inteira dizendo que era socialista, para chegar a este país e dizer que nós tínhamos um bando de capitalistas de meia cara, porque falava de capitalismo quando o país não tinha capital.

Eu vou dar um exemplo para vocês. Este país, a Caixa Econômica não tinha dinheiro para financiamento, eram apenas US\$ 5 bilhões quando eu cheguei ao governo. O Banco do Brasil não tinha dinheiro para financiar crédito, o BNDES, o máximo que fazia era de US\$ 30 a 38 bilhões e levava 275 dias para aprovar um projeto. O Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito. Hoje, a Caixa Econômica Federal sai de 5 para mais de R\$ 77 bilhões de reais/ano. Hoje, o Banco do Brasil sozinho tem tudo que o Brasil tinha há oito anos. E o Brasil, que tinha apenas 380 bilhões hoje tem mais de R\$ 1 trilhão e 600 bilhões disponibilizado para crédito neste país.

Eu sei que tem gente que faz política todo dia e toda hora. Na agricultura, por exemplo, (incompreensível), você é testemunha: nós fizemos uma negociação com a agricultura brasileira que há mais de 30 anos os agricultores brasileiros queriam fazer e nós fizemos, fizemos. E fizemos o maior



plano de financiamento da história da agricultura brasileira, tanto para o agronegócio quanto para a agricultura familiar. E nós fizemos isso porque entendemos que quanto mais for civilizada a relação do Estado com a sociedade, mais todos ganharão. O que acontecia no Brasil, e eu disse isso a muitos produtores de etanol neste país, e de açúcar, é que os governantes tratavam os usineiros como se fossem uma doença. Talvez até na época da eleição, para pedir dinheiro para a campanha, usineiro valesse alguma coisa, mas depois eles tinham vergonha, tinham vergonha porque diziam que usineiro vivia às custas do dinheiro do Estado brasileiro, porque não sei das quantas. Ou seja, pegava um, dois, ou três ou quatro maus exemplos e tentavam colocar todo mundo no mesmo bojo.

Eu nunca perguntei, mas eu tenho certeza de que quando eu fui candidato, em 2002, 99% votaram contra mim de [por] medo de mim. Não sei quantos votaram já em 2006, não sei quantos votaram na Dilma em 2010. Mas hoje eu posso, ô Marco, chegar a qualquer lugar deste país, do Nordeste ao Sudeste, ao Centro-Oeste, pode até ter usineiro que não gosta e que não vota, mas ele terá que olhar para mim e dizer: “Ô baixinho, tu foste o que melhor cuidaste da gente e o que melhor respeitaste a gente e nos trataste como cidadão”. Não tenho dúvida disso.

E isso vale para outros setores. Está aí o Luiz Nascimento, da Camargo Corrêa, pergunte quantos trabalhadores ele tinha em 2003 e pergunte quantos ele tem agora. É tanto que a boca nem consegue pronunciar a quantidade de trabalhadores. Saiu acho que de 15 ou 20 mil para 77 mil. A Petrobras saiu de 40 para 77 mil trabalhadores. E isso é em todos os lugares deste país. Não existe um município brasileiro, e o que a prefeita disse aqui, não só porque falou bem de mim, eu assino embaixo. Eu duvido que tenha um prefeito – e aqui eu sei que tem muitos prefeitos, – duvido que tenha um prefeito neste país, que seja do PSDB, que seja do DEM, que seja do PMDB ou de qualquer partido político, que possa dizer que não foi atendido no meu governo porque



pertence a outro partido político. Duvido.

Então, eu penso que o momento que nós estamos vivendo é o momento da autoafirmação do Brasil. Vocês sabem que eu sempre achei que a eleição, fazer o sucessor é uma obra programática de quem está no governo.

E todo mundo sabe que quando eu indiquei a companheira Dilma para ser candidata à minha sucessão, muita gente que pensa que entende de política dizia: “Ah, esse Lula ficou louco, endoidou, endoidou. Como é que vai indicar uma mulher que não tem experiência política, que não militou nos grandes partidos, que nunca foi candidata a nada?” Era assim que as pessoas diziam, era assim que as pessoas diziam. Pois bem, nada melhor para este país que, depois da experiência bem-sucedida de um metalúrgico, a gente tenha uma mulher. Uma mulher para presidir este país, uma mulher que não vai receber nenhuma herança maldita. Se ela tiver que receber herança maldita, não é do governo dela e do meu, porque fizemos juntos, a herança maldita será da crise econômica de 2008, causada pelos países ricos, Europa e Estados Unidos, portanto será herança maldita de lá de fora, porque aqui dentro nós estamos crescendo.

Eu vou dar alguns dados para vocês. De todas as hidrelétricas que estão sendo construídas no mundo, o Brasil, hoje, está construindo as três maiores hidrelétricas em construção no mundo: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. Fazia 20 anos, desde 1980, que a Petrobras, não sei porque, decidiu que não ia fazer mais refinaria porque não precisava fazer refinaria. Pois bem, nós estamos fazendo a Refinaria de Pernambuco, estamos fazendo a terraplanagem na Refinaria do Maranhão. Já está legalizado, seu José Sérgio Gabrielli, o território da Refinaria em Fortaleza, no Ceará. E a Maria Clara está pronta para ser inaugurada no Rio Grande do Norte, quando Vossa Excelência quiser. Portanto, quem não queria fazer nenhuma está fazendo quatro: uma de 600 mil barris... Sim? Ah, e o Comperj, no Rio de Janeiro. É que eu nunca tratei como refinaria, eu trato como complexo petroquímico e não (incompreensível).



Então, estamos fazendo cinco novas refinarias.

Só para vocês terem ideia, coisa que a gente não fala, porque se a gente falasse iria facilitar a vitória da Dilma, é que só para transformar as nossas atuais refinarias em refinarias mais modernas, nós investimos, de 2003 até agora, US\$ 23 bilhões. Não é pouca coisa. Teve governo que ficou cinco anos, oito anos, dez anos e não conseguiu investir US\$ 25 bilhões porque não tinha, não é que não queria.

Bem, além disso, Gabrielli, além da refinaria, além de nós estarmos fazendo três das maiores ferrovias existentes hoje no mundo, ou seja, construídas no mundo, a Ferrovia Norte-Sul, nós vamos terminar agora, dia 20 de dezembro, em Anápolis, 1.513 quilômetros e vamos assinar o contrato para trazê-la até Estrela d'Oeste, aqui, em São Paulo, para interligar, do Porto de Itaquí ao Porto de Santos. Ainda este mês, ainda este mês, nós vamos à Bahia anunciar o começo da Oeste-Leste, uma ferrovia ligando o Porto de Ilhéus, o Porto (incompreensível) que nós vamos fazer, até a Ferrovia Norte-Sul, em Tocantins. E o objetivo final é chegar com ela até Belém do Pará.

Além disso, estamos fazendo a Transnordestina, que é 1,7 mil quilômetros de ferrovia ligando o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, em Sergipe, para levar a soja que eles conseguirem produzir lá. Além disso, Luiz Nascimento, o que eu vou falar aqui, você confirma aí – este mês nós vamos lá inaugurar a famosa Eclusa de Tucuruí, que está prometida há não sei quantas décadas e agora nós vamos conseguir inaugurar. Essa é uma coisa extremamente importante.

Por último, a coisa mais fantástica... Você vê, Wilsinho, eu fui com você, lá em 1989... Eu não vou contar a história do avião, vou contar a conversa do Collor no avião. Tinham acabado as eleições, eu fui com o Wilsinho lá, e com uma outra pessoa, visitar a barcaça do Rio Tietê lá em São Simão, é isso? Pois bem, agora a Transpetro vai construir barcaça em Araçatuba. Essa hidrovia, que foi inaugurada ainda no tempo do governo Montoro e que só funciona com





20% de sua capacidade, pois bem, a partir de agora ela vai começar a funcionar com 100% da sua capacidade, porque a Transpetro vai assumir a responsabilidade de construir, contratar e comprar as barcaças que faltavam para a gente poder fazer um estaleiro no coração de São Paulo, onde não tem um braço de mar, mas tem a Transpetro, que vai fazer o que precisava ser feito há muito tempo.

Por último, companheiro David Aidar, eu vou lhe entregar um país, você vai completar 82 anos, eu vou lhe entregar um país de que você vai se orgulhar, porque eu e o José Alencar somos, na história do país, os dois únicos que governaram o país que não tivemos diploma universitário. Não é motivo de orgulho, nós gostaríamos de ser, gostaríamos de ter mais que um diploma, um monte de diplomas, mas não conseguimos ter.

Entretanto, nós já passamos para a história do país como o presidente e o vice que fizemos mais universidades federais, mais escolas técnicas, e duplicamos a renovação de alunos nas universidades federais. Ou seja, em oito anos, nós fizemos uma vez e meia tudo o que foi feito em um século, em nível de escola técnica. Nós fizemos 14 federais, universidades novas, e 126 extensões universitárias. Saímos de 113 mil alunos, que era a renovação por ano, para 259 mil alunos, além do ProUni, que já tem 704 mil alunos fazendo universidade.

E isso é apenas o começo, porque, graças a Deus, o povo brasileiro, na sua sabedoria, venceu o ódio, venceu o preconceito, venceu o baixo nível da campanha, que acabou há poucos dias, e elegeu uma mulher, elegeu uma mulher para dar continuidade a isso, e para provar que a mulher pode ter muito mais capacidade do que o homem e que pode fazer muito mais. Porque eu digo sempre: não é justo que alguém pense que um ser humano, que é capaz de carregar um filho na barriga nove meses, gerar uma criança, criar essa criança, ter essa criança, educar essa criança, não ter a capacidade de cuidar de um bando de marmanjos como nós, seres humanos brasileiros.



Portanto, eu estou convencido de que a companheira Dilma vai tomar posse no dia 1º de janeiro e, daqui a algum tempo, companheiros, nós vamos nos encontrar em um encontro desses, e a companheira Dilma, que em vez de ter participado de debate provocado pelos adversários para discutir temas relevantes nacionais, ficaram discutindo a vida pessoal dela, eu espero que ela, após tomar posse, possa mostrar que as mulheres não querem mais ser tratadas como objeto, não querem ser tratadas como cidadãs de segunda classe, que as mulheres não querem mais ser só empregadas domésticas, não querem trabalhar em um posto de segunda categoria no escritório, e que as mulheres querem, podem e vão, definitivamente, governar este país com a grandeza da alma de mãe e de mulher.

Um abraço, gente. Parabéns à Petrobras, parabéns ao alcoolduto e sorte para nossa futura presidenta da República.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante inauguração da nova sede do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)**

**Brasília-DF, 24 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados e vice-presidente da República eleito nas últimas eleições,

Meus queridos companheiros ministros Carlos Gabas, da Previdência Social; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia, e Luiz Eduardo Barretto, do Turismo.

Senhores embaixadores estrangeiros,

Senador Adelmir Santana, presidente do Conselho Deliberativo Nacional do Sebrae,

Meu caro companheiro senador Roberto Cavalcanti, nosso mui digníssimo representante da Paraíba,

Meu... Eu não vi a senadora Serys, o nome dela está aqui na nominata cadê a ..., ô Serys! Minha querida companheira Serys, senadora da República pelo estado do Mato Grosso,

Meu companheiro Carlos Gaguim, governador de Tocantins,

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, governador eleito do Distrito Federal. Governador eleito, não empossado, mas já com direito de chegar atrasado. (Incompreensível). Não, pior é que um homem deste tamanho nunca consegue chegar disfarçado. Se não fosse governador, poderia ter entrado pelos fundos.

Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu querido companheiro Aldemir Bendine, nosso querido Dida, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro Marcos Mazoni, presidente do Serpro,



Nosso querido Pedro Arraes, presidente da Embrapa,  
Nosso querido companheiro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi,  
Nosso querido companheiro Alessandro Teixeira, presidente da Apex,  
Meu querido companheiro Paulo Tigre, presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul,  
Meus amigos,  
Senhoras e senhores,  
Companheiros da imprensa,  
Amigos do Sebrae,

Vou tentar o discurso aqui, o volume é grande, mas a letra é grande também. Vou ser mais curto que o Paulo Okamoto, do que o Adelmir.

Primeiro, eu quero expressar minha alegria em participar da inauguração da nova casa de vocês que coordenam, aqui de Brasília, uma instituição que se tornou, talvez, a única unanimidade nacional depois do Chico Buarque de Holanda e depois do Corinthians. Já tem são-paulino balançando a cabeça ali.

Com suas quase quatro décadas de existência, o Sebrae está presente em todo o país prestando serviços inestimáveis ao empreendedor brasileiro. E nas diversas vezes em que nos encontramos nos últimos oito anos, pude perceber o orgulho que vocês sentem do seu trabalho. Certamente, também, porque o salário ajuda, porque é muito difícil você ter orgulho ganhando pouco. Estou falando de levar o conhecimento e a capacitação, fundamentais para garantir a renda e a qualidade de vida de milhões de empreendedores, e de encabeçar iniciativas que defendem e fortalecem as nossas micro e pequenas empresas.

Ações desse tipo são fundamentais para o momento que o Brasil está vivendo, no qual a estabilidade econômica e o crescimento andam de mãos dadas com a multiplicação de oportunidades e justiça social.



Em qualquer grande economia do mundo os micro e pequenos empreendimentos garantem a capilaridade de um setor empresarial que chega a cidades de todos os portes e atua nos mais diferentes setores econômicos. E aqui no Brasil não poderia ser diferente. As 5,8 milhões empresas de micro e pequeno porte do nosso país empregam 13 milhões de pessoas com carteira assinada e são fundamentais para manter a roda da economia em movimento, gerando emprego, renda e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Por isso, junto com vocês, temos nos empenhado para que esses negócios possam prosperar em um ambiente ainda mais atrativo.

Em 2006, graças, em grande parte, à forte atuação do Sebrae, sancionamos a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que atendeu antigas reivindicações do setor. Com ela, passamos a dar um tratamento diferenciado aos empreendedores, reduzimos a burocracia e simplificamos a tributação. Hoje o regime tributário do Simples nacional, fruto dessa lei, já abriga 4,3 milhões empresas. A nova lei também incentivou a participação dos segmentos nas compras governamentais. Só para termos uma ideia, isso fez com que as vendas de pequenas e micro empresas para o governo federal saltassem de 2,1 bilhões em 2006, para 7,3 bilhões entre janeiro e setembro. Veja o milagre da multiplicação dos pães, Paulo Okamoto: em nove meses nós fizemos praticamente quatro vezes mais do que fizemos em 2006, com as compras governamentais.

Da mesma forma, criamos a figura do empreendedor individual, com o objetivo de formalizar trabalhadores autônomos de diversos segmentos. Graças a ela, já regularizamos a situação de quase 750 mil manicures, eletricitas, pipoqueiros e tantos outros profissionais que sequer sabiam que poderiam se formalizar. A grande adesão dos nossos empreendedores informais superou as expectativas mais otimistas. Isso é uma vitória para o Sebrae e para todos os órgãos e entidades envolvidos nos diversos mutirões de formalização que aconteceram e acontecem por todo o território nacional.



Além da Lei Geral e da Lei do Empreendedor Individual, a Lei da Inovação está contribuindo para fomentar a competitividade nos negócios de pequeno porte.

Sabemos, contudo, que ainda há muito a ser feito, e estou certo de que o Sebrae continuará sendo um dos grandes parceiros do governo federal para vencer os desafios do futuro. Precisamos tornar ainda mais operacionais os mecanismos de incentivo criados nos últimos anos e trabalhar duro para regularizar os milhões de empreendimentos informais que ainda existem no país.

Se tivermos sucesso nessas iniciativas, estou certo de que poderemos repartir entre milhões de empreendedores os frutos do ciclo virtuoso que nossa economia vive hoje e que continuará vivendo nos próximos anos.

Nosso mercado interno está fortalecido, e nunca tantos brasileiros puderam consumir bens e serviços dos mais diferentes tipos. O Programa de Aceleração do Crescimento e o Minha Casa, Minha Vida são fortes demandantes de serviços e materiais em todo o Brasil. E a eles se somam empreendimentos que garantirão trabalho e renda ao longo desta década. O Paulo Okamoto já disse: a Copa do Mundo de 2014, a Copa das Confederações de 2013, as Olimpíadas Militares de 2011, a Copa das Américas em 2018 e as nossas Olimpíadas em 2016.

O Sebrae já se consagrou como um dos mais importantes instrumentos de incentivo ao novo ciclo de expansão vivido pela economia brasileira. E estou convicto de que sua importância e sua responsabilidade crescerão ainda mais.

Quero, portanto, dar os meus parabéns aos mais de 4 mil funcionários e funcionárias do Sebrae. E na pessoa do meu querido companheiro Paulo Okamoto, agradecer a toda a direção da entidade pelos muitos avanços que foram proporcionados ao empreendedor brasileiro nos últimos anos.

Esta nova sede, que segue os mais modernos padrões de arquitetura sustentável, representa o espírito dinâmico do Sebrae, e proporcionará um



ambiente de trabalho adequado e agradável, como vocês merecem. Vocês estarão sempre no centro de todas as mudanças e melhorias porque é aqui que brotam e crescem com vigor as boas idéias que apoiam e fortalecem as micro e pequenas empresas brasileiras.

Meus queridos companheiros do Sebrae,

Eu queria, Paulo Okamoto... você ainda tem esperança de continuar presidente, eu tenho que cair fora aqui. Mas eu queria aproveitar, Paulo, esta festa, que não é uma festa de despedida de ninguém do Sebrae, não é uma festa de despedida de ninguém do governo, mas é uma festa de inauguração de uma entidade que é tão poderosa, que eu dizia ao Paulo Okamoto que até um programa de televisão que tem, chamado “Pequenas Empresas, Grandes Negócios”, todo mundo pensa que é do Sebrae, quando não é do Sebrae. Ou seja, eu faço um esforço para aparecer na televisão e as pessoas não acreditam que sou eu. O Sebrae não aparece, e as pessoas pensam que é o Sebrae que tem o programa, tal é a proximidade do programa com o Sebrae.

Mas no fundo, no fundo, eu penso que nesses oito anos de governo nós conseguimos provar à sociedade brasileira e ao mundo que era possível governar o país de uma forma diferenciada, que era possível a gente vencer a miséria absoluta, que era possível vencer a pobreza.

Eu, nos fóruns de que eu participo, e são muitos os fóruns que eu... de que o Brasil participa, eu tenho feito uma mistura de exposição da macroeconomia com a microeconomia. Aliás, nesta semana eu participei de um encontro aqui em Brasília, sobre o microcrédito. Nem eu, que sou presidente da República, e possivelmente nenhum de vocês, individualmente, tenha a dimensão do que está acontecendo no microcrédito neste país. A gente não tem toda a dimensão do que está acontecendo. Quando você vê uma instituição com o Banco Central participar, humildemente, de uma reunião de microcrédito e reconhecer as mudanças que foram necessárias serem feitas para que as cooperativas e o microcrédito pudessem ter vez neste país.



Eu lembro das dificuldades quando nós propusemos criar o crédito consignado. As pessoas diziam: “Como é que o aposentado vai tomar dinheiro emprestado?” Hoje já são mais de R\$ 49 bilhões, só de aposentados, que estão circulando na economia brasileira. Possivelmente, o Banco do Brasil, Dida, em toda a sua história, não tenha conseguido colocar no mercado a quantidade de crédito que ele colocou nesses últimos oito anos. Porque todo mundo perdeu um pouco o medo de que emprestar dinheiro era ruim, porque no Brasil se criou o hábito: para que alguém conseguisse um empréstimo no banco, a pessoa tinha que ter tanta garantia e tanto dinheiro para pagar a sua dívida, que não precisava pegar dinheiro emprestado, porque já tinha o suficiente. O Tigre sabe que as exigências eram as mais exageradas possível. Nós mudamos a regra do jogo.

Eu disse outro dia, na Fiesp... na CNI, que precisou este país eleger um torneiro mecânico, que passou 29 anos da sua vida dizendo que era socialista, para transformar o Brasil em um país de economia capitalista. É um contrassenso! Por uma razão simples, por uma razão simples, este dado é muito importante: hoje, o Banco do Brasil, sozinho, tem todo o crédito disponibilizado que o Brasil tinha em 2003. Em 2003, o Brasil todo, para atender a 190 milhões de habitantes - inclusive essas meninas e esses meninos do Coral, se quisessem tomar dinheiro emprestado para comprar o seu violino, estava dentro desses 380 bilhões – o Brasil tinha 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil tem isso. E o Brasil inteiro está com mais 1.650 trilhão disponibilizados para crédito. Isso porque os bancos privados ainda não aprenderam a emprestar dinheiro para o pequeno, ainda têm medo. Haverá um dia, Dida, em que todos aprenderão que se tem um segmento da sociedade que toma dinheiro emprestado e paga, é exatamente o pequeno, porque ele só tem a cara como patrimônio e o seu nome como patrimônio.

Esses olhos, esses olhos – como diria a minha mãe – que a terra haverá de comer, esses olhos viram... aqui deve ter alguém que conheça o





microcrédito lá do Ceará, não sei o quê das Palmas... Banco Palmas. É muito emocionante você ver uma pessoa pegar, Paulo, R\$ 15,00 de crédito. Alguém da Avenida Copacabana ou da Avenida Atlântica, alguém lá do centro de Salvador, Edval, ou alguém que mora perto do lago da Pampulha, em Minas Gerais, ou alguém que mora na Avenida Paulista, certamente, não compreenderia nunca como alguém da periferia deste país vai em um banco e toma R\$ 15,00 emprestados, para levar para casa a comida para 15 dias, e depois paga. Eu vi lá no Canal do São Francisco, na transposição das águas, uma mulher tomar R\$ 50,00 emprestados de um afilhado. Com esses R\$ 50,00 emprestados ela começou a vender pastel, comprar massa e vender pastel. Para vender para quem? Para os soldados do Exército brasileiro que estavam trabalhando em um dos trechos do Canal do São Francisco. Passados uns dias, ela já começou a vender pastel e guaraná; passados uns dias, ela já estava fazendo refeição; passados seis meses, ela já tinha uma motocicleta, um carro e, orgulhosamente, falou para mim: “Presidente, neste ano eu paguei R\$ 5 mil de Imposto de Renda”. Mais do que o presidente da República, que tinha recebido um retorno aí de uns R\$ 3 [mil] ou R\$ 4 mil. Isso demonstra que este país precisava aprender apenas uma coisa com os Estados Unidos, que é o orgulho americano, que é tido como o país das oportunidades; e não ficar dizendo que tudo o que é bom lá, é bom aqui. O que é bom lá, é bom para lá; o que é bom aqui, é bom para aqui. Nós precisamos criar as nossas coisas, inventar as nossas coisas e criar as nossas oportunidades.

Eu acho, companheiros do Sebrae, que o que está acontecendo de milagre neste país é que as pessoas é que as pessoas estão tendo oportunidade. E quando as pessoas têm oportunidade, as pessoas a pegam com as duas mãos, com a cabeça, com os pés, e vão embora, e vencem, e conseguem fazer o milagre do que está acontecendo no Brasil hoje.

Dois mil e oito é um exemplo. No dia 22 de dezembro de 2008 eu acordei, fui olhar os jornais e fiquei assustado com a quantidade de



propagandas quanto à falência do mundo, em função da crise emanada do *subprime* americano. O mundo parecia que ia acabar, as manchetes nos jornais eram dizendo: “O povo não vai comprar, porque o povo está com medo de comprar, de perder o emprego e não poder pagar.” Cheguei ao gabinete e falei: Franklin Martins, prepara, que eu vou fazer um pronunciamento à nação brasileira e vou fazer a apologia ao consumo. Eu, que jamais imaginei fazer isso! E fui para a televisão para dizer: se você não comprar, se você está com medo de comprar, perder o emprego e não poder pagar, eu quero lhe dizer que você vai perder o emprego exatamente se você não comprar. Compre com responsabilidade, não faça dívida que você não pode pagar, mas compre, porque é o único jeito de a economia girar. Qual não foi a minha surpresa que no final de 2009 a gente constata, por todas as pesquisas, que quem salvou a economia brasileira foram exatamente as pessoas mais pobres, das classes D e E, que foram às compras, porque as classes A e B ficaram com medo de ir às compras. Possivelmente, porque já não tivessem mais as mesmas necessidades que a classe mais pobre tem.

Isso, Paulo, eu acho que é uma coisa que o Sebrae vem fazendo acontecer, com a aprovação da Lei Geral, com a aprovação da lei do empreendedor, ou seja, é dando àquele cidadão que vende um cachorro-quente, àquele cidadão que está com uma barraquinha vendendo uma pipoca ali ou amendoim, àquele cidadão que está com uma carrocinha vendendo laranja, que se ele se legalizar ele vai ter muito mais possibilidade de ter acesso a financiamento, para ele ter a chance de crescer um dia, como cresceu o dono das Casas Bahia, como cresceu o dono das Casas Bahia que, aliás, um dia disse uma coisa que a gente não pode repetir muito. Perguntaram: “Por que você é tão rico?” Ele falou: “Porque eu não estudei.” Aí o cara não entendeu e falou: “Mas o que é isso?” Ele falou: “É porque se eu tivesse estudado, eu era engenheiro e estava ganhando R\$ 6 mil por mês, R\$



7 mil por mês. Como eu fui ser vendedor, eu ganhei.” Mas isso vale para o Silvio Santos também, para o Baú da Felicidade.

O dado concreto é o seguinte: vocês, companheiros do Sebrae, se tem um segmento da sociedade - pode ter um ou outro pecador, que não faz a tarefa corretamente – mas se tem um segmento da sociedade que tem que ter orgulho daquilo que faz todo dia por este país, são vocês, porque o Sebrae tem sido durante 38 anos uma unanimidade nacional, e eu acho que isso não é pela beleza dos seus dirigentes. Isso é pela competência do seu corpo de funcionários.

Um abraço. Parabéns e boa sorte a todos vocês.

(§ 211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de abertura da Conferência Mercosul de Emprego e Trabalho  
Decente e assinatura do decreto de convocação da 1ª Conferência  
Nacional de Emprego e Trabalho Decente**

**Palácio do Planalto, 24 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro Humberto Blasco, ministro da Justiça e do  
Trabalho da República do Paraguai,

Meu caro companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu caro Carlos Eduardo Gabas, ministro da Previdência Social,

Márcia Lopes, do Desenvolvimento e Combate à Fome,

Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio  
Exterior,

E companheiro Paulo Vannuchi, da Secretaria de Direitos Humanos,

Senhores embaixadores,

Companheiros e companheiras deputados e deputadas aqui: Janete  
Rocha Pietá, Julião Amin, Vicentinho e Vieira da Cunha,

Companheiros prefeitos que estão aqui,

Meu caro companheiro Artur Henrique, presidente da Central Única dos  
Trabalhadores,

Meu caro Alexandre Herculano, diretor da Confederação Nacional da  
Indústria,

Senhores empresários,

Senhores representantes das entidades sindicais,

Senhores jornalistas,

Companheiros e companheiras,

Hoje, como ontem, o trabalho digno é a chave da coesão política e social



de uma verdadeira democracia. Ele não apenas gera riqueza, mas é uma importante fonte de direitos que provê as famílias, integra a juventude, amadurece talentos e cria valores compartilhados, sem os quais é impossível dar sentido e dignidade à própria convivência humana.

Nesse sentido, estou certo de que a centralidade da agenda de todos os governos mundiais – em especial em sociedades como as nossas, da América Latina – deve ser ocupada pelas medidas que visam a garantir postos de trabalho a amplos setores da nossa população, e fazer com que o trabalho possa exercer todos os seus direitos. Estou falando, enfim, de conduzir políticas públicas que gerem mais e melhores empregos.

Quero, portanto, expressar a minha imensa alegria em estar participando, neste momento, deste evento que trata das agendas comuns do emprego e do trabalho decente no Mercosul. E agradecer, desde já, a participação de todos os companheiros e companheiras que, representando governos e trabalhadores das nações que compõem o bloco, estão elevando o patamar democrático dos debates sobre esse tema.

A verdade é que, faltando pouco mais de um mês para encerrar o nosso governo, estou tendo a singular oportunidade de comparecer a um evento que reúne algumas das principais bandeiras que defendemos durante os últimos oito anos. Estou falando do emprego decente da democracia participativa, e da convergência estratégica entre as agendas de governo e os movimentos sociais do Brasil e da América Latina, sobretudo, do nosso querido Mercosul.

Minhas amigas e meus amigos,

O debate sobre as políticas públicas de geração de empregos e garantia de condições decentes de trabalho não pode excluir, em momento algum, os trabalhadores.

A história nos mostrou, afinal, que a força do trabalhador organizado e sua imensa capacidade de mobilização apontam os melhores caminhos para ultrapassar obstáculos que pareciam intransponíveis. E isso não se restringe a



temas relacionados ao mundo do trabalho, mas à própria condução dos rumos de uma nação.

Aqui, no Brasil, fizemos questão, desde 2003, de aprofundar e fortalecer institucionalmente a relação do Estado com os trabalhadores e com amplos setores da nossa sociedade. Estabelecemos mesas permanentes de negociação, criamos novos conselhos nacionais e reativamos alguns que haviam sido extintos.

Fóruns desse tipo possibilitaram, por exemplo, que adotássemos uma política de valorização do salário-mínimo, e que pudéssemos ampliar e aprimorar as medidas relacionadas à segurança alimentar e à garantia de uma vida digna a nossos cidadãos.

As ações resultantes desse processo contribuíram decisivamente para que o Brasil, em plena crise internacional, continuasse com um mercado interno fortalecido, que mantém a roda de nossa economia em contínua movimentação, e chegássemos a 2010 com uma geração recorde de empregos, entre janeiro e outubro, de 2 milhões e 409 mil novos postos de trabalho.

Muitos governos que passaram pelo Brasil não tiveram o prazer de, em muitos anos, criar a quantidade de emprego que nós conseguimos criar, de primeiro de janeiro deste ano a dia 30 de outubro deste ano. A importância desse avanço é inestimável. E, certamente, terá desdobramentos no futuro político do nosso país.

Fico muito alegre, portanto, de assinar aqui o decreto que convoca a Conferência do Emprego e do Trabalho Decente, reiterando os traços de um governo de portas abertas. Aqui, Lupi, é importante lembrar que essa Conferência vai se dar daqui a dois anos. Nós vamos ter um processo de conferências municipais, conferências estaduais. Eu não sei se Vossa Excelência será ou não Ministro do Trabalho daqui a dois anos. A única coisa de que a gente tem certeza é que a Dilma é presidente da República neste



momento, ou seja, é a única coisa. Mas, de qualquer forma, se você for Ministro do Trabalho, não esqueça de me convidar para ser um delegado especial, participando da conferência, quem sabe falando mal dos governos que não (incompreensível).

Bem, na Conferência... Veja, a Conferência que nós vamos realizar, ela vai se somar, já, nós já fizemos 73 conferências em oito anos de mandato. Aqui é uma coisa que eu queria dizer para vocês, que é um dos sucessos do nosso governo que, muitas vezes, surpreende algumas pessoas que deveriam enxergar, porque têm os dois olhos bons, mas que querem ser cegos de não perceber a inovação da relação do nosso governo com a sociedade brasileira. Foram 73 conferências, com esta vamos fazer 74 conferências, e certamente teremos mais conferências, e certamente a Dilma vai fomentar novas conferências para que a sociedade brasileira se sinta de forma ativa, colaborativa e participativa, praticando e ajudando o governo a exercitar a democracia na sua plenitude.

Poderemos, sobretudo, reafirmar um compromisso assumido pelo Brasil junto à Organização Internacional do Trabalho em 2003 e que resultou na Agenda Nacional do Trabalho Decente.

Meus queridos companheiros e companheiras

Assim como a classe trabalhadora vem dando contribuições fundamentais às transformações em curso no Brasil, ela também contribui, e muito, para a integração regional em sua plenitude. Estou falando de um cenário no qual as questões sociais e culturais, e o pleno exercício de uma democracia cada vez mais participativa, ocupam igualmente o centro da agenda.

Não podemos esquecer que, mesmo antes da criação do Mercosul, que completa 20 anos daqui a quatro meses, as centrais sindicais do Cone Sul já haviam se articulado regionalmente em torno das questões relativas ao mundo do trabalho.



Hoje, os países do bloco, cada qual a seu modo, voltam suas políticas públicas para a retomada do desenvolvimento e a superação das desigualdades sociais.

Essas agendas passaram a permear as discussões das cúpulas presidenciais e resultaram em medidas inovadoras na área do trabalho e da migração, como é o caso do reconhecimento de diplomas – Gabas está aqui – e de direitos previdenciários, entre outros.

A verdade é que o Mercosul, agora, começa a beneficiar o cidadão comum: facilita a vida nas fronteiras; promove o intercâmbio de estudantes universitários, pesquisadores e cientistas; estimula as trocas artísticas e culturais.

A questão do emprego e do trabalho decente precisa fazer parte dessa ampla agenda social. E, felizmente, é isso o que vem ocorrendo. Os países do bloco já contam com a Estratégia Mercosul de Crescimento do Emprego, e atuaram firmemente, em conjunto, na implantação de medidas anticíclicas para garantir os postos de trabalho durante a crise internacional.

Nesta conferência, poderemos avaliar as políticas conduzidas nos últimos anos, trocar experiências e, sobretudo, buscar caminhos para aprimorar as nossas iniciativas.

Tenho a convicção de que este encontro gerará resultados extremamente positivos, já que nesses últimos anos, o povo de nossos países aprendeu a formular as suas próprias perguntas e, cada vez mais, a construir suas próprias respostas.

Meus companheiros e companheiras,

Eu, embora esteja com muita pressa, porque eu tenho um encontro do Sebrae agora, eu queria, companheiro Lupi e companheiro Ministro do Paraguai, companheiros do Mercosul aqui presentes, dizer para vocês que tudo que tem acontecido no Mercosul, tudo o que tem acontecido de evolução no Paraguai, no Uruguai, no Brasil, na Argentina, é apenas o começo da





reparação de coisas que, em alguns momentos, nós já tínhamos conquistado e que em muitos lugares perdemos por causa de golpes, por causa de políticas equivocadas nos nossos países, mesmo quando não tínhamos golpes, por conta de política equivocada, por conta de planos mirabolantes, que deixaram trabalhadores com prejuízos enormes. Eu acho que nós estamos conseguindo fazer um processo de reparação.

Aqui, no Brasil, eu, particularmente, deixo o governo, depois de oito anos, com a consciência tranquila de que nunca antes na história do Brasil houve uma relação tão perfeita entre o governo e o movimento sindical, entre o governo e o movimento social. Nem sempre nós conseguimos tudo, nem sempre vocês saíram da mesa satisfeitos. Aliás, vocês não saem satisfeitos nem quando a gente atende tudo. E eu acho que essa é que é a coisa maravilhosa da evolução da sociedade: é que quando a gente atende tudo, as pessoas descobriram que pediram pouco e que precisam pedir um pouco mais. E assim a gente vai evoluindo, vai avançando, e eu acho que nós estamos em uma situação altamente privilegiada em relação ao resto do mundo.

O Artur acompanha muito e sabe que no G20, os trabalhadores, representados pelas suas confederações internacionais... tem poucos presidentes da República e poucos ministros que têm relação com os trabalhadores para que eles possam entregar apenas uma pauta de reivindicação.

Eu lembro que na reunião do G20, a primeira, o único presidente que as pessoas procuravam era eu, depois passaram a procurar a companheira Cristina, depois, mais tarde, passaram a procurar outros presidentes, porque já foi pressão nossa para que a OIT fizesse parte.

Eu acho que nós cometemos um equívoco, (incompreensível), que não era apenas a OIT que deveria participar, porque a OIT ela, bem ou mal, representa o mundo do trabalho e também o mundo empresarial, ou seja, não representa apenas um lado. E quem representa empresário, nós já temos



muito lá dentro. Ou seja, na verdade, a gente deveria ter brigado para que uma... a gente deveria ter brigado para que a central que representa os trabalhadores internacionalmente estivesse dentro do G20. Essa é uma coisa, Artur, essa... Eu estou falando isso porque eu comentei com a companheira Dilma agora, que ela foi ao G20 comigo, que era preciso que a gente colocasse uma representação dos trabalhadores para participar efetivamente lá dentro. Eu me sentia a representação dos trabalhadores, por isso, eu não briguei muito. Eu me sentia a própria... Agora... É verdade, eu me sentia quase o presidente do sindicato lá. Mas, agora que eu não estou lá, eu acho que nós vamos ter que fazer com que a central que representa os trabalhadores internacionalmente possa ter uma vaga, porque ali se discute tudo – eu falo de coração – se discute tudo, e se não tem uma pessoa para levantar as questões dos trabalhadores, se levanta tudo mas não levanta a questão dos trabalhadores.

Então, é importante que o movimento sindical aprenda a fazer duas coisas. Primeiro, a pressão em cima do seu dirigente, quando ele vai para o Mercosul. Ou seja, cada presidente que for tem que levar para lá pelo menos uma visão do que pensam os trabalhadores. E, depois, eu acho que é importante, nessas vocês não foram, mas eu acho que em toda reunião do G20, acho que pelo menos a direção do Movimento tem que estar lá, panfletando as suas reivindicações, para que a gente nunca esqueça, nunca esqueça de que nada valerá a pena se a gente passar pelo governo e os trabalhadores não tiverem ganhos reais na sua participação democrática, no seu salário e na sua alegria.

Eu, há muito tempo, Artur, que eu não via um presidente de uma Central tão feliz como você. Estou vendo o Juruna ali, feliz da vida. Porque vocês podem até ter discordância com o governo e, certamente, terão em muitas coisas, mas acho que nunca vocês foram tratados com o respeito como vocês foram tratados pelo nosso governo. E esse é um legado que dá a vocês o



direito e a sabedoria de cobrar de quem quer que seja a continuidade desse processo. Ele é mais saudável, ele é mais duro, ele é mais duro porque, muitas vezes, eu falo com a minha assessoria: Por que eu tenho que ir a tal ato? Eu poderia não vir. Mas, muitas vezes é chato, mas é participando dessas coisas que a gente vai criando uma relação de confiança, que a gente vai, cada vez mais, assumindo compromissos. E eu acho que no Mercosul a evolução é muito grande.

Vocês estão lembrados que quando eu cheguei ao governo, o Kirchner chegou ao governo, para dizer os dois países mais velhos, ou seja, de participação no Mercosul, o que se dizia era que o Mercosul ia acabar, que o Mercosul não tinha valor, que era preciso aprovar a Alca, que não tinha... Nós não aprovamos a Alca, nós fortalecemos, e o Mercosul nunca esteve tão fortalecido.

Só para vocês terem ideia, a relação comercial entre Brasil e Argentina está próximo dos US\$ 35 bilhões, coisa que era apenas US\$ 7 bilhões em 2003, quando nós chegamos ao governo. E obviamente que não era possível crescer a balança comercial se não crescesse a produção, se não crescesse a riqueza, se não crescesse o número de emprego, se não crescesse o salário das pessoas, porque no fundo, no fundo, é isso que conta.

Então, companheiros e companheiras, boa Conferência, daqui a dois anos, mas, sobretudo, boa Conferência nos municípios e nos estados, porque será a participação e a qualidade das conferências municipais e estaduais que irão possibilitar a vocês fazer uma grande Conferência Nacional do Trabalho Decente.

Um abraço e boa sorte a todos nós.

(§ 211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após ser homenageado com a condecoração Ordem de Excelência, concedida pelo Governo da Guiana**  
**Georgetown-Guiana, 25 de novembro de 2010**

Companheiro presidente da República Cooperativa da Guiana,  
companheiro Jagdeo,

Senhora Carolyn Rodrigues, ministra das Relações Exteriores da Guiana,

Senhores chanceleres dos países membros da Unasul,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
por meio de quem cumprimento toda a delegação brasileira,

Amigos e amigas da Guiana,

Quero agradecer ao presidente Jagdeo a honrosa condecoração que me foi outorgada, a Ordem de Excelência, mais alta insígnia da Guiana.

Recebo com muito orgulho esta distinção. Mais do que um reconhecimento à pessoa do presidente da República, ela simboliza a especial amizade que une os povos da Guiana e do Brasil. Esse espírito de fraternidade é a base indispensável de uma América do Sul mais unida, próspera e justa. Meu retorno a Georgetown, pela terceira vez, é motivo de grande alegria e satisfação. Aqui participei da reunião do Grupo do Rio, em 2007, quando decidimos fortalecer aquele mecanismo de diálogo e consulta entre a América Latina e o Caribe.

Declaramos, naquela ocasião, nossa determinação de trabalhar pela convergência dos processos de integração política e econômica da América do Sul, da América Central e do Caribe.

Essa visão mais ampla da integração, baseada na diplomacia da solidariedade e do entendimento entre iguais, é objetivo maior da política



externa brasileira. Sempre uso a imagem de que não é possível o Brasil desenvolver-se sem que seus vizinhos também encontrem o caminho da paz e da prosperidade. Nossa empreitada é um trabalho comum.

Fico muito sensibilizado que entre citações que acompanham a outorga desta comenda tenha sido reconhecido o esforço do governo brasileiro em consolidar o destino continental da Guiana.

Confiante no imenso potencial da integração sul-americana, faço votos de pleno êxito ao governo guianense no exercício da Presidência *Pro Tempore* da Unasul. Estou certo de que a Guiana desempenhará suas novas funções com grande seriedade e competência.

Nessa tarefa, poderá contar com o apoio do Brasil. Dois diplomatas brasileiros foram designados para trabalhar na Chancelaria em Georgetown, onde permanecerão durante todo o período da Presidência guianense. Desde já, oferecemos cidades brasileiras para a realização de reuniões de grupos de trabalho e conselhos setoriais.

As relações entre o Brasil e a Guiana também avançam no plano bilateral. Há pouco mais de um ano, em meu último encontro com o presidente Jagdeo, criamos o Comitê de Fronteira e em breve implementaremos o acordo sobre o “Regime Especial Fronteiriço e de Transporte para as Localidades de Bonfim e Lethem”.

Na oportunidade, tivemos o privilégio de inaugurar a importante ponte sobre o rio Tacutu, primeira ligação física entre nossos países. Foram necessários 27 anos para que essa iniciativa de importância transcendental saísse do papel.

No curto espaço de tempo desde a inauguração da obra, já é possível fazer balanço extremamente positivo do seu impacto para nossos povos. O movimento de pessoas e comércio na região aumentou significativamente, ultrapassando 400 carros por dia durante a semana e 1.200 nos fins de



semana. Esses dados comprovam o potencial de desenvolvimento das cidades fronteiriças.

O Brasil quer continuar estreitando seus laços de amizade e cooperação com a Guiana. Para tanto, estamos dispostos a apoiar o desenvolvimento da cidade de Lethem. Com esse objetivo, enviamos missão da Eletronorte à região para estudar a melhor forma de atender às demandas energéticas deste país. Estamos interessados em participar da construção de uma hidrelétrica capaz de gerar energia mais barata e limpa, comparativamente às termelétricas existentes. Saúdo, nesse sentido, a conclusão do Memorando de Entendimento para determinar, em parceria com a Guiana, o melhor local para a construção da usina.

Também precisamos dar seguimento ao projeto de pavimentação da estrada Lethem-Linden, que deverá permitir conexão entre o Norte do Brasil e Georgetown. Creio que esse projeto, se combinado com a construção da hidrelétrica, se tornaria mais viável financeiramente. Para a Guiana, permitiria a ocupação do interior do país e maior intercâmbio com o Brasil. Para os estados do Norte do Brasil, proporcionaria maior acesso ao Caribe, como via de escoamento da produção. Continuaremos trabalhando juntos para encontrar formas de realizar essa obra de importância estratégica.

Nossa parceria expande-se para outros campos, que nos colocam juntos na vanguarda da informação. Em breve, a Guiana e o Brasil estarão conectados por banda larga com fibra óptica. Empresa brasileira já instalou cabo até a fronteira, que poderá conectar-se ao ramal que o governo da Guiana está construindo entre Lethem e Georgetown.

Precisamos estimular mais o comércio bilateral, promovendo ações que aumentem o equilíbrio dos fluxos nos dois sentidos. Damos passo importante nessa direção com a concessão de margem de preferência de 100% para a lista de produtos solicitados pela Guiana que, portanto, passarão a entrar no Brasil com tarifa zero.



Em matéria de cooperação técnica, temos alcançado resultados positivos nas culturas de milho, arroz e soja. Mas queremos aprofundar nosso programa de cooperação por meio da criação de um grupo de trabalho incumbido de avaliar os projetos implementados e de examinar novas iniciativas. Ajudaremos na capacitação de técnicos guianenses para certificação de sementes de arroz, com vista à exportação ao Brasil.

No campo educacional, queremos ampliar o ensino de português na Guiana, com o propósito de estimular mais guianenses a realizar seus estudos no Brasil. Nessa área, já oferecemos cooperação para as Forças de Defesa da Guiana. Meu caro companheiro Jagdeo,

Para enfrentarmos, com maior êxito, os desafios da integração regional, precisamos somar esforços e continuar estabelecendo sólidas pontes de diálogo e cooperação. Nesse sentido, devemos impulsionar juntos o projeto de integração não só da América do Sul, mas também da América Latina e do Caribe. Esperamos contar com o apoio da Guiana para iniciar as negociações Mercosul-Caricom, tão logo o bloco caribenho esteja pronto.

Devemos, ainda, trabalhar em parceria para o fortalecimento da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica e a posição dos países amazônicos nas negociações sobre a mudança do clima.

Senhor Presidente,

Ao renovar-lhe meus agradecimentos pela honra de ser agraciado com a Ordem de Excelência, transmito meus votos de um futuro comum pleno de paz e prosperidade para os povos guianense e brasileiro.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o  
3º Seminário Nacional do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**

**Hotel Nacional – Brasília-DF, 25 de novembro de 2010**

Meus queridos companheiros e companheiras,

Companheira Márcia, companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome,

Meus queridos companheiros ministros Eloi Ferreira, da [Secretaria de] Políticas de Promoção da Igualdade Racial, e Altemir Gregolin, [do Ministério] da Pesca e Aquicultura,

Senadora Serys,

Deputados federais Assis do Couto, Emília Fernandes e Nazareno Fonteles,

Nosso querido companheiro Graziano, representante da FAO para a América Latina, que o Brasil está indicando para ser o diretor-geral da FAO,

Nosso companheiro Naidison Baptista, conselheiro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea),

Nosso companheiro Ruimar Antônio de Farias, da comunidade quilombola Lagoa da Pedra,

Nossa querida companheira Francisca Izabel da Silva Bueno, presidente da Associação Cultural de Mulheres Negras de Passo Fundo, Rio Grande do Sul,

Nossa querida companheira Elisângela, representante dos movimentos sociais do campo,

Nossos queridos companheiros Cláudio, Rebeca, Pedro Francisco (incompreensível), Lavínia Alves de Salomão, e Ilda Maria de Resende Santos,

Companheiros e companheiras gestores e conselheiros estaduais e municipais de Agricultura, Assistência Social e Segurança Alimentar,





Meus companheiros e companheiras do Brasil inteiro,  
Companheiros da imprensa,

Eu tenho duas coisas a fazer. Uma é ler alguns números aqui, para ver a imprensa registra, e outra é falar um pouco sobre o que está acontecendo neste país.

Primeiro, porque fiz questão de participar deste seminário porque o Programa de Aquisição de Alimentos simboliza os mais importantes legados das transformações sociais e políticas que a sociedade brasileira experimentou nos últimos oito anos.

Esse Programa foi, certamente, um dos principais responsáveis pelo sucesso do Brasil no combate à fome e à miséria. Em primeiro lugar, ele conseguiu garantir, a cada ano, que uma média de 160 mil agricultores familiares, em 2.300 municípios, contassem com um mercado garantido para sua produção, que foi vendida ao governo por um preço mais justo do que aquele que o mercado oferecia. Estou falando de gente que passou a ter uma vida mais digna e que voltou a confiar na sua capacidade de tirar da terra não apenas o sustento, mas os horizontes de um futuro melhor para si e sua família. Ele também possibilitou que mais de 3,1 milhões toneladas de alimentos comprados pelo governo chegassem à mesa de 15 milhões de brasileiros que, até então, viviam sob o risco da insegurança alimentar.

E isso se deu por meio de uma grande rede de cidadania, que envolveu 25 mil instituições. Eu quero dizer para a Márcia que quando eu li o meu discurso e vi 25 mil instituições, eu falei: acho que o pessoal que me deu esse número está exagerando. A primeira coisa que eu fiz quando eu cheguei ali, que eu chamei a Márcia lá para a sala foi: Márcia, esse número está certo? Ela falou: “Está certo, Presidente, são 25 mil instituições.” São escolas que oferecem merenda com mais qualidade a seus alunos; entidades que formam a rede de proteção social, como hospitais, creches e asilos; e equipamentos de



alimentação e nutrição, como os restaurantes populares, as cozinhas comunitárias e os bancos de alimentos.

O Programa de Aquisição de Alimentos conseguiu cumprir seu duplo papel. Por um lado, ele promove e diversifica a produção alimentar no país e fortalece a organização da agricultura. Por outro, garante a soberania alimentar entre os grupos mais vulneráveis da população, como é o caso dos povos e comunidades tradicionais.

Esses resultados já reservam ao programa um capítulo especial na história dos esforços de construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Não é apenas pelos resultados, contudo, que ele deve ser medido. A forma pela qual foi elaborado, gerido e acompanhado indica um Brasil diferente, caracterizado por uma nova relação entre o Estado brasileiro e a sociedade.

O Programa de Aquisição de Alimentos, como sabemos, foi concebido no Conselho de Segurança Alimentar – um foro de participação social que havia sido extinto em 1995, e que nós reativamos logo no início de 2003. Seu sucesso, portanto, é também decorrente da decisão de fortalecer o diálogo do governo com a sociedade, de modo a possibilitar a efetiva participação de todos no processo de formulação de políticas públicas. Esse mesmo diálogo construiu o projeto que mais tarde se transformou na Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional.

E foi também com o apoio de vocês e de toda a sociedade e de todas as instituições representativas que conseguimos o importante reconhecimento da alimentação como direito contido na nossa Constituição.

A verdade é que isso tudo vem ocorrendo porque assumimos, nós mesmos, a tarefa de comandar o nosso destino e o destino do nosso desenvolvimento. E fizemos isso enfrentando o mais urgente dos desafios brasileiros: o combate à fome e à miséria na vida de nossa gente.

Quero, portanto, transmitir os meus mais sinceros agradecimentos a todos vocês que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que o Programa



de Aquisição de Alimentos se tornasse uma realidade e que trabalham incansavelmente para que ele se torne cada vez melhor.

As transformações das quais vocês fizeram parte são apenas os passos iniciais do caminho de justiça social escolhido pela nação brasileira. E tenho a certeza de que, graças à força e à organização da nossa sociedade, o Brasil não irá se desviar dessa rota.

Companheiros e companheiras,

Eu... eu penso que está chegando o momento de nós começarmos a fazer um balanço das coisas que aconteceram em oito anos, não para que a gente chegue à conclusão de que nós conquistamos tudo, mas para que a gente chegue à conclusão de que ainda falta muito para a gente conquistar aquilo que nós entendemos que pode saciar uma vontade histórica do povo brasileiro, e concluir tendo a certeza de que quanto mais a gente conquistar, mais a gente vai reivindicar. E quanto mais conquista vier, mais a gente vai querer conquistar. É essa que é a base fundamental da evolução da espécie humana, é essa que é a base elementar da consolidação da democracia, e é essa que é a base elementar das conquistas sociais de um povo.

Eu, Graziano, há muito tempo, depois de conhecer muitos países socialistas e depois de visitar muitos países da Alemanha Oriental, depois de conhecer muito Cuba, depois de conhecer muito a Europa Ocidental, eu formulei uma tese, que ela pode não estar de acordo com os cientistas políticos, com os sociólogos, mas eu tenho uma tese. A minha tese é que a Revolução de 1917 que aconteceu na Rússia trouxe mais benefícios para a Europa Ocidental do que para a Europa Oriental. Porque, o que aconteceu? É que depois da constituição do mundo socialista, o mundo capitalista que foi fortalecido depois da Segunda Guerra Mundial, com medo do socialismo e também pela organização da sociedade, resolveu atender grande parte das aspirações da sociedade. E aí a gente via... eu tive a oportunidade, em [19]85, de visitar Berlim Oriental e Berlim Ocidental, de visitar os dois países que eram



um só até 1945, e ver a evolução da sociedade em um e ver a evolução da sociedade no outro. Eu cheguei em Berlim Oriental, me deram 500 marcos para a gente poder comprar coisas lá, e não tinha onde comprar. Essa é a verdade, você não tem onde comprar. E do lado da Alemanha Oriental, a gente via pela televisão o lado da Alemanha Ocidental, aquele povo com quase US\$ 30 mil de renda per capita, aquele povo tendo acesso a tudo. Eu ficava imaginando como é que a gente via o mundo daquele lado, em que você tinha dificuldade de ter acesso a bens materiais. Eu fui comprar uma máquina Praktica, Graziano. A máquina Praktica que eles me deram - que era na década de 50 a grande máquina de fotografia, que vocês, nenhum sabe, porque são todos jovens - ela tinha parado no tempo e no espaço. Eu comprei uma Praktica, Stuckinha, e quando cheguei ao Brasil, me disseram: “Está superada. Todas as outras já superaram ela.” Ela era o máximo! Porque não houve evolução.

O que está acontecendo no Brasil, hoje, que as pessoas não querem compreender? Tem muita gente que fica indignada “por que o Lula está terminando o governo com mais de 80% de aprovação, se nós passamos o tempo inteiro falando mal dele?” Eu acho que tem gente que não dorme, inquieto, preocupado, encomendando estudos sociológicos cada vez mais profundos para entender o que aconteceu. Não precisa fazer muitos estudos, é conversar com esse povo, que vocês sabem o que aconteceu no Brasil.

Eu lembro que quando nós criamos o programa Fome Zero, esse coitado do Graziano quase foi trucidado, porque quem morava nos lugares mais chiques do Brasil ou quem fazia jornalismo de dentro de uma sala com ar-condicionado dizia “não tem fome, no Brasil tem pobre, mas não tem fome.” Essas pessoas não lembram que quem estava criando o programa Fome Zero era um presidente da República que com dez anos de idade ia para a casa da outra mulher do meu pai para comer pão velho, porque não tinha na minha casa, isso em São Paulo. Então, imaginem, imaginem no Nordeste, imaginem



no semiárido e imaginem na periferia de São Bernardo, na periferia de São Paulo, na periferia de muitas cidades, que se passa a ideia de que não tem pobreza. É que a cada vez que chega um metro de asfalto, a pobreza vai sendo encurralada, encurralada cada vez mais distante, mais distante. Então, eu sei que o Graziano, coitado, entrava na minha sala, cada manchete contra ele: “porque é um programa de demagogia, isso é assistencialismo, isso é proselitismo, isso é não sei das quantas.” E mesmo dentro de setores da esquerda, meu companheiro Silvino... porque tem um tipo de esquerda que é a esquerda que vai ao bar, toma uma Coca-Cola e fica falando mal dos outros, é aquele que não produz, é aquele que pede a Deus para nunca chegar ao governo, nunca! É aquele que pede a Deus para nunca chegar ao governo, porque todas as teorias dele terão que ser colocadas em prática quando ele estiver no governo. No governo a gente não acha, a gente não pensa, a gente não teoriza, a gente faz ou não faz. E a gente faz de acordo com as possibilidades da gente. Isso é como na casa da gente. Não adianta a mãe querer fazer a comida mais chique se ela só tem feijão e arroz; não adianta o cara querer comer camarão se o máximo que tem lá é um peixinho mequetrefe que o Gregolin pescou. Ou seja, nós, no governo, temos que trabalhar com o que temos, tentando mudar a realidade para fazer muito mais.

E foi o que aconteceu e que está acontecendo. Quando você pega os dados estatísticos, hoje, do IBGE e você percebe que o desemprego chegou a 6,1[%]... Meus companheiros, eu fui o mais importante dirigente sindical deste país na década de 70 até o começo da década de 80. A gente vivia com desemprego era de 12%, era de 15%, era de 14%. A gente ficava com inveja quando diziam nos jornais: “A Europa tem desemprego de 6,2[%]”; “os Estados Unidos têm desemprego de cinco ponto não sei das quantas”. Era considerado pleno emprego. Pois bem, hoje a Europa tem 10% de desemprego, os Estados Unidos têm 10% de desemprego, países como a Espanha têm 20% de desemprego, e o nosso país tem 6,1[%] de desemprego.



E não me digam que foi porque a economia mundial está boa. Porque, antes da crise de 2008, eles diziam: “Ah, o Lula teve sorte. Eita bicho de sorte!” Eu preferiria que o Palmeiras tivesse, ontem, tido a sorte que eu tenho, e não perdesse de 2x1 para o Goiás, Márcia. Eu fiquei triste. Você sabe que eu era um cara que não gostava do Palmeiras, depois meu filho começou a trabalhar no Palmeiras, eu assistia jogo do Palmeiras. E como eu gosto muito do Felipão, eu queria que ele tivesse sucesso. E eu não sei por que ele perdeu ontem. Mas, veja, porque, talvez, não teve sorte. Você sabe que o Gilbertinho não conseguiu dormir, não é? Ele me disse hoje de manhã que teve que tomar um comprimido para dormir. Mas aconteceu isso comigo. Quando o Corinthians perdeu do Palmeiras a Libertadores, aquele famoso... aquele gol do Galeano, ajoelhado na trave, uns dez anos atrás, você sabe que eu fui dormir, eu pensei que eu ia ter enfarte? Uma dor no peito, uma dor no peito, uma dor no peito... Eu precisei falar: Marisa, me dá um remédio aqui, que eu vou morrer. E aquele Marcelinho perdeu o pênalti.

Então, eles diziam que eu tinha muita sorte, que eu tinha muita sorte. Aí veio a crise americana. Aí tinha gente que escreveu: “Agora eu quero ver, agora eu quero ver”. Aí eu disse: Essa crise vai ser uma marolinha. Aí me atacaram, me esculhambaram. Quantas coisas escreveram! E o Brasil foi o último país a entrar na crise, o primeiro a sair, e só entramos na crise, só entramos na crise porque alguns setores da economia brasileira se acovardaram, tiraram o pé do breque. Sobretudo, as indústrias nacionais de capital estrangeiro que, obedecendo às ordens das matrizes, meteram o pé no breque, com medo do que ia acontecer no Brasil. Nós fomos o primeiro país a tomar todas as medidas anticíclicas. Eu fui para a televisão No dia 2 de dezembro dizer para o povo: Olha, vamos comprar. Vamos comprar com responsabilidade, porque se a gente não comprar, aí a crise vai ser profunda. Se a gente não compra, o comércio não vende, não encomenda da indústria, a indústria não produz, desgraçou tudo. Vamos fazer a roda da economia girar. E



nós, então, hoje somos reconhecidos no mundo, junto com a China... Veja, eu fiz isso em um regime democrático, tendo que ouvir, tendo que ler muitas coisas contrárias. Lá, não. Lá, o partido decidiu, faz e acabou. Aqui nós estamos longe, eu também não quero esse negócio de partido decidir não. A sociedade é que tem que, democraticamente, decidir as coisas, contrariando...

Então, o Brasil, o Brasil hoje é reconhecido como o país que melhor soube lidar com a crise econômica. A crise não acabou ainda, vocês estão vendo na imprensa, estão vendo na imprensa o que está acontecendo com a Irlanda, com Portugal, com a Espanha, com a Grécia. Porque os países ricos, que sabiam e tinham todas as soluções quando a crise era nos países pobres, quando a dor de barriga deu neles, eles não sabem nem tomar um chá de capim-santo, não sabem.

Eu tenho participado do G-20, eu tenho percebido a fragilidade para encontrar soluções. E as soluções estão muito claras: em momento de crise, você não faz ajuste fiscal, como eles querem que faça; você incentiva o consumo, você incentiva a produção. O Estado faz aquilo que, muitas vezes, a iniciativa privada não quer fazer, e fomos nós que fizemos. Fomos nós que colocamos R\$ 100 bilhões no sistema financeiro, com o compulsório; fomos nós que compramos carteira de banco; foi o Banco do Brasil que comprou alguns bancos, para que a gente pudesse financiar a produção; em vez de a gente ficar amedrontado, nós anunciamos mais dinheiro para o PAC; nós fizemos o programa Minha Casa, Minha Vida. E a gente dizia: o pobre não pagará essa crise, o pobre não pagará. Não existe hipótese de alguém fazer um pobre brasileiro pagar uma crise de que ele não tem culpa. Que pague a crise quem fez a crise, e não os pobres.

Então, eu acho que nós, hoje, estamos colhendo, e a gente vai ter que, ao deixar o governo, deixar passar um tempo para a gente ir fazendo uma evolução... fazendo uma análise do que foi a evolução e o que precisa ser aperfeiçoado. Porque a companheira Dilma, ela não vai pegar um país a dez





por hora, como eu peguei. Ela vai pegar um país a 120 por hora. Ela vai ter que decidir se ela aperta um pouquinho mais o acelerador, se ela mantém a velocidade ou se ela procura abrir novos caminhos, sempre com o cuidado - e ela tem, porque ela é muito competente – de a gente não brincar com a economia. Porque a economia é como um trem que vai no trilho: parece fácil, ele está correndo, está correndo, mas se ele descarrilar, para a gente colocar ele outra vez no trilho, vai levar tempo para a gente consertar essa ferrovia. E ela tem consciência disso. Por isso eu acho, Márcia, que nós vamos ter mais avanços nas políticas sociais.

Mas eu queria dizer para vocês que não apenas o PAA, mas acho que a lei que nós aprovamos, obrigando a comprar 30% da alimentação escolar junto aos produtores locais é uma revolução que ainda está acontecendo neste país. Porque, na medida em que vai dando certo, a gente pode, em vez de 30[%], comprar 40[%]; em vez de 40[%], comprar 50[%]. A gente não pode aprovar... Eu lembro que uma vez a Contag, logo no começo do governo, queria que eu colocasse não sei quantos bilhões no Pronaf. Eu falei: companheiros, não pode ser assim. A gente não pode colocar 100, e vocês utilizarem 10. A gente tem que ir colocando na medida em que vocês vão evoluindo. Na medida em que vai evoluindo, vocês vão ganhando credibilidade de colocar mais, de colocar mais, de colocar mais. Até porque, em muitos lugares do Nordeste, o Pronaf não chegava. Ora, banco não atendia nem o presidente de um sindicato, imagine atender um peão com o pé descalço, imagine. E vocês sabem que isso mudou, mudou. Uma vez, eu estava negociando o Pronaf e eu perguntei: quantos Pronaf tem? Me apresentaram uma lista do tamanho deste quadro aqui. Era Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf... Acabava o dicionário brasileiro... o abecedário, entrava no russo, de tanta coisa que tinha. Eu falei: Meu Deus do céu, por que não diminui? Por que tem que ficar essa quantidade, Pronaf (incompreensível), Pronaf (incompreensível), Pronaf não sei o que lá, Pronaf (incompreensível), Pronaf... Não, não era possível. Ou seja,





levou um ano para a gente compreender que era preciso a gente facilitar. E também a gente compreender que as pessoas, na hora que têm responsabilidade, as pessoas pagam. Nós hoje estamos convencidos – e os números estão aí – de que o pobre paga mais do que os outros. Nós estamos convencidos disso, os dados estão aí, da inadimplência de todos os programas que nós fizemos, seja de microcrédito, seja do Pronaf, e se as pessoas não pagam, as pessoas só têm aquilo para viver, e o maior patrimônio dele é o nome e a cara. Ele não gosta de passar na frente da padaria que ele está devendo e o cara: “Ô seu Chico, está devendo aqui o pão”, ele não gosta, ele tem vergonha.

Então, veja, nós fizemos uma rede de crédito neste país que jamais foi pensado a gente ter essa rede de crédito. E ela só foi possível pela relação de confiança entre nós, pela relação de confiança. Porque, veja, o que nós estamos fazendo hoje não é uma coisa inventada por mim no governo. O que nós estamos fazendo hoje é uma coisa que a gente vinha dizendo que era para fazer desde os anos 80. Há quanto tempo nós brigamos para chegar no governo? Quantas eleições nós perdemos? Quantas greves derrotadas? Quanta passeata que não deu em nada? Ou seja, o que nós estamos fazendo é um acúmulo desse aprendizado que não estava em nenhum livro, estava na nossa caminhada. Tem gente aqui, que eu olho, que está há 30 anos nessa caminhada, junto comigo, há 30 anos.

Então, o que nós estamos é consolidando uma rede de trabalho que muita gente ainda não conhece. E eu vou citar uma aqui, Graziano, você vai para a FAO, para você poder ser eleito na FAO você tem que dizer o seguinte: Vocês estão lembrados do Programa Luz para Todos, não estão? Ninguém fala mais no Programa Luz para Todos porque, certamente, a maioria já recebeu luz. Mas vejam, o Programa Luz para Todos, quando nós idealizamos ele – a Dilma era ministra de Minas e Energia – ele era para atender 2 milhões de lares que não tinham energia. Aí, nós assumimos o compromisso, começamos



a trabalhar, quando nós atingimos 2 milhões nós descobrimos, além dos dois, mais 1 milhão. E, agora, nós começamos a fazer esse 1 milhão, já descobrimos mais 500 mil, ou seja, então aquilo que era 2 milhões, dito pelo IBGE, já passou a 3 milhões e meio.

Nós estamos fechando o governo atendendo até setembro a 2 milhões, 568 mil ligações. Isso envolve mais ou menos 13 milhões de almas brasileiras que saíram do século XVIII e vieram para o século XXI. Foram gerados, no Programa Luz para Todos, até agora, 385 mil empregos, Márcia. Foram utilizados, até agora, 947 mil transformadores. Foram utilizados, até agora, 1 milhão, 242 mil quilômetros de fio. Isso daria para dar 31 voltas na Terra, enrolando ela todinha com os nossos fios aí, para clarear o mundo de vez. E foram utilizados 6 milhões, 448 mil postes no Programa Luz para Todos.

Ou seja, o que isso possibilita... Eu não tenho a pesquisa aqui agora, mas nós fizemos uma pesquisa. Quando a pessoa recebe o Luz para Todos, 89% compra televisão para ver a cara do Presidente, ou 79% compra geladeira.

Gente, olha, quem não tem esse problema não sabe do que eu estou falando. Eu, em 1958, [19]59, eu morava na Vila Carioca, em um bairro lá em São Paulo, e a gente comprava cerveja quente, que era mais barato, a cerveja quente, no supermercado, era mais barato – ainda hoje acho que é, é. E a gente tinha um poço, então a gente colocava a cerveja em um balde, enfiava no poço, ficava lá para a gente beber e a gente achava que estava gelada. Mas quando a gente tinha dinheiro que chegava no bar e pedia uma bem geladinha, a gente via que a água do poço... Você imagina uma pessoa no Norte e Nordeste, que mata um porquinho, é obrigado a derreter a banha, pré-cozinhar a carne e meter lá dentro para ir tirando aos pedaços. É tão bom ter uma geladeira, um freezer e colocar lá dentro...

Então, 79% compra geladeira. Cinquenta e nove por cento das pessoas do Luz para Todos compra aparelho de som, 59. Liquidificador, deve ser acima



de 70%. Ou seja, isso, Graziano, é uma resposta que acham: “Ah, o Lula só faz coisas para os pobres”. Acontece que quando essa pessoa recebe o Luz para Todos, ela vai comprar, vai atender quem? A indústria que produz geladeira, a indústria que produz televisão, a classe média da cidade, o cara que tem loja, o cara que tem comércio, sabe? É essa roda gigante que nós estamos fazendo funcionar.

Qual é o milagre? É que nós aumentamos a quantidade de pessoas que andam na roda gigante. Já não tem um mutirão de miseráveis vendo uma pequena minoria privilegiada ficarem só eles rodando na roda gigante. Ou seja, nós trouxemos mais gente, fizemos mais roda gigante e a economia começou a girar. Então, sabe quanto, Graziano, nós colocamos no Luz para Todos? Quatorze bilhões de reais. No Amazonas tem gente recebendo, a ligação está custando R\$ 14 mil de tão longe que está, nós estamos procurando outras maneiras, mas para mim não importa que custe 14 ou que custe 20. Se é um cidadão brasileiro e ele não tem luz, ou eu trago ele para perto da luz, oferecendo oportunidade, ou eu levo a luz até esse cidadão. Eu tenho certeza de que a companheira Dilma vai reforçar ainda mais esse Programa.

Por fim, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês que nós vamos ter muito trabalho e eu quero que vocês continuem com a mesma motivação, para a gente ajudar a companheira Dilma. Eu sinto muito orgulho porque, depois de convencer o povo brasileiro a votar em um metalúrgico para ser presidente... e era preciso votar, para a gente poder acabar com o preconceito de que eu não sabia governar... e vocês sabem do preconceito que tem contra a mulher. A campanha contra a Dilma foi muito mais preconceituosa do que todos os preconceitos lançados contra mim. Então, não tem orgulho maior para mim do que ter eleito uma mulher presidente da República, não tem orgulho maior para mim. Porque eu acho que a mulher, embora na Constituição todos os direitos sejam iguais, a mulher não pode ganhar menos, a mulher... a verdade é que isso não acontece, não acontece nem com a mulher, não



acontece nem com o negro, não acontece... ou seja, está tudo na Constituição: “todos somos iguais perante a lei”, mas alguns são mais iguais do que outros, porque parte do problema está na cabeça, não está na lei. Então, a Dilma é a primeira oportunidade de a gente virar e fazer com que as mulheres confiem de verdade nas mulheres, e que as mulheres demonstrem que têm competência política. Eu quero dizer para vocês que a minha confiança é total e absoluta, total e absoluta. Vocês podem ter certeza de que vocês vão ter uma companheira, na Presidência, que vai ser motivo de orgulho para cada mulher, e vai ser mais orgulho ainda para aquelas que não votaram nela por preconceito, vai ser muito mais orgulho! Não, porque hoje eu encontro muita gente que fala para mim: “Lula, eu quero pedir desculpas porque eu não votei em você.” Muita gente fala, e isso é que é uma coisa legal, as pessoas...

E a Dilma vai ser essa coisa forte, as mulheres vão se sentir, eu diria, muito mais fortes, muito mais protegidas e, quem sabe, ocupar um espaço muito maior na política brasileira. Não basta ser a maioria, numericamente. É preciso que essa maioria numérica esteja representada em todos os fóruns. Embora as mulheres sejam maioria, 90% das mesas de que a gente participa é só homem, 90%! Também não dá para você inventar, também não dá para você inventar. Eu lembro quando nós aprovamos as cotas, no PT. Não basta você inventar e criar cotas. É preciso que você crie espaço, facilite o espaço para que a mulher possa participar. Se o marido quer participar, quem é que vai tomar conta das crianças? É preciso que haja uma repartição, o socialismo começa aí: ou vão os dois, ou tem que ter um revezamento, porque “ah, não dá”, vão os dois, mas colocam uma mulher de empregada doméstica, “também não dá”. Ou seja, é preciso que vão os três, então, é preciso que vão os três. São coisas que na teoria é fácil a gente dizer mas, na prática, é muito complicado a gente fazer, é muito complicado. As mulheres têm mais dificuldades de participar porque elas têm mais compromissos, não é? Aqui todo mundo é militante. Peça para nós para fazer um mingau para uma criança,



para ver quantos sabem fazer! Nós vamos deixar a criança morrendo de fome, para descobrir onde é que está a Maisena, onde é que está o açúcar, porque não é o habitat natural nosso, nós não vivemos numa sociedade...

Eu acho que nós evoluímos, evoluímos muito, eu acho que a sociedade brasileira caminhou de forma extraordinária. Eu acho que a Dilma é a consagração de uma luta de décadas que nós fizemos neste país. Eu fico muito orgulhoso porque a Dilma era uma mulher que na década de 70, muito jovem, o mundo dela ruiu. Então, era uma pessoa que tinha pensado que o mundo tinha acabado. Na hora que você milita na esquerda brasileira, você é presa por três anos e meio, e torturada, acabou. Essa mulher, que quem torturou ela pensou que tinha acabado com a vida dela na política, agora deve estar sendo torturado por dentro. Se a Dilma tomou choque, o choque que esse cara está tomando por dentro, agora, é de uma grandeza que ele não imagina. Ele vê aquela menina que ele torturou virar, depois de mulher, presidenta da República deste país, sem o ódio, sem o ódio que ele tinha, isso é importante, sem o ódio, sem mágoa, sem querer vingança, mas querer apenas construir, consolidar a melhoria de vida do povo deste país.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, estejam certos de uma coisa: eu apenas estou deixando a Presidência no dia 1º de janeiro, mas estejam certos de que eu continuarei peregrinando por este país, continuarei andando por este país, que a única coisa que eu aprendi a fazer é andar por este país discutindo com vocês, ajudando a nossa presidenta, ajudando os nossos deputados, ajudando os nossos senadores, ajudando os nossos sindicalistas, ajudando o nosso povo a cada vez viver mais, viver melhor, e consagrarmos a cidadania definitiva neste país.

Eu, de coração, eu sou grato a cada um de vocês. Eu sei que eu vou encontrar vocês em muitos lugares. Mas até o final do ano pode ser que eu não encontre mais vocês, e eu quero dizer o seguinte: eu sou muito grato, muito grato. Eu tenho dito para a Dilma: Dilminha, na hora do aperto, na hora do



aperto, na hora em que a coisa estiver ficando feia, não vacile, vá para perto do povo, que o povo é a nossa salvação. Não tenha medo nunca, não tenha medo. Quando não souber das coisas, pergunte ao povo, que ele ajuda a gente a decidir. Na dúvida, o povo é a solução. Eu acho que é por isso que eu sou grato a vocês, porque nesses anos todos eu nunca tive um gesto de incompreensão, de vocês, da lealdade da nossa relação. Porque não foi uma relação construída na Presidência, foi uma relação construída antes da Presidência, e muito antes da Presidência.

Por isso eu quero dizer para vocês que sou grato, sou grato porque dependeu de vocês o sucesso dos nossos programas, sou grato porque dependeu de vocês o sucesso do meu governo, e sou grato porque dependeu de vocês a melhoria da vida de milhões de excluídos que nós estamos formando homens e mulheres, cidadãos e cidadãs deste país.

Muito obrigado a todos vocês, de coração. E vamos continuar a luta, porque ela está apenas começando.

Um abraço.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a  
4ª reunião ordinária de chefes de Estado e de Governo da Unasul  
Georgetown-Guiana, 26 de novembro de 2010**

O problema é que dois mandatos de quatro anos é muito tempo para a oposição, mas é muito curto para quem tem que exercer os dois mandatos.

Eu quero cumprimentar o nosso querido amigo Jagdeo, presidente da Guiana,

E quero cumprimentar o nosso companheiro Rafael Correa,

E cumprimentando os dois eu quero cumprimentar todos os companheiros chefes de Estado, os chanceleres, e os nossos companheiros todos que estão aqui,

Esta é uma ocasião muito especial para mim. Em pouco mais de um mês estarei deixando a Presidência da República do meu país. Meu lugar será ocupado por minha companheira e amiga Dilma Rousseff. É, assim, um momento de despedida, mas também de esperança, e de muita esperança, porque parecia impossível eleger uma mulher presidenta da República na nossa América do Sul, e de repente veio Michelle, de repente veio Cristina, e agora veio Dilma. Eu espero que outras mulheres continuem galgando...

Quis o destino que Néstor Kirchner nos deixasse tão cedo e de forma muito repentina. Néstor – um incansável defensor da integração regional – soube enfrentar com destemor o desafio de ser o primeiro secretário-geral da Unasul. Por sua coragem, independência, firmeza de propósito e sentido de lealdade aos povos da sua região, a figura de Kirchner ficará para sempre registrada em nossa memória como uma fonte maior de inspiração. É preciso saber honrar a sua memória. O seu sonho é o sonho de todos os sul-americanos. É o nosso sonho.

Meus caros companheiros e companheiras,



Deixo a Presidência da República do Brasil com o sentimento do dever cumprido. Estou profundamente honrado por ter colaborado com meus amigos chefes de Estado da América do Sul para a criação da Unasul. E aqui um pedido de desculpas aos companheiros da Unasul. O projeto de lei já foi para a Câmara para ser votado. Há consenso no conteúdo - entre a base de sustentação do governo -, mas como não tinha quorum porque os deputados ainda estão... os que perderam, chorando; e os que ganharam ainda não tomaram posse, ou seja, não teve quorum, e a oposição pediu verificação de quorum e, portanto, não pôde ser votado. Mas eu acho que é apenas uma questão de dias, e nós seremos aprovados na Câmara e no Senado, e nós também não teremos problema. Se tivermos algum problema neste ano, certamente, no começo do mandato a Dilma vai ter muito mais facilidade de votar as coisas no Senado e na Câmara, porque a nossa maioria agora é mais folgada nas duas Casas. De qualquer forma, eu peço desculpas porque o Brasil, pelo que ele representa na América do Sul, já deveria ter aprovado.

Quando lançamos em Cusco, em dezembro de 2004, os fundamentos desse empreendimento, poucos imaginavam que, seis anos mais tarde, teríamos constituído uma verdadeira União Sul-Americana.

Com a Unasul, a América do Sul deixa de ser apenas um conceito geográfico. Passa a ser ator global, articulando-se em torno de um projeto amplo de integração, uma realidade política.

Estamos materializando o sonho de nossos próceres e libertadores. Estamos superando a inércia e as resistências que, ao longo de duzentos anos de vida política independente, impediram que trilhássemos juntos os caminhos da unidade.

Nos anos 80 e 90 do século passado, o pensamento conservador hegemônico nos impôs modelos de ajuste econômico retrógrados, discriminatórios e vazios de preocupação social. Foram regras ditadas por





supostos especialistas, que não conheciam a região, mas tiveram o acordo submisso de parte de nossas elites políticas.

Essas políticas separavam crescimento de distribuição de renda. Dizendo privilegiar a estabilidade, mergulharam nossos países na recessão, desemprego, e no caos macroeconômico. Desqualificavam a política e a ação do Estado. Menosprezavam a noção de soberania nacional.

O legado desse período foi doloroso. Para revertê-lo, vários países tiveram de ser literalmente refundados, como resultado das profundas crises políticas que varreram a região.

Hoje já não somos vistos apenas como uma periferia distante e problemática. Não somos área de influência de nenhuma metrópole. Somos parte essencial da solução da maior crise econômica das últimas décadas. Uma crise que não criamos e que nasceu no centro do capitalismo mundial, por obra da anarquia dos mercados e da irresponsabilidade de governantes que não souberam regulá-los. O mundo de hoje não é mais moldado por alguns poucos países desenvolvidos. Até porque eles estão em crise.

Sem os países em desenvolvimento não será possível a abertura de um novo ciclo de expansão que combine crescimento, combate à fome e à pobreza, redução das desigualdades sociais e preservação ambiental.

Essas devem ser as prioridades da nova agenda internacional. Esta é a hora para reconstruir as instituições globais em bases mais democráticas, representativas, legítimas e eficazes.

No momento em que se está constituindo um mundo multipolar, a América do Sul pode – e deve - afirmar sua presença no plano internacional e renovar a confiança em si mesma e na capacidade de seus povos construírem um destino comum de desenvolvimento, justiça social, democracia e paz.

A Unasul é a expressão política desse projeto. Para tanto, deve desenvolver rapidamente instituições, flexíveis e ágeis para articular as iniciativas comuns nesse processo ambicioso de integração. Essas instituições



permitirão potencializar nossos amplos recursos humanos, energéticos, agrícolas, minerais, e nossa biodiversidade.

Vamos tirar proveito da vastidão e diversidade de nosso território, banhado por dois oceanos. Somos quase 400 milhões de homens e mulheres que se beneficiam hoje de uma excepcional fase de crescimento econômico da região e de bem-sucedidos programas de inclusão social que ajudam a diminuir uma ainda persistente pobreza e desigualdade. Eles constituem enorme base produtiva e grande mercado de bens de consumo.

Nossas indústrias, universidades e centros científicos e tecnológicos nos aproximam dos grandes avanços que a Humanidade vem experimentando nas últimas décadas. Não por acaso, somos hoje um dos principais pontos de atração de investimentos no mundo.

A América do Sul é uma região de paz, onde floresce a democracia. Os governantes de todos os nossos países foram eleitos em pleitos democráticos e com ampla participação popular. Nossa democracia tem povo nas ruas, tem participação da sociedade.

Mas não há democracia e prosperidade sem alicerces sólidos e cooperação. Por isso, a Carta Democrática da Unasul que aprovamos hoje será fundamental para afastar os riscos à ordem institucional na região.

A Unasul reflete a diversidade e o pluralismo de nossas opiniões e visões. Tomamos nossas decisões sempre por consenso. Consenso que nasce do compromisso comum com a democracia e que se constrói na harmonia e no respeito mútuo. Por meio de exercício permanente do acordo político, afiançaremos a estabilidade regional e o desenvolvimento solidário.

O Tratado Constitutivo aprovado em Brasília, em 2008, nos lembra, já em seu preâmbulo, que a integração sul-americana é essencial para o fortalecimento da América Latina e do Caribe. A Unasul nasce, assim, aberta para o seu entorno.



Insisto na necessidade de aperfeiçoarmos nossas instituições para implementar as políticas aprovadas e avançar rapidamente com projetos inovadores e de grande alcance em áreas prioritárias.

As negociações do Tratado de Integração Energética colocam sobre a mesa elementos que nos permitirão, em breve, ter um plano de trabalho objetivo, com propostas concretas e metas alcançáveis. Não podemos ser, ao mesmo tempo, a região do mundo de maior potencial energético e aquela que ainda sofre apagões.

É fundamental também avançar concretamente em um amplo projeto de conexão física de nossos países, ainda muito separados pela geografia e pelo descaso de governantes passados.

A entrada em vigor do Banco do Sul e o fortalecimento da CAF e do Focem ajudarão na retomada do crescimento e na geração de empregos.

O Conselho Sul-Americano de Defesa investe no fortalecimento da confiança mútua regional, por meio da cooperação e do intercâmbio nas áreas de formação, treinamento e transparência, mas podemos ampliar e aprofundar esses vínculos.

Vivemos em uma das regiões mais pacíficas e desarmadas do mundo. Estamos construindo uma visão regional de defesa fundada em valores e princípios comuns, como o respeito à soberania, à autodeterminação e à integridade territorial dos Estados e a não intervenção em assuntos internos.

Nossas Forças Armadas estão comprometidas com a construção da paz, especialmente em nosso entorno. Nossa presença no Haiti, por meio da Minustah, é exemplo eloquente dessa determinação.

Temos de tirar consequências práticas, rápidas, de nossa decisão de criar um Conselho de Combate ao Narcotráfico. O crime organizado não pode continuar sendo uma ameaça às nossas sociedades e ao Estado de Direito.

O comércio intrarregional cresceu muito, mas ainda precisamos torná-lo mais equilibrado, dando a todos igual acesso ao mercado que estamos



consolidando. Mais do que eliminar tarifas e reduzir barreiras não tarifárias, devemos estimular a criação de cadeias de integração produtiva entre nossas empresas estatais e privadas e o desenvolvimento de parcerias em setores estratégicos, como os da energia e derivados, indústria aeronáutica, construção naval, medicamentos e equipamentos de defesa.

Só com mecanismos abrangentes e estruturais vamos lograr superar as assimetrias entre nossos países e deixar para trás uma longa história de indiferença e isolamento recíproco.

Meus caros companheiros,

São esses fatores materiais e os valores que cultivamos que nos permitem aspirar a uma crescente projeção geopolítica e geoeconômica no novo mundo que se está constituindo, um mundo multipolar e multilateral.

Temos condições de sobra para renovar o nosso orgulho coletivo diante da grande obra de integração que já realizamos juntos. Nossos governantes precisam ter, cada vez mais, o sentimento da história.

É fundamental pensar a integração como projeto estratégico e com sentido de política de Estado, superior às contingências adversas que possam surgir pontualmente.

O Brasil quer associar seu presente e seu futuro ao destino da América do Sul. Não podemos sucumbir à tentação de saídas isoladas. Nenhum de nossos países será efetivamente próspero sem que todos sejamos prósperos. Nosso futuro está na união, nosso futuro está na Unasul.

É com esse espírito de confiança em nosso futuro que expresso minha gratidão e reconhecimento pela liderança e pelo trabalho sereno e eficaz do companheiro Rafael Correa neste último ano, período de intensa atividade para a consolidação da nossa organização.

Ao presidente Jagdeo, que inicia hoje a Presidência do turno, desejo tanto trabalho quanto o Rafael e tanta sorte quanto o Rafael para avançar ainda mais na consolidação da Unasul. Estou certo, Jagdeo, de que saberá



conduzir a obra da integração de todos os sul-americanos à altura das aspirações de nossos povos.

Antes de terminar, eu prometo não fazer improviso aqui, Chávez, porque eu estou atrasado uma hora. Esta hora era a hora em que nós deveríamos estar tirando fotografia e ir embora, porque eu tenho compromisso em Manaus.

Antes de terminar, eu quero fazer um pedido e dizer o seguinte: está aqui comigo o companheiro José Graziano, que é um companheiro que é hoje... ele é o representante da FAO para a América Latina, é o companheiro que me ajudou a criar o programa Fome Zero e o Bolsa Família, e este companheiro... o Brasil e eu, antes que a Dilma entre, tomo a liberdade de apresentá-lo à Unasul, para que a gente possa indicá-lo para ser o novo diretor-geral da FAO, que teremos eleições no próximo ano. A FAO precisa menos de um homem e mais de um projeto. E o projeto que nós fizemos no Brasil é um projeto que deu certo, tem resultados extraordinários, e eu acho que isso é uma coisa extremamente importante.

Por último, porque eu acho que está chegando a vez da Cristina falar, eu queria dizer a vocês, companheiros, os meus agradecimentos. Na hora em que eu comecei a falar, eu estava lembrando que em Cusco nós tínhamos tanto desconhecimento uns dos outros e tanta desconfiança uns dos outros, que numa simples mesa de conversa entre presidentes, aconteceu um entreviro entre Chávez e Toledo, e um deles saiu da reunião – não sei se foi o Toledo que saiu ou o Chávez (incompreensível) – eu fui buscar o Toledo (incompreensível) que não era possível, que não porque tinha discordância que a gente ia acabar com a reunião de Cusco.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, eu sei que nós somos muito exigentes conosco mesmos, nós nos cobramos demais. E é bom que seja assim. Mas eu, que não sou o decano, porque o Chávez é o decano, posso dizer a vocês, companheiros, que saio da Presidência do Brasil convencido de



que nós conseguimos fazer nesses anos o que vários companheiros nossos tentaram fazer durante décadas e décadas, e não conseguiram.

Nós aprendemos a nos respeitar, nós aprendemos a conviver democraticamente na diversidade. E vou usar duas pessoas aqui para dar esse exemplo. Não há dentre nós, aqui nesta sala, que cinco meses atrás pudéssemos imaginar que a relação entre o presidente Santos, da Colômbia, e o presidente Chávez, da Venezuela, fosse ser tão harmônica... Esse – para quem é cristão como eu – é o milagre da política, é o milagre da política. E também na política acontece isso.

Eu digo isso porque se a gente pegasse uma fotografia do que era a América do Sul nos anos 2000, tirasse uma fotografia e comparasse com a fotografia que nós temos hoje, nós iríamos perceber o avanço que aconteceu, de pessoas eleitas com o compromisso de fazer política social. Eu sempre acreditei, presidenta Cristina, que independentemente do pensamento ideológico, se as pessoas tiverem o povo organizado e cobrando, ninguém fugirá de fazer um governo progressista. Você participa comigo no G-20, acho que é a primeira vez na história, a primeira vez na história, Chávez, que eu e Cristina entramos em uma reunião do G-20 todos orgulhosos com o crescimento das nossas economias, com o crescimento da geração de empregos.

Só de janeiro a setembro, no Brasil, Chávez, foram criados 2,409 milhões de empregos formais. Enquanto nos países desenvolvidos, a gente olha para a fisionomia de cada um, eles estão todos combalidos, porque eles sabiam resolver a crise da Argentina, eles sabiam resolver a crise do Peru, eles sabiam resolver a crise do México, eles sabiam resolver a crise no Brasil, mas quando a crise é deles, eles não sabem resolver.

Vocês, aqui, todos foram vítimas. Quantas vezes nós andamos pelo mundo, e qualquer secretário de terceira categoria olhava na cara de um presidente da América do Sul e ousava dizer o que a gente tinha que fazer.



Hoje eles não ousam, porque eles sabem que nós somos sabidos iguais a eles. A diferença nossa é que nós, hoje, temos mais soberania e autodeterminação do que a gente tinha há dez anos. Eu, companheiro Chávez, ficava ofendido cada vez que a imprensa brasileira mostrava a fotografia, na primeira página, de duas pessoas do FMI descendo no aeroporto do Rio de Janeiro ou no aeroporto de São Paulo para fiscalizar as contas do Brasil. Era uma vergonha. Todo final de ano, aquele monte de autoridades brasileiras correndo para Washington para tomar dinheiro emprestado para poder fechar as contas no final do mês (ano).

Eu vou entregar o meu país para a companheira Dilma Rousseff, não devendo ao FMI, eles me devem agora US\$ 14 bilhões, que eu emprestei para eles, e com quase US\$ 300 bilhões de reservas, Então, eu acho que essa é a autodeterminação, esse orgulho de ser latino americano, esse orgulho de ser sul-americano é que pode permitir a gente criar mais avanços.

É verdade Rafael, nós não avançamos o tanto que poderíamos avançar, porque nós decidimos as coisas aqui, nós temos de nos submeter ao Congresso de cada um dos nossos países. Nós temos a burocracia que, muitas vezes, não faz aquilo que é necessário fazer... Demora mais. Eu tenho a convicção de que daqui para frente nós só iremos avançar. Estou convencido, companheiros, de que o mundo aprendeu uma coisa – e eu não me esqueço nunca, Chávez; não me esqueço nunca, companheiro Santos – o que aconteceu comigo no caso do Irã. Não me esqueço nunca. É uma coisa que eu vou guardar para contar para os meus bisnetos, se eu tiver bisnetos, porque o que nós fizemos com o Irã - e você conhece bem o Ahmadinejad - o que nós fizemos com o Irã foi apenas convencer o Irã a se dispor a sentar em uma mesa de negociação, que o Conselho de Segurança da ONU estava tentando há dez anos e não conseguia; e nós dissemos “nós vamos conseguir”. Pedi até a sua ajuda, fomos lá. O companheiro Ahmadinejad assinou o documento, que era *ipsis litteris*... dá para traduzir *ipsis litteris*? Pois bem, que



era igualzinho à carta que o Obama tinha me mandado, dez dias antes, dizendo quais eram as condições para que eles aceitassem o acordo com o Ahmadinejad. Qual não foi a nossa surpresa que, quando o Ahmadinejad assinou, e nós imaginávamos que eles iriam telefonar para agradecer, eles ficaram nervosos, porque dois países pobres, dois países pobres estavam conseguindo fazer o que eles não conseguiam fazer. E, no Brasil, Rafael, no Brasil, setores da imprensa diziam assim: “O que o Lula tinha que se meter? Não é coisa dele.”. Porque passava a ideia de que para resolver os conflitos do mundo só os Estados Unidos poderiam resolver. Ora, como é que eles podem resolver se são eles os criadores do problema? Como eles podem resolver? Então eu quero, sem nenhuma afronta a ninguém, sem nenhuma afronta a ninguém, eu queria dizer para vocês, sem nenhuma arrogância, que o bem maior que nós conquistamos, nesta América do Sul, o bem maior foi a gente aprender a andar de cabeça erguida; foi a gente aprender a gostar do nosso povo; foi a gente aprender a priorizar os nossos países. O nosso mundo, na América do Sul, não é apenas pobre, porque os gringos fizeram pobres; a nossa América do Sul é pobre, porque, secularmente, nós tivemos uma elite pobre que só dava valor àquilo que vinha de fora. No Brasil, no auge da borracha, os donos dos seringais mandavam lavar as suas roupas, de Manaus, em Paris. Levava seis meses para a roupa ir até Paris e voltar, quando seria muito mais fácil pagar para uma brasileira desempregada lavar a roupa deles e ganhar um salário e (incompreensível).

Eu acho que quando a gente vê discursos como o teu, Rafael, muita gente pode dizer: “Esse cara é sectário”, porque nós não ouvíamos isso. Quem não está lembrado do que falavam de nós, Chávez, no caso da Alca? “Ah, se não implantar a Alca vai ser o fim da América do Sul. Ah, vai acabar com a América do Sul se a Alca não vier.”. Nós não fizemos a Alca; fortalecemos o Mercosul. Nem os americanos falam mais da Alca, porque eles sabem que o Nafta está criando problema para eles.





Então, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês uma coisa: briguem, divirjam, discutam. Se não der para tomar decisão em uma reunião, não tem problema, tomem na outra. O que é importante é que não se pode abrir mão, em momento algum, de construir uma América do Sul forte, uma América do Sul sem analfabetos, sem desnutrição, uma América do Sul com avanço científico e tecnológico, mas, sobretudo, uma América do Sul, onde cada cidadão sul-americano tenha orgulho de ser do jeito que nós somos. Cada sul-americano tem que ter orgulho do que nós somos, porque não é possível... Não é apenas o dinheiro que faz uma nação, não é apenas a grandeza do território que faz uma nação, não é apenas o PIB que faz uma nação; o que faz uma nação é a autoestima de um povo, é o orgulho de um povo. Nós temos, no nosso continente, um pequeno país, que é pobre, que passa por situações financeiras difíceis. Agora eu duvido que tenha, em todo o mundo, um país pequeno, mas um país de um povo orgulhoso como nós temos o povo cubano, na América Latina. Não existe, não existe. Não pode ser representado em PIB, em poder de consumo, mas em um orgulho de uma nação que foi construída e que nós estamos construindo. Cristina é parte viva disso. Eu estive... Conheci a Argentina antes de Kirchner e de Cristina, e a Argentina, teve um tempo em que ninguém nem queria ser presidente da Argentina. Esta mulher e o Kirchner deram ao povo argentino o orgulho, que a Argentina teve durante toda a sua história, recuperado.

Então, eu acho que é isso que conta na nossa passagem pela Presidência dos nossos países. Então, eu deixo a Presidência da República certo de que não fizemos tudo que tínhamos que fazer, mas fizemos tudo que era possível fazer, e vou continuar fazendo política – não pensem que vão se livrar de mim, não pensem que vão se livrar de mim. Eu vou continuar fazendo política neste país, porque eu acho que as experiências bem-sucedidas precisam ser socializadas com o mundo inteiro.



Portanto, companheiros, pelo carinho que vocês me dedicaram durante todo esse tempo, muito obrigado, e boa sorte a todos vocês.

(\$ 211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração de unidades no Conjunto Habitacional Cidadão  
XII**

**Manaus-AM, 26 de novembro de 2010**

Alô, alô, alô...

Olhem, primeiro, gente, primeiro é o seguinte: é importante tomar cuidado porque as pessoas que estão aqui na frente estão sendo muito apertadas e tem mulheres e tem crianças. É importante que as pessoas dêem um passozinho para trás para não acontecer um problema grave com quem está aqui na frente. Por favor, eu vou esperar que as pessoas dêem um passo para trás para desapertar aqui na frente. Por favor, tem crianças, tem crianças, vamos voltar um pouquinho. Se cada um der um passinho para trás, a gente vai desapertar a frente e a gente não vai ter nenhum problema. Faz de conta que a gente está dançando um bolero: a gente já deu um para frente, a gente vai dar um para trás, dois para trás e um para frente. Vamos lá, gente, vamos lá, olha, olha.

Eu queria pedir ao pessoal que está no meio que afastasse um pouquinho porque as pessoas estão aqui diante de uma grade, sendo apertadas e sufocadas. E nós viemos aqui, em um ato, a gente não quer que ninguém sofra nenhum transtorno. Eu estou aguardando o passinho para trás, eu estou aguardando. Faz de conta que eu nem estou vendo. Se vocês não derem um passinho para trás, eu vou ficar aguardando.

Meu Deus do céu, eu nunca vi tanto papel na minha vida. Rapaz, eu espero que tenha alguma cartinha de amor para mim, hein? Eu espero. Eu espero que tenha uma cartinha... Hoje, vocês acreditam que teve gente que escreveu um bilhete no papel higiênico? Isso é paixão de verdade. Isso é paixão.



Olhem, deixem eu contar uma coisa para vocês, eu vou... Eu vou ser rápido e vou dizer uma coisa para vocês. Olhem, deixem eu falar uma coisa para vocês: tem vários companheiros que estão aqui e que vão ganhar uma casa neste conjunto habitacional e tem vários companheiros que estão aqui, que estão na esperança de ter uma casa própria.

Então, deixa eu dizer para vocês uma coisa: nós, quando criamos o Programa Minha Casa, Minha Vida, foi destinado para o estado do Amazonas, Governador, parece que 22 mil casas, no Programa Minha Casa, Minha Vida, no primeiro programa, porque já tem o segundo Programa Minha Casa, Minha Vida, que são mais 2 milhões de casas. Nós queremos zerar o déficit habitacional neste país e, portanto, nós aprendemos a fazer casas com a rapidez e com a quantidade muito maior do que era feita neste país.

Portanto, vocês, que não têm casa, nós vamos trabalhar para fazer casa. Vocês sabem que nós, o governo federal, o governo estadual e a prefeitura, trabalhando juntos, a gente vai conseguir construir essas casas. Uma casa não pode ser construída do dia para a noite, ela não pode ser construída. Primeiro, o governo precisa arrumar dinheiro para fazer o financiamento. Mas o Eduardo sabe e o Governador sabe: só aqui na capital, entre habitação e saneamento básico, para cuidar, inclusive, de urbanização, são quase R\$ 1 bilhão e 700 milhões.

Eu posso dizer para vocês, eu posso dizer para vocês que nós aprendemos a cuidar dos pobres deste país, e a Dilma aprendeu junto comigo, e certamente ela vai fazer mais do que nós fizemos até agora.

Eu queria, companheiros e companheiras, dizer para todos vocês que eu vim aqui não apenas entregar a chave de uma casa. Eu vim aqui agradecer a vocês pelo carinho que vocês, durante oito anos, dedicaram a mim, o respeito e o amor com que vocês me trataram. Eu vim aqui para agradecer a vocês, mais uma vez, a votação que vocês deram para eleger o governador, e a votação que vocês deram para eleger a Dilma. E eu já assumi, eu já assumi um



compromisso com o governador, com os nossos companheiros: eu, em junho, estarei lá em Parintins para ver quem é que vai ganhar, se é o Caprichoso ou o Garantido, eu vou vir aqui.

Segundo, tanto o governador quanto o ex-governador, quanto a senadora que nós elegemos, estão me dizendo que aqui tem muito peixe. Eu, agora, não sendo presidente, eu quero ver se é verdade que aqui tem peixe ou é história de pescador. Eu quero vir aqui para ver se é verdade que tem Pirarucu de 70 quilos, de 80 quilos, Tucunará de seis quilos, eu quero ver.

No mais, meu querido Prefeito, deixa eu lhe falar uma coisa, aqui, deixa eu lhe falar uma coisa: você, você tem um mandato de quatro anos para prefeito, você já foi governador três vezes aqui, neste estado. A verdade é que você não tem que provar nada. Você tem menos de dois anos de prefeito. O primeiro ano de prefeito, você teve que comer “o pão que o diabo amassou”, porque a gente sabe que no primeiro ano a gente tem o orçamento feito pelo governo anterior. Somente este ano é que você já está trabalhando com o seu orçamento. No ano que vem você vai estar trabalhando com o seu orçamento. Este povo, este povo que não queria lhe ouvir porque estava mais preocupado com aquelas moças bonitas do Caprichoso e do Garantido, muito mais preocupados. Eu estava aqui falando, as moças dançando, e estava todos os homens de olho para lá e nós aqui, nos esgoelando. Eu tenho certeza de que você não precisa fazer pesquisa, venha no ano que vem aqui, na metade do ano que vem, que você vai ver que o respeito que esse povo teve com você, que te elegeu três vezes governador e uma vez prefeito, vai continuar intacto e o mesmo. Por isso, meu filho, não precisa fazer pesquisa, trabalhe com o Osmar e com a Dilma que você vai ver que as coisas vão melhorar.

Um grande abraço, companheiros. E até outro dia, se Deus quiser.

(§ 211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do parque termelétrico a gás na região Norte**

**Manaus-AM, 26 de novembro de 2010**

Eu nunca pensei que a Petrobras fosse tão competente de fazer um dos estados em que faz mais calor no Brasil estar... Eu tenho a impressão que eu estou entrando na Sibéria.

Mas, companheiros e companheiras, eu quero cumprimentar o companheiro Omar Aziz, e cumprimentando ele eu estarei cumprimentando todos os companheiros aqui, inclusive o nosso querido José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, que merece todas as nossas homenagens.

E por que eu estou dizendo isso? Porque agora nós estamos aqui, fazendo uma inauguração, todos nós estamos felizes. É como se a gente chegasse em casa e a comida estivesse na mesa e a gente não perguntasse o trabalho e o sacrifício que a mãe da gente teve de fazer a comida, se ela tinha dinheiro para comprar os condimentos, se ela se queimou na hora de fazer, se a panela estava muito quente. Muitas vezes, a gente come, não pergunta nada e ainda reclama.

É importante a gente lembrar que há 30 anos o povo do estado do Amazonas esperava um tal de um Gasoduto Coari-Manaus, há 30 anos. Muitos candidatos a presidente prometeram, e muitos nunca foram a Coari para saber se poderiam ou não fazer o gasoduto. Eu nunca prometi. Não tem em um programa de governo, nas minhas candidaturas, que eu prometi fazer o Gasoduto Coari-Manaus. O que eu prometia, durante a campanha, era estudar, com muita seriedade, para ver se a gente poderia ou não fazer o gasoduto.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, o Eduardo Braga, que foi um dos melhores e mais extraordinários parceiros que eu construí na minha vida política; um companheiro empresário da comunicação, aqui presente, o



Felipe Daou, foram companheiros, Aziz... Eu lembro da primeira vez que o Felipe Daou falou: “Presidente, Presidente, pelo amor de Deus, faça o Gasoduto Coari-Manaus”.

A Petrobras, até então, naquele tempo, não era muito chegada a gás. A Petrobras só pensava em petróleo. Foi um trabalho imenso de discussão com a direção da Petrobras, com o conselho da Petrobras, para que a gente fizesse os investimentos necessários.

As pessoas não têm dimensão porque, muitas vezes, as pessoas ficam lá de Brasília, achando que de lá a gente pode decidir tudo. Quando nós decidimos fazer o Gasoduto Coari-Manaus, a primeira grande decisão das empresas que ganharam a licitação era que elas tinham que esperar o rio secar para que, o rio secando, ficava [ficasse] mais fácil fazer o gasoduto, como se tivesse cavando um buraco em uma avenida lá de São Paulo ou do Rio de Janeiro, ou de Pernambuco. Havia um desconhecimento de engenharia do que era a Amazônia.

Depois que o rio secou, que começou a fazer o gasoduto, teve empresa que perdeu máquina dentro de areia movediça, as máquinas afundaram, teve máquina que ficou afundada dentro do rio, teve trabalhador que morreu. E aí se descobriu que tinha sido um erro esperar o rio secar, que era preciso esperar o rio encher para que a gente tivesse... colocasse os canos, como se tivesse fazendo um gasoduto em alto-mar.

E aí, obviamente que precisava de novos preços, era preciso que houvesse um reajuste, mas a burocracia lá de Brasília entendia que era preciso não permitir que houvesse o reajuste de preço. E foi muita briga para que a gente pudesse reajustar o preço. E havia gente que dizia: “Não vai sair esse gasoduto, não tem condições de sair esse gasoduto”.

Pois bem, é com muito orgulho que eu estou aqui inaugurando, não o gasoduto, inaugurando termelétrica que está produzindo energia a gás, energia mais limpa, energia, eu diria, extraordinariamente limpa, uma energia de



melhor qualidade, uma energia que vai poder fomentar a sofisticação da produção aqui no estado do Amazonas e na cidade de Manaus. E a Graça me dizia: “Presidente, nós não desativamos as termelétricas a óleo, porque a gente também não pode desativar e desmontar o que está feito. Elas vão ficar lá, sem uso, se um dia acontecer alguma coisa nessas a gás, a gente já tem a outra pronta, para a gente começar a usar e não permitir que falte energia em Manaus. Porque neste estado aqui a economia cresce a 12% ao ano, acima da média nacional, e para crescer tem que ter energia, para crescer tem que ter muita energia”. E é isso que a gente está fazendo aqui, hoje: inaugurando simultaneamente três termelétricas, para dar ao povo do Amazonas e ao governo do Amazonas a certeza de que o estado do Amazonas não vai mais ter apagão daqui para frente, e as empresas não vão ter medo de vir aqui porque não tem energia. Haverá energia aqui no estado [na cidade] de Manaus, para que as empresas venham para cá, para que gerem emprego e para que melhorem a vida do povo do estado do Amazonas. Essa é a primeira coisa.

A segunda coisa que eu acho importante, meus companheiros e companheiras, é que eu estou a poucos dias de deixar o governo, já estou sentindo saudades. Mas eu queria, Eduardo, porque você foi parceiro, eu queria... Estão aqui os companheiros da Eletrobras, está aqui o Secretário-Executivo do Ministério de Minas e Energia. Eduardo, isso aqui, nós temos que ainda fazer muita Luz para Todos aqui no estado do Amazonas, porque as distâncias são muito grandes. Mas eu queria dizer para você que desde que nós começamos o Programa Luz para Todos, até o dia, até o dia... até o mês passado nós fizemos, Eduardo, 2 milhões e 600 mil casas foram ligadas, atendeu praticamente 13 milhões de pessoas. E nós colocamos 1 milhão, 242 mil quilômetros de fio. Isso daria para enrolar a Terra 31 vezes, com os cabos que nós colocamos no Programa Luz para Todos. Nós utilizamos 1 milhão de transformadores e já utilizamos 6 milhões e 500 mil postes. E isso já significou





um investimento do governo federal da ordem de R\$ 13 bilhões, R\$ 13 bilhões de graça para o povo brasileiro mais pobre, que não pode pagar energia.

Eu estou dizendo isso, Eduardo, porque eu sou grato ao povo deste estado, eu sou grato. Eu sou tratado com muito carinho no Brasil inteiro. Graças a Deus, eu estabeleci uma relação com o povo brasileiro que não é uma relação de um presidente com o seu povo, é uma relação de irmão, é uma relação de companheiro para companheiro, é uma relação de alguém que sabe que quando voltar, quando sair da Presidência, eu não construí muitas amizades depois de presidente, as minhas amizades são aquelas que eu tinha com o povo brasileiro antes de ser presidente da República, que está fortalecida.

Pois bem, companheiros e companheiras, este estado aqui é sede da Copa do Mundo. E eu espero, meu caro Aziz, você será governador por ocasião da Copa do Mundo, eu espero ser convidado para vir ver um jogo aqui, em Manaus.

Da mesma forma, da mesma forma que o governo federal já colocou dinheiro para ajudar a financiar o estado, financiamento, nós estamos dispostos a fazer a mais bonita Copa do Mundo que o mundo já conheceu. Porque os gringos pensam que têm dinheiro, eles pensam que sabem fazer as coisas. Mas eles vão perceber que a maior beleza que a gente tem para oferecer como espetáculo não é um estado [estádio] gelado, de concreto, não, é a alma e a alegria do povo brasileiro construindo, em um clima de paz, uma Copa do Mundo.

E eu sei do estado, eu sei da necessidade de um porto aqui no estado do Amazonas, eu sei da necessidade de recuperação do porto público aqui, deste estado. E posso dizer para vocês, como se tivesse falando de mim: estejam certos de que vocês não irão se arrepender de ter eleito a primeira mulher presidenta da República deste país. Posso lhe afiançar, Governador, que a Dilma terá, com você, a mesma ou melhor relação do que eu tive com o



Eduardo Braga, posso lhe afiançar, porque eu conheço a alma dela, e ela não está preocupada na relação pessoal, ela está preocupada é na relação de respeito com o povo, que deu a maior votação de todo o território nacional para ela ser a primeira mulher eleita presidente da República.

Eu queria terminar dizendo ao meu companheiro Gabrielli, porque essas coisas precisam ser ditas: quando nós chegamos ao governo, a Petrobras, ela tinha um valor patrimonial de uma merreca de US\$ 15 bilhões. É, o valor patrimonial da Petrobras era de US\$ 15 bilhões. Hoje, o valor da Petrobras é de pelo menos US\$ 203 bilhões, como valor patrimonial.

Mais importante: esses companheiros, quando nós chegamos ao governo – e aqui tem diretor antigo da Petrobras – esses companheiros não gostavam de gás, queimavam gás; esses companheiros não gostavam de álcool, não gostavam de biodiesel. Hoje, eles estão convencidos de que a Petrobras não pode ser apenas uma empresa de petróleo, a Petrobras, ela pode se transformar na empresa de energia mais importante do planeta Terra. Ela pode cuidar do gás, ela pode cuidar da termelétrica, ela pode cuidar do petróleo, mas ela pode cuidar também do combustível renovável, que é o que nós precisamos. E ela, que não gostava de álcool, já comprou, já é a dona das maiores usinas de São Paulo. Ou seja, daqui a pouco eu fico pensando o que a Petrobras vai fazer.

Mas, sabe qual é o meu orgulho, Aziz? Sabe qual é o meu orgulho? É que eu, eu vou passar para a história, como o José Sergio vai passar para a história da Petrobras, como a Graça vai passar, porque nós vivemos a maior capitalização que a história do capitalismo conheceu. Logo eu, que passei metade da minha vida dizendo que era socialista. Logo eu que passei metade da minha vida dizendo que era contra o capitalismo. Fui eu, no meu mandato, que participei da maior capitalização da história do capitalismo mundial, capitalizando a Petrobras, para que ela possa sair de 6ª ou 7ª posição para a 2ª posição, a segunda maior empresa de energia do mundo, não é pouca



coisa. É por isso que ela tem dinheiro para colocar esse ar-condicionado chique aqui, que está matando todos nós de frio.

Meus queridos companheiros e companheiras de Manaus, um grande abraço. Parabéns à Petrobras, parabéns ao estado do Amazonas e parabéns ao povo do Amazonas.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de premiação da etapa nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa “Escrevendo o Futuro”**

**Museu Nacional de Brasília – Brasília-DF, 29 de novembro de 2010**

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Meu caro amigo Roberto Setubal, presidente do Banco Itaú e da Fundação Itaú Social,

E nossa querida amiga Maria Alice Setubal, presidente do Centro de Estudos e Pesquisa de Educação, Cultura e Ações Sociais – Cenpec,

Queridas e queridos professores e professoras,

Queridas e queridos alunos,

Pais e mães aqui presentes,

Nossos queridos (incompreensível) e (incompreensível),

Nossa querida Adriana Calcanhoto,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Companheiras e companheiros,

Eu, Fernando, não vou fazer discurso. Eu acho que o dia para mim, hoje, bastou, porque eu vivi uma semana muito rica de emoções na área da Educação. Eu cheguei em Brasília segunda-feira passada e estavam no aeroporto, na Base Aérea os alunos de uma escola de tempo integral da cidade de Palmas, do estado de Tocantins. E esses alunos vieram com uma orquestra e uma fanfarra que deram o nome da minha mãe. E eu fiquei muito emocionado, porque nós fizemos um pouco e, certamente, a Dilma vai fazer muito mais, porque nós já concretizamos dez mil escolas brasileiras em tempo integral, 2 milhões e 200 mil alunos já estão na escola, e todos eles fazendo



música também. Significa que, daqui a pouco, quem quiser ver um grande concerto não tem que ir mais a Viena, vá a Palmas, vá a qualquer estado deste país que vai assistir o que bem entender, porque a Dilma se comprometeu a fazer mais 32 mil escolas de tempo integral, e nós vamos caminhando para ter todas as escolas em tempo integral neste país.

A segunda coisa, a segunda coisa é que o Fernando Haddad me proporcionou, hoje, um outro momento de muita alegria. Hoje foi um dia em que nós inauguramos, de uma única vez, 30 escolas técnicas no Brasil e 25 campi. Nós vamos terminar o mandato inaugurando 126 campi avançados neste país, interiorizando as universidades e fazendo 14 universidades federais novas e, ao mesmo tempo, nós estamos muito alegres, porque uma das professoras que ganhou o prêmio é uma companheira aqui de Brasília, que se formou no ProUni, e ela me disse: “Graças ao ProUni eu consegui fazer faculdade e graças ao ProUni eu ganhei esta medalha aqui”; e agora, vocês.

Eu, sinceramente, acho que o dia de hoje, para mim, eu vou fazer a reunião lá muito rápida, Fernando, porque nós vamos discutir o Plano de Educação 2010-2020, que eu quero apresentar logo. Obviamente que vamos conversar com a companheira Dilma, mas sou eu que tenho que apresentar o Plano ainda neste ano.

Essas Olimpíadas, para mim, tem um valor sagrado, porque... Primeiro, foi a de Matemática. Um desafio, uma descrença nas escolas públicas brasileiras, porque houve um tempo em que as escolas públicas não estavam dando aula com a qualidade razoável, a classe média brasileira foi saindo para as escolas privadas, e foi piorando a escola pública, foi piorando. Como é que você pode querer ter uma universidade de qualidade se você não tiver uma escola pública, no ensino fundamental, de qualidade. E é uma coisa, no Brasil, absurda. Na década de 50 e na década de 60, as grandes escolas brasileiras, os grandes intelectuais brasileiros estudaram em escola pública no ensino fundamental e, depois, estudavam também em escolas públicas quando iam



fazer universidades. Agora houve uma inversão, uma inversão gravíssima, Roberto. É que hoje a parte que tem mais possibilidade na sociedade coloca o seu filho para fazer o ensino fundamental em uma escola privada; a parte mais pobre fica na escola pública. Quando chega ao ensino universitário, há uma inversão: quem estudou em uma boa escola pública [privada] vai para universidade pública, e quem estudou numa escola pública no ensino fundamental vai para uma escola privada. Ou seja, quem pode pagar vai estudar de graça; quem não pode pagar vai pagar para estudar. Essa é uma loucura, uma loucura que nós começamos a mudar.

Começamos a mudar com a construção de 14 universidades federais novas. A última que eu vou lançar a pedra fundamental... aí já seriam... é a de Redenção, que é uma universidade na cidade do Ceará, que é uma universidade afro-brasileira. Já começamos as aulas na Universidade da América Latina [Universidade Federal da Integração Latino-Americana], e eu ainda sonho que, no próximo governo, a gente tenha uma universidade de Medicina na região mais pobre do país, para gente formar médico, conhecendo a realidade das regiões mais pobres deste país.

Pois bem, nós começamos a mudar. Quando nós decidimos fazer o Reuni, quando o Fernando Haddad me trouxe a proposta do Reuni, eu achei que era uma coisa simples. Nós queríamos fazer uma compensação para as universidades, aportar um pouco mais de recurso, desde que as nossas universidades pudessem ter, em média, por professor, em vez de 12 alunos, 18 alunos, como era na França. Eis que, Roberto, houve uma reação, uma reação absurda de uma pequena parte de estudantes, que quebraram muitas reitorias porque não queriam que a gente aumentasse de 12... de 12 para 18 alunos. Graças a Deus, nós conseguimos vencer o debate, e nós, que renovávamos apenas 113 mil alunos por ano, já neste ano vamos renovar 229 mil alunos por ano, ou seja, nós mais do que dobramos a renovação nas federais, só por conta do Reuni. Esse é um fato extraordinário.



A segunda coisa foi o ProUni. O ProUni foi a grande invenção do Fernando Haddad. Ele, orgulhosamente, não tem vergonha de dizer que foi ideia da mulher dele – porque, normalmente, quando é a mulher que tem ideia, o homem se apodera, faz... pratica um pouco de plágio e fala que é dele. Mas ele, publicamente, reconheceu que foi a mulher dele que pensou o ProUni, e o ProUni já colocou 704 mil alunos na universidade. E ele estava contando da primeira formatura que nós participamos dos estudantes de Medicina, dos médicos do ProUni, dos quais 40% deles são meninos e meninas negras. Ou seja, possivelmente o ProUni tenha, na universidade, mais alunos do que o Brasil tem desde que construiu a primeira universidade neste país. Ou seja, uma demonstração de que nós estamos acabando, definitivamente, com a segregação de uma parcela da sociedade.

E agora, uma outra coisa importante que fez o companheiro Fernando Haddad, que nós acabamos de aprovar, que é o Fies, ou seja, o financiamento para jovens pobres que querem estudar era sempre complicado, porque não tem fiador, ninguém quer ser fiador, não é? Quando você pega um companheiro seu, que é seu companheiro, você chega e fala: “Ô companheiro Fernando Haddad, eu aluguei uma casa ali e eu preciso de um fiador. Você pode ser?”. O Fernando Haddad fala: “Eu vou falar com a minha mulher, amanhã te dou a resposta”. Eu já sei que a resposta, no dia seguinte, é não: “Ah, a minha mulher não quer deixar, porque se você não pagar eu vou ter que pagar”, porque, na verdade, um fiador termina sendo um filho a mais que você arruma.

Então, o que nós fizemos? Acabamos com a figura do fiador. Quem vai assegurar, agora, o Fies é o Estado brasileiro que vai garantir que cada jovem possa estudar. Eu posso orgulhosamente, eu posso orgulhosamente olhar na cara de cada menino e de cada menina que concorreu a essa Olimpíada e dizer para vocês: qualquer um de vocês... Deus queira que todos possam entrar na universidade pública, Deus queira, mas se não conseguir entrar



porque não passou no Enem, não tem problema. Vocês vão estudar em uma universidade particular, vão pegar financiamento, vão demorar o dobro, o dobro, ou seja... o triplo, vocês vão ter uma carência, se o curso for de quatro anos, vocês vão ficar 12 anos sem pagar, para depois começar a pagar. E vocês vão pagar apenas R\$ 50,00 a cada trimestre, para fazer qualquer curso em qualquer universidade deste país. É importante vocês ficarem atentos para isso. É preciso ficar atento, é preciso ficar atento porque já foi tomada a decisão, já foi aprovado, já tem a resolução. É só preciso saber se agora a burocracia vai deixando as coisas acontecerem.

Mas nós queremos dizer em alto e bom som que nós estamos caminhando para, neste país, não ter um único ser vivo deste país que diga: “Eu não estudei porque não tinha dinheiro”. Se não tiver condições de entrar na pública, vai estudar onde ele quiser, na [universidade] privada, e vai ter bolsa para financiar, e ele só vai começar a pagar depois do dobro [triplo] dos anos que ele se formar. Se ele tiver um curso de cinco anos, ele vai demorar 15 anos para começar a pagar.

Então, é importante ter claro. E a companheira Dilma sabe disso, participou disso e essa é uma coisa que é uma revolução que nós queremos fazer, neste país. Uma verdadeira revolução, porque nós cansamos de ser tratados como cidadãos de segunda classe, e a educação é o que vai elevar este país a ser tratado como um país de primeira classe.

A última coisa é a Olimpíada de Português. Eu, de vez em quando, lia nos jornais assim: “Os estudantes brasileiros não conseguem aprender Português”; “O nível de Português é muito baixo nas escolas públicas brasileiras”; “A criança passou para a quarta série e não conseguiu aprender Português”. Eu cansava de ver essas notícias, e eu falava: Não é possível, não é possível! Porque eu sempre achei, Fernando Haddad, que todo ser humano é tocado a motivações. Você precisa motivar a pessoa a fazer alguma coisa, e a Olimpíada da Matemática, ela foi uma coisa que me motivou, porque, quando





nós a pensamos, em 2004 – estavam o Fernando Haddad e o Tarso Genro –, apareceu muita gente que falou pra mim: “Ah, Presidente, escola pública, Olimpíada da Matemática? Não vai dar certo. Os alunos de escolas públicas não gostam disso, os professores não gostam disso”. Aquele negócio de “Perdi sem jogar”, “Fui derrotado sem lutar”. Vamos tentar? “Vamos tentar”. Conclusão: quando nós começamos, nós tínhamos 274 mil alunos de escola privada fazendo Olimpíada de Matemática; a Argentina tinha por volta de 1,2 milhão de alunos; os Estados Unidos tinham 6 milhões de alunos fazendo Olimpíadas de Matemática. Hoje o Brasil tem 20 milhões de alunos fazendo Olimpíadas, e o que é importante é que muitos alunos querem ir para escola aos sábados e domingos para poder aprender Matemática, e os professores estão participando de forma extraordinária, e nós, então, hoje, já somos o país que tem a maior Olimpíada do mundo, do mundo. A maior Olimpíada.

Aí, eu falei para o Fernando Haddad: Agora eu quero fazer de Português e de Ciências. Eu quero fazer de Português e de Ciências. Essas coisas o Presidente fala, mas quem tem que executar são eles, e o Fernando me disse: “Olha, não dá para fazer a mesma coisa que a gente fez com a Matemática, é preciso encontrar uma fórmula”, e encontrou na Fundação Itaú. Está aí o sucesso: sete milhões de pessoas participando, milhares de professores engajados, e eu aprendi uma coisa com a Suely Druck, da Matemática. Ela me disse: “Presidente, ponha na sua cabeça o seguinte: se a professora e o professor não gostarem da matéria que eles dão, os alunos terão dificuldade de aprender, ou seja, os professores têm que gostar”. E foi isso que eu vi aqui, foi isso que eu vi aqui: a emoção.

Eu queria dar um recado. Teve uma menina que ganhou, e ela estava chorando. Em 2008, Roberto, quando a gente estava entregando, ela concorreu e não ganhou. Então, ela diz que se aplicou mais e hoje ela ganhou. É importante ganhar. Mas, veja, se não ganhar, não tem problema, não diminui ninguém. Vocês viram quantas eleições eu perdi? Perdi um monte, e eu nunca



desanimei, eu nunca desanimei. Então, o que eu queria pedir para vocês, sobretudo para as nossas jovens... Você viu que maravilha aquela menina de 17 anos que vai dar à luz em janeiro? Em janeiro. Uma outra que ganhou, já tem dois filhos. Esse pessoal trabalha! Eu acho que é o milagre da economia brasileira. Então, é o verdadeiro espetáculo do crescimento. Então, eu queria dizer para vocês que não venceram, que vocês não desanimem, se preparem. Disputem, porque a alegria que vocês transmitiram aqui hoje, independentemente de ganhar... E quero parabenizar a vocês que não permitem que os alunos saibam quem ganhou até chegar aqui. É como se fosse um programa de auditório em que você vem para cá para saber se vão ganhar ou não.

Então, eu quero dizer o seguinte, olha: não há espaço na vida de um jovem, de um adolescente, para desanimar. Quando está na minha idade, aí já começa a desanimar, porque a gente já está mais perto do céu do que da terra. Mas vocês, vocês estão começando a vida agora, gente, vocês estão começando agora. Então, vocês têm que aproveitar esse momento e dedicar, o máximo que vocês puderem, para estudar. Vocês vão perceber como isso vai facilitar a vida de vocês daqui a dez anos, daqui a doze anos. Vocês vão se transformar em profissionais competentes, pessoas bem formadas. Porque o Brasil não vai continuar a vida inteira exportando minério de ferro, soja, mandioca, não vai. Nós queremos exportar é conhecimento, é inteligência, é tecnologia de ponta.

Portanto, eu queria, Fernando Haddad, lhe dar os parabéns, dar os parabéns à Fundação Itaú, ao Cenpec e, sobretudo, dizer para vocês: um presidente que é presidente de um povo porreta como vocês só pode dar certo!

Um abraço e até a próxima Olimpíada, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de entrega do Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar**

**Palácio do Planalto, 29 de novembro de 2010**

Eu posso comer em vez de falar, já que estamos falando de comida?  
Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Minha querida companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento  
Social e Combate à Fome,  
Deputada federal Elcione Barbalho,  
Meu caro companheiro Toninho Trevisan, presidente do Comitê Gestor  
da Ação Fome Zero,  
Meu caro Renato Maluf, companheiro presidente do Consea e da  
comissão julgadora do Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar,  
Meu querido companheiro Nelson Machado, Secretário-Executivo do  
ministério da Fazenda,  
Meu querido companheiro José Henrique Paim, Secretário-Executivo do  
ministério da Educação,  
Meu caro Dida, presidente do Banco do Brasil,  
Senhoras e Senhores,  
Prefeitos e prefeitas aqui presentes  
Companheiros e companheiras representantes das escolas premiadas,  
Companheiros da imprensa,  
Meus amigos e minhas amigas,

Na semana passada, eu participei de dois eventos extremamente importantes e, eu diria, que justificam um pouco, Toninho, o sucesso que o Brasil está tendo na política de combate à miséria, à fome e ao desemprego. O primeiro de que eu participei, na semana passada, foi do programa de



microcrédito, meu caro Chico Menezes. Nem eu, que assino os decretos, que discuto com o Guido Mantega, que discuto com o Meirelles, que discuto com os companheiros do governo, nem eu tinha noção da quantidade de dinheiro disponibilizado para o microcrédito neste país. Nem eu tinha a noção do crescimento e da força das pequenas cooperativas existentes hoje no Brasil. Não se multiplicaram as cooperativas, mas sim os cooperados. As pessoas começaram a perceber que era preciso criar outras formas de organização. E, depois, eu participei do encontro para discutir o programa de aquisição de alimentos que, possivelmente, é um dos programas mais importantes dentre todos os programas importantes que nós temos, porque ele permite que o governo possa comprar a comida produzida pelos pequenos produtores, além da Lei que nós aprovamos obrigando que toda merenda escolar, pelo menos 30% do alimento que vai para a merenda escolar, seja comprado do agricultor da cidade e da região, para que a gente possa contribuir com o desenvolvimento local. E a gente vai ter que ir acompanhando, daqui para frente, os novos governos, a companheira Dilma, porque eu acho que é necessário, inclusive, a gente gradativamente ir aumentando a participação e a quantidade de coisas que nós estamos comprando na cidade, para a gente poder fazer crescer o desenvolvimento regional.

Mas também eu fui ao Sebrae, na inauguração da sede – não sei se você estava lá – e descobri um outro dado importante, ou seja, quando nós estabelecemos as compras governamentais, em 2006 a gente tinha, o ano todo, comprado R\$ 2 bilhões de microempresa, ou melhor, R\$ 1 bilhão e 600. Em sete meses deste ano, nós já compramos R\$ 7 bilhões da micro e pequena empresa.

Por que eu estou falando “micro”, em vez de falar do Programa Fome Zero? É porque tudo isso tem uma combinação perfeita com os objetivos do Programa Fome Zero, ou seja, porque depois que as pessoas entram no Programa Fome Zero, começam a receber o Bolsa Família, o próximo passo é



a gente trabalhar para tirar as pessoas da situação de adversidade em que elas se encontram.

Nós estamos, Toninho, com a merenda escolar atingindo um nível muito importante. Acho que nós poderemos, e fica provado que quanto mais a gente incentivar, quanto mais a gente procurar trabalhar com os prefeitos, mais chance nós temos de fazer acontecer em mais municípios de uma só vez. Muitas vezes se procurou trabalhar por fora das prefeituras e não deu certo, ou seja, nós temos que aprender a levar em conta que se os prefeitos não estiverem motivados nós temos que motivá-los, porque eles são a base de sustentação das boas políticas públicas do governo federal, estadual e da sua cidade.

Eu acho que o crescimento que você mostrou demonstra claramente que foi acertada a política de vocês, de convencer os prefeitos a participarem cada vez mais. Nós saímos de 300 para 1.340, o que é uma coisa muito importante. Tem prefeito aqui que já ganhou pela sétima vez, tem dois de sete vezes, tem um de seis vezes, ou seja, nós, então, precisamos começar a melhorar o prêmio para esses que são pentacampeões, hexacampeões, octacampeões, ou seja, daqui a pouco nós vamos ter que inventar nome, chamar um filólogo, para ele poder dizer como é que gente vai... um cara que chega a 13, 14, 15 vezes premiado.

Eu quero agradecer a vocês, de coração, a cada prefeito que toma a iniciativa de inscrever a sua cidade, é uma demonstração de que esse prefeito está levando muito a sério a questão da merenda escolar e está levando muito a sério os compromissos que certamente todos vocês assumiram na campanha.

Portanto, parabéns. Este prêmio é apenas simbólico. Na verdade, quem está dando o prêmio não somos nós para vocês, são vocês para nós, que estão demonstrando que é possível a gente ter 6 mil prefeitos sérios neste país cuidando das crianças como todo mundo sabe que tem que cuidar. E não custa



muito. É preciso, às vezes, mais vontade política, mais decisão do que a quantidade de dinheiro que está em jogo.

Por último, Toninho, agradecer a você, ao José Carlos Bumlai e a todos os companheiros que participaram direta ou indiretamente, porque uma coisa como essa para dar certo precisa ter mais do que salário, precisa ter mais do que gente, precisa ter uma coisa chamada dedicação e amor. Uma coisa que só faz parte daquilo as pessoas que têm alguma coisa de nobreza de espírito dentro de si. O trabalho, a dedicação, a compreensão, às vezes, as horas perdidas de finais de semana, não quando o cara faz como o nosso companheiro que vai para Londres para arrumar namorada. (Incompreensível), mas... E você querendo se vangloriar com essa mulher dizendo que arrumou uma “Princesa de Mombaça”.

\_\_\_\_\_: (incompreensível)

**Presidente:** Bem, então, gente, olhe... É só agradecimento. Eu estou terminando o meu mandato, no dia 31 [de dezembro], eu saio, entra a nossa companheira Dilma. Eu tinha a convicção de que nós tínhamos que trabalhar muito para fazer a sucessão, porque eu já vi, na história deste país, tantos governantes desmontarem aquilo que o outro estava fazendo, e, praticamente, jogar no lixo boas experiências. Eu acho que as experiências que nós colocamos em prática, no Brasil, elas ainda não estão concluídas, é preciso concluí-las. Eu acho que a Dilma é a pessoa que tem a afinidade, o compromisso de levar adiante uma política que permita que a gente chegue em 2015 sendo o país que já atingiu todas as metas do milênio. Nós não temos por que não atingir as metas do milênio.

Vamos terminar o mandato, Toninho, em uma situação altamente favorável. O Brasil está bem, você está bem, as empresas brasileiras estão bem, os trabalhadores estão melhores do que já estiveram em outros



momentos – e muito melhores -, os pobres viraram menos pobres, a classe média baixa ficou um pouco mais rica, a classe média média ficou um pouco mais média, a classe média alta está crescendo. Ou seja, eu acho que todos, enfim, todos ganharam nesses últimos anos, e há perspectiva de todos continuarem ganhando.

Eu posso dizer para vocês que a companheira Dilma tem um compromisso assumido em palanque. Tanto quanto eu, ela será a Presidenta de todos, mas todo mundo sabe que ela terá um olhar muito mais próximo para os mais pobres deste país.

E, por fim, dizer para vocês que a minha cara-metade não está aqui porque, como eu estou de regresso para São Bernardo do Campo, ela está cuidando de preparar as coisas para a gente voltar, porque oito anos de abandono no apartamento que eu morava, não é brincadeira tentar colocar em ordem, inclusive tirar as tranqueiras que nós fomos colocando lá, durante oito anos. Então, ela ficou... está reformando o apartamento, que deu uma goteira, uma grande goteira, deu metástase de goteira, essa é a verdade, metástase de goteira, então ela lá está tentando consertar e nós vamos regressar para a nossa São Bernardo do Campo.

Mas eu volto, volto, saio da Presidência com a sensação de dever cumprido, com a sensação de que aumentou o meu respeito com vocês e com o povo brasileiro, com a sensação de que vocês são parte viva do sucesso deste governo, de que, se não fossem vocês, a dedicação, inclusive em momentos difíceis, em momentos difíceis. Eu não sei se vocês viram nas pesquisas do Toninho que, em 2005, caiu o número de prefeitos inscritos, porque em época de crise todo mundo se assusta. Mas se não fosse a continuidade de vocês, a perseverança de vocês, certamente este programa teria sido um programa natimorto. É só a gente ver a quantidade de pessoas que participaram da inauguração, quantos continuaram, quantos continuaram. Porque tem gente que é assim, tem gente que só quer saber de partir o bolo. E



eu acho que vocês, na verdade, fazem parte daqueles heróis brasileiros que não aparecem na televisão, que não aparecem nos jornais, que são os carregadores de piano para que o bom maestro possa tocar.

Portanto, Toninho, eu quero te dizer que o fato de você ter elogiado a sua turma já demonstra que você é um tocador de piano que sabe quem é que carrega o piano para você. O José Carlos, eu nem falo, porque chegou aqui, sentou para comer e está com a cara feia ali, porque nós estamos demorando.

Mas eu sou... Toninho, a nossa amizade vai continuar. Nós vamos viver muitos anos juntos. Eu, um dia, quem sabe, queira conhecer sua “Princesa de Mombaça”, (incompreensível). Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês: muito obrigado, muito obrigado, se eu cheguei onde cheguei é por causa de vocês, não tenho dúvida disso. O meu mérito é apenas uma partícula disso. O povo brasileiro soube assumir os seus destinos, o povo brasileiro soube assumir responsabilidade. Eu nunca vi um país viver um momento de autoestima que está vivendo neste momento, nunca vi. E eu acho que isso é por causa do trabalho de vocês.

Muito obrigado. Parabéns aos prefeitos, parabéns às merendeiras, parabéns às nutricionistas, parabéns aos nossos colaboradores e parabéns, sobretudo, quem patrocinou esse belo almoço que nós vamos comer agora.

Um abraço, gente.

(\$211 A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração simultânea de escolas técnicas e campi  
universitários**

**Palácio do Planalto, 29 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Companheiro Eloi Ferreira de Araujo, ministro [chefe] da Secretaria de  
Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Companheiros deputados federais André Vargas, Ariosto Holanda,  
Gastão Vieira, Gonzaga Patriota, Paulo Delgado e Paulo Pimenta,

Meu caro Eduardo Madeira [Edward Madureira], presidente da  
Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino  
Superior,

Nossa querida Consuelo Aparecida, presidente do Conselho Nacional  
das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional,

Meus caros companheiros reitores, diretores, prefeitos aqui presentes,

Meu querido companheiro Paim, secretário-executivo do Ministério [da  
Educação],

Nossa querida Maria Paula Dallari, secretária da Educação Superior,

Nosso querido companheiro Eliezer Pacheco, secretário de Educação  
Profissional e Tecnologia [Tecnológica],

Faltou gente do Ministério da Educação aqui na nominata...

Querida Andresa Gomes, a nossa aluna, que falou,

Faltou gente da escola da Universidade Aberta, que está ali atrás, mas,  
de qualquer forma, sintam-se cumprimentados.

Eu fiz questão de citar o nome de alguns companheiros, porque acho  
que o dia de hoje não é dia de discurso meu. Eu acho que é dia de



agradecimento. Nós só conseguimos fazer o que nós fizemos porque o companheiro Fernando Haddad conseguiu montar uma equipe competente que o ajudou a realizar isso. E, ao mesmo tempo, essa equipe competente soube realizar uma harmonização com todas as pessoas envolvidas na área de Educação neste país para que a gente pudesse criar esse clima, clima de fraternidade entre nós, mesmo em situações de adversidade.

A gente poderia, Fernando, ficar aqui contando coisas “nunca antes na história do país”, “nunca antes na história do país”, e a gente não teria... não esgotaria hoje. Porque, uma coisa simples, ou seja, nunca antes na história do país um presidente da República criou o hábito de se reunir com reitores todo ano, sem perder nada, e apenas ganhando uma relação política. Nós tivemos ministros da Educação que foram reitores e que nunca se reuniram com reitores. Eles tinham medo – como tinham medo de se reunirem com prefeitos, como tinham medo de se reunirem com sindicalistas, como tinham medo de se reunir... Porque as pessoas eram eleitas, e eram eleitas para governar para uma pequena parcela da sociedade: aquela parcela com quem jantavam, com quem tomavam café, com quem almoçavam, com quem confabulavam a política.

Ou seja, não se criou a consciência de que este país precisava ser governado para 190 milhões de pessoas, e que este Palácio em que entram reis, em que entram rainhas, em que entram príncipes, em que entram banqueiros, em que entram grandes empresários, em que entram magníficos reitores... Mas entram os estudantes também, entram os funcionários da universidade, entram os catadores de papel deste país, entram os portadores de deficiência, entra a representação das minorias, entram os negros, entram os índios... ou seja, entram aqueles que fazem parte do somatório de 190 milhões de pessoas. É isso que mudou neste país, é isso que mudou.

O Brasil está se enxergando em si mesmo. Aquilo que era motivo de baixa estima, hoje é motivo de alta estima; aquilo que, muitas vezes, um



brasileiro tinha vergonha de, no exterior, dizer que era brasileiro, hoje o brasileiro tem orgulho de dizer que é brasileiro; aquilo que antes vinham os sabidos da Europa e de outros países aqui, dar palpite nas coisas que o Brasil tinha que fazer, se quiserem, hoje, continuem dando palpite, mas vão ter que ouvir também as coisas que nós fizemos de certo aqui neste país.

E não é apenas na área da Educação, é em todas as áreas, em todas as áreas. Em pesquisa, nós estamos batendo países como a Rússia, como a Holanda, já, em publicações em revistas especializadas; fizemos um PAC de R\$ 41 bilhões, e vamos fechar o ano consumindo todos os R\$ 41 bilhões, porque o plano não foi do ministro nem foi nosso, o plano foi da comunidade científica. Ela fez o plano, e ela executa e ela fiscaliza o plano.

E na Educação a mesma coisa. Você imagina que o Vicente Feola, ou o Zagalo era capaz de dizer para o Garrincha e para o Pelé, taticamente, como eles tinham que fazer? A única coisa que eles precisavam era da bola. Ora, qual foi o milagre que nós fizemos neste país? É que, primeiro, nós ouvimos as pessoas que, a vida inteira, brigaram por um tipo de educação, e resolvemos colocar em prática a síntese daquela discussão, onde ninguém ganhava e ninguém perdia, todos ganhavam, sobretudo a sociedade brasileira. Esse é o milagre: a capacidade de ouvir, a capacidade de anotar e a capacidade de depois formular uma coisa que não fosse apenas desse ou daquele técnico, como aconteceu historicamente neste país. A gente não tinha política de ciência e tecnologia, porque era o ministro que fazia. A gente não tinha política de educação porque chegava o ministro da Educação, com as suas teses acadêmicas, e achava que aquilo poderia ser colocado em prática para todo o território nacional, sem compreender a megadiversidade deste país.

Fizemos tudo? Não. Começamos, começamos. E fizemos um bom começo, Fernando, fizemos um começo extraordinário. Eu acho que quem andar pelo Brasil hoje vai compreender o que eu estou dizendo. Meu caro



Paulinho Delgado, nós conseguimos tirar as universidades federais das capitais e levá-las para o interior deste país.

Mas eu ainda não estou contente. Eu não sei se o Fernando ficará, na Educação, não sei. Mas o dado concreto é que, se a gente pegar os estudos, a gente ainda vai perceber que a quantidade de doutores e de mestres no Nordeste e no Norte do país ainda é muito pequena, se comparada às regiões Sul e Sudeste. Como nós não queremos diminuir nas regiões Sul e Sudeste, nós temos que aumentar na região Norte e na região Nordeste. Vai precisar mais dinheiro? Vai. É difícil a gente conseguir o dinheiro? É. Porque cada área acha que a sua área é a mais importante. Aqui no governo, tem a palavra “fundamental”, cada um acha que a sua área é a “fundamental”, e aí todo mundo quer pegar um dinheiro. E obviamente que nós temos gente que olha o orçamento, tem gente que olha... “Olha, o bolso está vazio, não dá para...”

Mas eu acho que nós conseguimos vencer uma outra barreira, que era uma barreira que dificultava a Educação no Brasil: Era que qualquer centavo que a gente precisasse para a Educação, as pessoas diziam: “Não pode gastar”. Olha, se a gente tratar a Educação como gasto, a gente não vai nunca ter dinheiro. Era preciso que a gente fizesse uma aposta no futuro deste país, e a gente pensasse Educação com investimento. Eu... não esses companheiros jornalistas, que não devem estar assustados, mas alguns setores dentro dos jornais em que eles trabalham vão ficar horrorizados com os números que você deu. “Onde já se viu sair de 500 professores para 18 mil? Isso é muito gasto, é custeio. Afinal de contas, vão pagar salário”. De quantos funcionários você falou? Não, você falou de quanto para quanto? De 512 funcionários, para 15 mil. Ah, 12, não 12 mil, só 12. Doze. Então, já saímos de 12 para 15 mil. O outro governo era maravilhoso, porque ele enxugava a máquina: “isso é um verdadeiro choque de gestão!” Ou seja, dois... o que... mas o que... mas o que estava por detrás disso, o que estava por detrás disso? Era porque era preciso parar de investir, era preciso obedecer às ordens do Fundo Monetário



Internacional, e o país não podia gastar. Essa era a lógica. Ao não colocar dinheiro na Educação, o que a gente criou, durante 20 anos neste país? Um exército de jovens que não tiveram oportunidades. Muitos deles, com 25 anos, sendo presos hoje, em qualquer lugar deste país. Porque nos anos 80, nos 90, não tiveram educação e não tiveram oportunidade de trabalhar. Essa é a verdade nua e crua. Eles não nasceram bandidos, eles foram transformados em bandidos por políticas equivocadas, previsões errôneas.

E nós estamos percebendo o que é a motivação da juventude hoje, não apenas nas escolas técnicas, nas universidades, mas em coisas como o ProJovem, programa simples, de quatro meses, cinco meses, seis meses. A quantidade de pessoas que se inscrevem, a fome que eles estão de recuperar e de ter uma oportunidade. Este país tinha jogado fora. E nós, Fernando, apenas começamos, nós apenas começamos.

Um dia, eu estava com o Fernando em Coari, nós fomos inaugurar uma escola, uma universidade lá. E tinha um professor famoso, daqueles que só apareciam em jornais, até da SBPC. De repente, ele estava dando aula em Coari! Imaginou, um homem importante da Educação ir lá para Coari, a 300 quilômetros de Manaus? Por quê? As oportunidades estão saindo, e as pessoas que vão... Uma coisa extraordinária é você encontrar um gaúcho em Garanhuns, era impensável! Você encontrar um paulista na Paraíba. As pessoas morando, trabalhando e gostando. Pessoas que falam: “Eu não volto mais, para ficar naquele trânsito maluco, naquela violência maluca, naquele barulho. Aqui eu estou tranquilo”.

Por isso, Fernando, quanto mais a gente fizer descentralização de oportunidades no Brasil, mais ganha o Brasil. E nós ainda temos uma dívida enorme com as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país. E por isso a gente tem que fazer mais, investir mais, porque a gente não quer tirar das regiões Sul e Sudeste do país.

Uma outra coisa importante, companheiros e companheiras, é a alegria



dessa meninada que consegue fazer uma universidade ou fazer uma escola técnica. Porque o Brasil deu um passo importante nos anos 90, com a universalização da Educação. Mas, quando nós entramos no governo, nós descobrimos que, em alguns estados do Nordeste, as pessoas que tão bem pensaram na universalização não pensaram que depois do ensino fundamental a pessoa precisava estudar. E a gente encontrou quase os nove estados do Nordeste sem possibilidade de as pessoas fazerem o 2º grau, nove estados do Nordeste. Porque me parece que na mentalidade das pessoas de algum tempo atrás, tirou o ensino fundamental, está pronto. O Lula era candidato a presidente e só tinha o ensino fundamental, então vamos... não precisa fazer mais do que isso. Quando, na verdade, as crianças estavam loucas, ávidas com a expectativa extraordinária de aprender.

Eu converso muito. Cada vez que eu vou em uma escola, eu vou visitar laboratório, abraço, faço perguntas, e eu sei o que está acontecendo na alma dessa gente, eu sei o que significa para uma cidade pequena uma escola técnica, uma universidade, o que significa para o desenvolvimento daquela região, sobretudo quando a gente adapta os cursos à realidade do desenvolvimento local. É uma coisa extraordinária.

Então, eu queria agradecer a vocês pela compreensão, pela compreensão no tratamento que vocês tiveram com os meus ministros, na colaboração de vocês na confecção das nossas políticas públicas.

A Universidade Aberta é um sucesso e nós queremos levá-la para todos os países africanos de língua portuguesa, num primeiro momento, para ver se a gente consegue convencer os ingleses e os franceses a fazerem para os países de língua inglesa e língua francesa, que durante tantos anos eles colonizaram. E é uma coisa extremamente importante a gente conseguir formá-los lá, porque normalmente eles vão para outros países, lá ficam, não voltam mais para os seus países de origem, e nós queremos ajudar a África a se desenvolver. Para mim é quase sagrada a história da Universidade Latino-



Americana e da Universidade Afro-Brasileira, é uma coisa marcante. O Brasil tem responsabilidade e tem que assumir essa responsabilidade.

Acho que nós, ainda... Eu saio com uma frustração, que eu sonhava que a gente pudesse fazer uma universidade de Medicina no semiárido nordestino. Ou seja, é uma região muito específica e é uma região muito sofrida, é uma região que envolve mais de 12 milhões – o Ariosto conhece bem –, mais de 12 milhões, ou seja, é uma Suécia, é um Chile, e mereceria a gente ter feito. Mas, também, se a gente fizesse tudo, a gente não ia deixar muita coisa para a Dilma fazer. Então, nós elegemos a Dilma para ela fazer mais e fazer melhor. Além de fazer aquilo que falta fazer, ela tem que fazer muito mais. Até porque ela participou totalmente de tudo o que nós fizemos, ela conhece tudo o que nós fizemos, ela não vai ter que aprender, ela já sabe aquilo que nós fizemos, e ela tem o mesmo compromisso que nós temos.

Obviamente, companheiros e companheiras, que não cabe a mim, vocês sabem que eu sou defensor da ideia de que a Dilma monte o governo à sua cara e à sua semelhança, ou seja, ela tem que escolher o ministério que ela queira, que tenha a cara dela, porque essa coisa é uma coisa complicada. Se você monta um time de futebol e você não comanda os jogadores, os jogadores derrubam o técnico. Então, é importante que o técnico tenha o comando total e absoluto sobre a sua equipe. Um ministro é fácil colocar, para tirar é duro. Só é fácil quando ele quer ser candidato a deputado, a alguma coisa, a governador, ele chega na sua sala com a maior cara de pau e fala: “É fundamental que eu saia, meu povo está me chamando”. Aí, quando é você que quer tirar, você chama ele e fala: “Olha, eu estou precisando da vaga”, e ele fala: “Eu? Por quê?”.

Então, eu acho que a Dilma tem as mesmas preocupações que eu tenho. Ela conviveu comigo todos esses anos, eu acho que ela tem condições de manter essa relação com vocês mais apurada, mais aperfeiçoada. Eu estou dizendo aqui que eu não posso indicar ministro, eu não posso. Ou seja, eu só...



se eu pudesse pedir uma vaga, ia pedir para mim, como eu não posso...

Mas, eu acho que ela vai fazer... eu acho que a Dilma vai surpreender positivamente, em todas as áreas. A mesma necessidade que eu tinha, Fernando, de provar que um metalúrgico poderia governar este país, a mesma, sabe, eu tinha que provar todo dia, eu tinha que provar todo santo dia. E ela tem também tem que provar que a mulher tem competência, porque o preconceito, o preconceito na campanha dela, o preconceito na campanha dela contra a mulher foi mais forte do que o preconceito contra mim, em 2002 e 2006, foi mais forte. Eu não pensei que ainda existisse, com tanta força, essa doença chamada preconceito. É uma mistura de raiva, de ódio, de incompetência, é uma coisa muito pesada. Eu imaginei que no século XXI as pessoas tivessem se modernizado, mas não se modernizaram, não compreenderam que o papel da mulher é um papel aquém [além] daquilo a que a gente estava acostumado no século passado. O século XXI é o século em que a gente tem que provar que a gente quer construir um novo mundo.

Então, Fernando, eu te confesso que eu estou feliz. Pense num presidente feliz. Pense. Eu acho que as coisas aconteceram, acho que quando tiver passado uns quatro ou cinco meses que eu tiver deixado a Presidência, certamente eu vou começar a ver coisas que eu poderia ter feito e que não fiz. E cada coisa que eu tiver, eu passo um bilhetinho e falo: olha, eu não consegui fazer, se puder façam, porque é importante.

Acho eu muita gente boa vai pegar o Brasil numa situação melhor do que eu peguei, muito melhor, em todas as áreas, não tem distinção, em todas as áreas as pessoas vão pegar um Brasil mais preparado, mais apurado, com mais infraestrutura, com mais esperança, com muito mais perspectiva de futuro do que eu peguei o Brasil.

Quando eu disputei as eleições de 2002, [19]89, [19]98, [19]94, os meus assessores econômicos diziam que o Brasil estava quebrado. E eu falava: então por que eu vou disputar as eleições, se o Brasil está quebrado? O que eu





vou fazer.

Hoje, eu acho que a gente provou o simples, ou seja, com um pouco de ousadia, com um pouco de competência, a gente pode fazer os milagres que pareciam impossíveis de ser feitos. Certamente, a Dilma vai encontrar um país melhor, um país que ela própria ajudou a construir, um país que grande parte dos projetos passou pela mão dela, grande parte das coisas da Educação foram discutidas primeiro na Casa Civil para, depois, chegar à Presidência da República.

E eu queria dizer, ô Fernando, que você não me recompensou direito, porque você está dando uma coleção para o Palácio da Alvorada, só que eu só vou morar ali até o dia 31, à meia noite, e eu vou mudar para São Bernardo do Campo, Av. Faria Lima, 121, Apartamento 122, 12º andar, por favor, me dê a minha coleção. Aí, quem sabe, depois que eu ler, quem sabe depois que eu ler tudo aí, quem sabe eu entre até no Enem e faça um concurso.

Bem, então é isso. Eu quero agradecer a vocês e dizer para vocês que a questão da autonomia foi mais ou menos resolvida, a questão do Fies era uma coisa que me agoniava desde 2005, a gente brigando para ver como é que a gente ia garantir financiamento, graças a Deus conseguimos encontrar a fórmula. E eu acho que cabe, agora, a gente não deixar a peteca cair.

Queria terminar dizendo para vocês o seguinte: companheiros e companheiras, eu tenho consciência de que todos vocês que participaram desse processo são agradecidos e sabem que nós fizemos muito. Mas cada jovem e cada outro professor que não participou disso, vai estar sempre achando que é preciso fazer muito mais. Essa é a coisa fantástica, essa é a conquista da humanidade, ou seja, a gente nunca se contentar com o que a gente tem. Cada conquista que a gente tiver, ela é superada pelo nosso desejo de conquistar um pouco mais amanhã.

Quem está no governo, normalmente fica chateado, porque nesses oito anos, por mais que a gente faça, o cara vem, agradece 30 segundos e



reivindica mais quarenta minutos. É assim. Vale para o movimento sindical, vale na posse da CNI, em que eu fui nesta semana. O cidadão fala trinta segundos de “obrigado” e quarenta de “cobrança”. E sabe que acontece uma coisa maravilhosa? Nós aprendemos a não achar ruim. Nós aprendemos que é assim, porque a pessoa vem cobrar aquilo que a sua base está reivindicando e a gente vai atendendo na medida do possível. Eu tenho certeza de que vocês aprenderam a conquistar coisas, vocês aprenderam. Então, nunca mais, nunca mais um reitor pode deixar de exigir ter uma reunião anual com o presidente da República deste país, quem quer que seja ele, para discutir os assuntos das universidades, e vale para todo mundo. A gente aprendeu a conquistar.

Hoje, mesmo, nós vamos participar da solenidade da Olimpíada de Português. Quantos alunos participaram desta Olimpíada? (incompreensível) quantos alunos? Oito milhões. É a segunda, não é isso? É a segunda. A [Olimpíada] de Matemática é um sucesso extraordinário e está aqui o nosso general... esse ganhou muita medalha. A escola militar brasileira dá muita medalha para Matemática. É impressionante a quantidade de medalhas que ganham os nossos meninos que estudam na escola militar. Mas a Olimpíada de Matemática já chegou a mais de 20 milhões de alunos. Nós tínhamos 274 mil oito anos atrás, oito anos não, foi em 2004, sete anos atrás que o Fernando Haddad era secretário executivo do Tarso Genro, entraram na minha sala para conversar -com cinco alunos que tinham ganhado medalhas em uma outra olimpíada – e nós decidimos levar para a escola pública, não é isso? Fizemos a primeira vez em 2005. Então, na verdade, nós temos cinco anos de Olimpíada, seis anos, e já estamos com 20 milhões de alunos participando. Hoje, aluno quer estudar no domingo para poder aprender Matemática, que era tida como uma matéria mais difícil para a meninada.

Então, companheiros, eu sou só agradecimentos hoje. Eu, sinceramente, faltam poucos dias para eu deixar o governo, mas eu saio com a alma lavada porque nós descobrimos como é bom fazer, que é possível fazer,



e tem como fazer. Basta que as pessoas que governam este país não se esqueçam nunca que elas não estão aqui para se servirem, mas nós estamos aqui para servir à sociedade brasileira, atendê-la naquilo que é importante atender. E por isso é que eu fico muito feliz. Eleger a Dilma, para mim, era um desafio tão grande quanto governar o país, porque quando nós começamos a discutir a Dilma tinha gente, mesmo no meu meio, que dizia: “Mas, Presidente, ela não é filiada nem a partido. Ela nunca participou, nunca disputou eleição para vereadora”. Eu falei: mas é essa que eu quero. Essa. Vamos testar uma mulher”. E, graças a Deus, o povo brasileiro respondeu, mais uma vez, de forma afirmativa. É mais uma vitória contra o preconceito. Depois de um metalúrgico, uma mulher; depois de uma mulher, pode ser outra mulher. Pode! E pode ser uma mulher negra, pode ser uma mulher índia, pode ser o que a gente quiser. Nós aprendemos que nós podemos, Eloi. O que nós não podemos é duvidar de nós mesmos.

Este material que o Fernando me entregou, este livro, no dia 15, agora, nós vamos registrar em cartório tudo o que foi feito em cada ministério, tudo. Cada ministro vai vir aqui, nós vamos ter uma sessão, e vai ser assinado em cartório cada centavo que foi gasto, cada obra que foi feita, o que não foi feito... Para que isso? Para a gente contar a história deste país. Nós vamos mandar para as bibliotecas, vamos mandar para as universidades, vamos mandar para os sindicatos, vamos mandar para o Congresso Nacional, talvez mandemos uma para cada redação de jornal, para todo mundo ter, porque eu não quero que quem vier a escrever a história deste país daqui a 50 anos só enxergue um lado da moeda. Eu quero que ele tenha todos os lados e eu quero que ele tenha a palavra oficial do governo, registrada em cartório. Se tiver alguma coisa que não seja verdade, não é que o ministro mentiu para a sociedade, mentiu para mim, porque eu não quero que ninguém coloque nada que não fez. Porque nós não temos história, não temos história, ou seja, as coisas não são guardadas com o devido carinho. Então, eu acho que é uma contribuição que a



gente vai dar, inclusive, para o futuro governo. A Dilma vai receber, cada ministro vai receber.

Eu trabalhava na Villares, eu trabalhava em uma linha de montagem. Eu trabalhava de dia em um mês, [em] um [outro] mês à noite, e tinha um parceiro. Então, a gente vivia contando as peças que o outro fazia. Chegava de noite e eu ia lá contar quantas peças ele fez porque eu queria fazer mais. Todo mundo é um pouco puxa-saco, não é? Eu sei que ele também ia contar as minhas, para ele fazer mais. Nessa disputa, quem ganhava era a empresa. Está vendo que loucura?

Bem, eu acho que vai ser importante entregar para cada ministro o que foi feito, porque quem vier vai ler e falar: “Eu tenho que fazer mais, eu não posso ficar para trás.” E aí, quando a gente terminar, a gente vai ver a Dilma fazer discurso, e ela vai começar: “Nunca antes na história do país... pela primeira vez na história do país...” Aí eu falo: Bom, valeu a pena a gente ter conseguido eleger a nossa querida Dilma presidente da República.

Um abraço. Parabéns a todo o povo da Educação, e parabéns ao companheiro Fernando Haddad pelo trabalho prestado nesta área.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita às obras da usina hidrelétrica de Estreito para início do enchimento do lago**

**Estreito-MA, 30 de novembro de 2010**

Meus queridos companheiros e companheiras,

Minha querida companheira governadora do estado do Maranhão, Roseana Sarney, e seu companheiro Jorge Murad,

Meu caro companheiro Carlos Henrique Gaguim, governador do estado do Tocantins,

Meus companheiros ministros Márcio Zimmermann, de Minas e Energia; Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; e o senhor Cleberson Zavaski, interino da Pesca e Aquicultura,

Desembargador Jamil de Miranda Gedeon Neto, presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão,

Nosso querido senador Edison Lobão,

Companheiro Washington Luiz de Oliveira, vice-governador eleito do Maranhão,

Nosso querido companheiro, eleito, senador João Alberto de Souza,

Deputado federal Cleber Verde,

Senhor Zequinha Coelho, prefeito de Estreito, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos aqui presentes,

Meu caro Edvandro Gomes Pereira, presidente da Câmara de Vereadores de Estreito,

Meu caro Maurício Bahr, presidente da GDF Suez Energy,

Meu caro José Renato Ponte, presidente do Consórcio Estreito Energia,

Companheiros e companheiras do movimento de barragens [Movimento dos Atingidos por Barragens] que estão aqui presentes,



Companheiros e companheiras da imprensa,  
Trabalhadores, trabalhadoras,  
Amigos e amigas,

Eu vou ali, para ficar no meio, para poder conversar um pouquinho olhando a turma daqui, porque eu só estava vendo a turma de lá.

Olhem, primeiro, é importante que a gente saia daqui convencido de que esta obra só foi possível ser feita, Governadora, por causa de uma mulher chamada Dilma Rousseff, quando era ministra de Minas e Energia e, depois, quando começou na Casa Civil. Foi ela que mudou o marco regulatório da questão energética no país e foi ela que brigou para que a gente pudesse incluir esse projeto da hidrelétrica de Estreito.

Eu mesmo estive para vir aqui por três vezes, não pude vir porque tinha conflitos, e eu não queria que houvesse qualquer problema. Hoje nós temos um acordo entre os empresários, com os companheiros do mato, porque esta hidrelétrica aqui, nós queremos que ela seja o exemplo de hidrelétrica no tratamento às pessoas que moravam aqui, antes dela existir. Nós não podemos fazer um grande empreendimento e expulsar as pessoas. É preciso que essas pessoas, que eram pescadores, possam continuar pescando. (falha no áudio) pessoas que trabalhavam na agricultura possam continuar trabalhando, porque uma hidrelétrica como esta, ela tem que fazer benefício para todos mas, sobretudo, atender àqueles que estavam aqui antes da hidrelétrica chegar. Os empresários e o governo estão convencidos de que é preciso mudar a prática. Houve um tempo em que se prometia muito para os trabalhadores. Depois que a hidrelétrica estava pronta, e (falha no áudio) aquilo que se tinha prometido para os trabalhadores.

Eu lembro que quando o Lobão foi indicado para ser ministro de Minas e Energia, eu disse ao companheiro Lobão: Lobão, nós temos uma dívida histórica com muita gente que morava à beira dos lugares em que foram



construídas hidrelétricas. Precisamos fazer um levantamento e começar a pagar essa dívida histórica.

Pois bem, nós agora fizemos o acordo com o MAB, com os empresários, e nós queremos cumprir, e pode ter certeza de que a companheira Dilma será dura ou mais dura... O microfone está falhando aqui, tem um probleminha que eu acho que não pagaram para a empresa que veio fazer o som. Agora, parece que vai dar.

Nesta semana, Roseana, eu fui a Ribeirão Preto, porque nós fizemos um acordo histórico entre os trabalhadores do corte de cana e os empresários produtores de álcool e de açúcar, porque esses trabalhadores eram tratados como se fossem escravos. Esses trabalhadores trabalhavam de sol a sol cortando cana, comiam comida gelada, não tinham água boa para beber. E também os empresários evoluíram, tomaram consciência, o governo tomou consciência, e os sindicatos também tomaram consciência e nós fizemos um acordo de humanização do trabalho do corte de cana. Então, agora os companheiros vão ter lugar para comer, vão ter banheiro, vão ter água gelada e vai ter ônibus com qualidade para levá-los para o trabalho. E por que isso é importante? Isso é importante porque, como o Brasil passou a ser um país importante no mundo, nós precisamos garantir que os nossos produtos, lá fora, não sejam atacados pelos nossos concorrentes, que dizem para não comprar carne brasileira, porque tem doença, que dizem para não comprar o álcool brasileiro, porque tem trabalho escravo, porque dizem que não tem que comprar carne brasileira, porque está se desmatando a Amazônia. Na verdade, é uma briga comercial, e as grandes nações não estavam acostumadas com o tamanho do Brasil. O Brasil sempre foi tratado como se fosse um grandão meio bobão, e eles agora sabem que de bobão este país não tem nada. Este país tem um povo esperto, este país tem um povo esperto, um povo orgulhoso que quer respeitar, mas também quer ser respeitado. É por isso que o Brasil é o maior exportador de café, já é o maior exportador de minério, é o maior



exportador de carne de vaca, o maior exportador de carne de frango, um grande exportador de carne de porco. É um grande exportador de vários produtos agrícolas. E quando o mundo começa a comer, a gente olha o mundo e a gente percebe qual é o país do mundo que tem mais terra, mais água e mais sol para plantar comida para chinês comer, para indiano comer, para brasileiro comer e para latino comer. É exatamente este país, exatamente este país. Aquela profecia que eu ouvia dos mais antigos, quando eu era moleque, que dizia: “O Brasil será o celeiro do mundo”, ela vai se concretizar, Roseana, ela vai se concretizar, Gaguim, porque o mundo precisa cada vez mais de comida, e o Brasil, além de ter mais terra, além de ter mais água, além de ter mais sol, o Brasil tem uma empresa de tecnologia para agricultura tropical, que é a empresa mais importante do mundo, que é a nossa querida Embrapa.

Portanto, a gente vai produzir cada vez mais, em menos quantidade de terra. Portanto, a gente vai preservar o meio ambiente e produzir muito mais. E a Izabella será a companheira parceira nisso, porque nós já fizemos o zoneamento agroecológico - não pode plantar cana em qualquer lugar mais - estamos fazendo zoneamento agroecológico para o dendê, para a gente poder plantar biodiesel, e vamos fazer zoneamento agroecológico para outras culturas, para que a gente possa produzir sem afetar o meio ambiente.

A segunda coisa importante é que hoje vocês podem se orgulhar. Hoje, no mundo... Eu queria até pedir o testemunho dos empresários. Eu acho que as três hidrelétricas que nós estamos construindo, Santo Antônio, Jirau e Belo Monte, que nós vamos começar, são as três maiores hidrelétricas do mundo em construção, neste momento. E eles ainda não viram o que é o Complexo Tapajós, eles ainda não viram o que vai ser, porque vai ser tão perfeito que nem a Izabella vai colocar obstáculo para a gente fazer a nossa hidrelétrica-plataforma, porque a gente vai dar um show ao mundo de como é que a gente vai fazer hidrelétrica. A gente vai fazer que nem plataforma em alto-mar, não vai desmatar, a não ser para fazer, depois vai fechar, e ninguém entra lá; quem





for para trabalhar, vai de helicóptero, fica lá, e sai sem degradar o meio ambiente. Nós seremos um exemplo para o mundo.

Bem, além disso, além das três hidrelétricas, Roseana, hoje, se você for analisar, as três maiores ferrovias que estão sendo construídas no mundo também estão sendo construídas no Brasil. A Ferrovia Norte-Sul nós vamos terminar 1.513 quilômetros agora, lá na cidade de Palmas, e nós vamos, depois – não, Anápolis!; que Palmas, rapaz, já passou Palmas, nós vamos para Anápolis! E de Anápolis nós vamos dar ordem de serviço para fazer de Anápolis à Estrela d'Oeste, em São Paulo, mais 900 quilômetros, para ligar o Porto de Itaquí ao Porto de Santos. Ao mesmo tempo, nós estamos fazendo a Transnordestina, ligando o estado do Ceará, o Porto de Pecém, ao Porto de Suape, em Pernambuco, passando por Eliseu Martins, no Piauí; são mais 1.800 quilômetros de ferrovia, que já está empregando, neste momento, mais de 9 mil trabalhadores. Depois, eu vou nesta semana ainda, Roseana, ou no mês que vem, eu vou à Bahia anunciar a Oeste-Leste, que vai sair de Ilhéus, onde vai ter um porto e vai ter uma ferrovia que vai chegar ao estado do Tocantins, cruzando a Ferrovia Norte-Sul, para a gente fazer uma espécie de “espinha de peixe” de transporte neste país. E depois vamos levá-la até Belém, vamos levá-la até Belém!

E daqui a pouco eu saio daqui e vou a Tucuruí inaugurar, pela primeira vez, a grande eclusa do Tucuruí, que é uma obra que todo mundo deseja. Por que eu estou dizendo isso, companheiros? Porque se a gente for analisar, eu falei de ferrovias, eu falei de hidrelétricas, mas eu poderia dizer para vocês que hoje não existe no mundo, parece petulância minha, mas não existe no mundo nenhum país que esteja fazendo uma refinaria do tamanho que a gente está fazendo no Maranhão. É uma refinaria para 600 mil barris/dia, é uma refinaria que vai custar US\$ 19 bilhões; estamos fazendo uma refinaria em Fortaleza de 300 mil barris/dia, que vai precisar de um investimento de US\$ 12 bilhões; estamos fazendo a Refinaria Abreu e Lima, de Pernambuco; estamos fazendo



a refinaria lá do Rio Grande do Norte, que é uma pequena, de 35 mil barris/dia para produzir querosene.

E mais ainda, estamos fazendo um investimento de US\$ 224 bilhões até 2014, para ir buscar o petróleo a sete mil metros de profundidade, no pré-sal descoberto por este país.

Eu fui agora, Roseana, eu fui agora em Tupi. Eu fiquei com medo de andar de helicóptero, Lobão, 300 quilômetros, mas eu fui. Andei 300 quilômetros mar adentro. Cheguei lá na plataforma - nós fomos buscar petróleo a quase seis mil metros de profundidade -, um petróleo que está lá há 165 milhões de anos, nós fomos pegar esse bichinho. E é esse bichinho que vai arrumar a vida deste país, porque uma parte deste dinheiro, uma parte do dinheiro do petróleo vai ter que ajudar a Educação vai ter que ajudar a Ciência e Tecnologia, vai ter que ajudar a Cultura, vai ter que ajudar a questão ambiental, e vai ter que ajudar o desenvolvimento do nosso país.

Mais ainda, mais ainda: nós estamos fazendo grandes investimentos em portos, para que a gente possa transferir para o Norte e para o Nordeste uma parte do desenvolvimento do Brasil. Nós não queremos tirar nada do Sudeste. Nós queremos que São Paulo continue crescendo, que o Rio continue crescendo, que Minas continue crescendo, que o Sul continue crescendo, mas nós achamos que no século XXI é a vez do Nordeste e do Norte deste país começarem a crescer.

Hoje, de todos os doutores formados no Brasil, apenas 10% estão se formando no Nordeste. Era menos do que 3% quando eu entrei no governo; já tem 10%, mas nós precisamos é de 20%, é de 30% de doutores e de mestres se formando.

Você veja que coisa engraçada: eu sou o único presidente da República que não tive a oportunidade de ter um diploma universitário. Vou passar para a história como o presidente que mais fez universidades no país e como o presidente que mais fez escolas técnicas no país. Eu acho... Eu ficarei muito



feliz se a minha companheira Dilma chegar aqui, daqui a quatro anos, e falar: “O Lulinha ficou para trás, porque ele só fez 14 universidades, eu já fiz foi 20, ele só fez 214 escolas técnicas, eu fiz 300”. Se ela fizer isso, eu morro de emoção ali e aí vocês me enterram, porque é tudo que eu espero: é que ela faça mais e melhor do que eu fiz, porque ela me ajudou a construir o que nós construímos, ela sabe como fazer, ela conhece hoje o Brasil como pouca gente conhece, ela conhece a máquina por dentro como pouca gente conhece. Eu não imaginava que ela fosse vítima do preconceito que ela foi, na campanha. Não imaginava que a elite brasileira, a elite política, fosse tão grosseira no tratamento da questão da mulher. Mas, uma vez, eu fico feliz: depois de um metalúrgico provar que tem competência, é a vez da mulher provar que tem competência para governar este país.

Pois bem, companheiros, olhem, o que está feito, está feito. Eu posso dizer para vocês que eu deixarei a Presidência no dia 1º com a cabeça tão erguida ou mais erguida do que quando eu subi. Sabe por que, Gaguim? Quando eu subi aquela rampa no dia 1º de janeiro de 2003, eu estava junto com a Marisa, junto com o José Alencar, e eu tinha muita dúvida se a gente ia ter condições de governar o Brasil, eu tinha muita dúvida. Este país já tinha, já tinha criado as condições para o Getúlio Vargas se matar, este país já tinha ameaçado não deixar Juscelino competir, e diziam: “Se o Juscelino competir, a gente não deixa; se ele competir, não vai ganhar; se ganhar, a gente não deixa tomar posse; e se tomar posse, a gente não deixa ele governar”. Depois, este país cassou o João Goulart. Eu falei: o que eles vão aprontar comigo? E eles tentaram, em 2005, eles tentaram, em 2005. Só que eles não sabiam que, pela primeira vez, este país tinha eleito um presidente que era a encarnação do povo lá em Brasília, não era uma coisa distante. E, aí, nós fomos para a rua e eles perceberam que não estava... Eu lembro de uma vez que o Sarney foi conversar comigo, eu falei: “Presidente Sarney, eu só quero que o senhor diga lá dentro, para os senadores, o seguinte: se eles tentarem dar um passo além



da institucionalidade, eles não sabem o que vai acontecer neste país. Este país teve presidente que foi embora, este país teve presidente que se matou, este país teve presidente que foi cassado e saiu do Palácio. Eu, eles vão saber que eu sou diferente. Eles vão saber, eles vão saber, eles vão saber que não é o Lula que está na Presidência, eles vão saber que a classe trabalhadora brasileira é que chegou à Presidência da República, e que ela quer a chance”.

Pois bem, eu duvido que tenha tido um presidente da República que tenha tido uma relação republicana, como eu tive com governadores e com prefeitos. Eu nunca perguntei a que partido pertencia um prefeito, eu nunca perguntei a que partido pertencia um governador ou a governadora. Se eles tinham direito, a gente repassava as coisas que tinha que repassar e, isso, foram oito anos de mandato assim.

Eu tenho consciência de que outros presidentes da República não tiveram as mesmas condições que eu. O presidente Sarney pegou o Brasil em época de crise. O Fernando Henrique Cardoso, mesmo que quisesse fazer, não podia, porque o Brasil estava atolado em uma dívida com o FMI, e quando você deve, você tem até medo de abrir a porta e o cobrador vir te pegar.

Eu, como aprendi que o valor que o pobre tem é a sua cara, o maior patrimônio que eu tenho é a minha cara e o direito de andar de cabeça erguida, a primeira decisão que eu tomei foi juntar um dinheirinho para pagar o FMI. Eu não quero ninguém dando palpite na minha vida. Quem vai decidir o destino deste país são os brasileiros e não os gringos que vêm de lá. Pois bem, devolvi o dinheiro do FMI, hoje o Brasil tem US\$ 300 bilhões em caixa. E agora, nessa crise dos Estados Unidos e nessa crise da Europa, chamei o ministro Guido e falei: Vamos emprestar um dinheirinho para o FMI, para ele ajudar os outros.

Então, a companheira Dilma vai pegar o país em uma situação muito melhor, em uma situação muito mais favorável. Nós vamos, no PAC 2, todas as obras importantes vão ter que ser apresentadas pelos governadores. A gente vai ter a Copa do Mundo de 2014, que vai ter muita obra, a gente vai ter



Olimpíadas. Portanto, eu queria dizer aos companheiros trabalhadores, que estão preocupados, eu vou dizer uma coisa para vocês: Podem olhar na minha cara, eu vou deixar a Presidência, mas não vou deixar o Brasil. Eu vou continuar andando por este país, vou continuar andando e fazendo política, que é a coisa que eu sei fazer. Eu vou dizer uma coisa para vocês: podem ficar certos... eu poderia pegar todos os empresários da construção civil aqui, poderia pegar a Camargo Corrêa, OAS, Odebrecht, poderia pegar a Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão, quem quiser... escolha o nome. Eu duvido que, em algum momento da história do Brasil, esses empresários tiveram tanta obra como eles têm agora no país, duvido, duvido, nunca tiveram, e não vai parar mais. Não vai parar porque nós estamos aprendendo a cuidar de saneamento básico, nós estamos aprendendo a fazer casas. O Minha Casa, Minha Vida 1 foi um milhão de casas, o Minha Casa, Minha Vida 2 serão 2 milhões de casas. E nós aprendemos a fazer, aprendemos a fazer. Não aceitamos... Aceitamos opiniões e conselhos bons, mas “nego” vir de fora dar palpite, a gente não aceita mais. E este país vai continuar crescendo, vai continuar investindo na educação, vai continuar investindo em ciência e tecnologia e vai, sobretudo, continuar investindo no nosso progresso.

Então, companheiros trabalhadores, estejam certos de que daqui a um ano, daqui a dois anos, daqui a três anos, a gente vai se encontrar em algum lugar deste país. Eu posso dizer para vocês: este país não voltará atrás, este país vai continuar crescendo, gerando emprego, distribuindo renda, este país vai continuar melhorando a vida do seu povo. Porque a coisa mais sagrada que tem para um homem e para uma mulher é ele trabalhar e, no final do mês, levar para a sua casa o sustento da família às custas do seu suor e do seu trabalho, esse é um valor de que a gente não abre mão.

Por isso, eu queria dar os parabéns aos empresários que investiram em Estreito, ao BNDES que financiou parte da obra. Queria dar os parabéns aos ministros que trabalharam, não foi uma obra fácil. Mas hoje, graças a Deus, eu



tinha que vir aqui. A Dilma é quem vai vir inaugurar definitivamente, ela é quem vai vir inaugurar. Mas eu tinha que vir fechar pelo menos a primeira comporta, porque eu tinha marcado três vezes para vir aqui, e quando eu marcava o MAB dizia que ia fazer protesto, e eu falava: Eu não quero brigar com os companheiros do MAB, eu vou suspender, para não ir lá. Eu não queria também que houvesse qualquer violência contra qualquer pessoa.

Então, hoje eu estou vindo aqui, estão aqui os companheiros do MAB, estão aqui os empresários. E vocês vão ver, vocês vão ver... O Ministério da Pesca está aí, foi feito um acordo aqui. Esses “bichim” têm que fazer vocês tirarem mais peixe deste lago do que vocês já tiraram em qualquer outra época, pescando com uma varinha de bambu mequetrefe. Vocês vão pegar, agora, é criar em um tanque-rede e criar peixes profissionalmente, para vocês poderem não apenas comer uma piabinha na hora do almoço, com cabeça e tudo. Não, vocês agora vão criar peixes de qualidade para vocês comerem, mas para vocês venderem no mercado e levarem dinheiro para casa para comprar uma televisão, para comprar uma geladeira, para comprar um rádio para ouvir o Lula falar, de vez em quando, para ouvir a Dilma falar, para ouvir a Roseana falar, para ouvir o Gaguim falar.

É assim que caminha o nosso país. E eu, então, estou aqui só para dizer para vocês: muito obrigado pelo carinho. Muito obrigado.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração das eclusas de Tucuruí, contratação de 41 engenheiros formados na usina hidrelétrica Tucuruí pela usina hidrelétrica Belo Monte e assinatura do contrato de financiamento para expansão do suprimento de energia elétrica à ilha de Marajó**

**Tucuruí-PA, 30 de novembro de 2010**

Se a Dilma não falar bem de mim, no dia 1º de janeiro eu saio correndo com a faixa e ela atrás de mim, quero ver ela me pegar.

Olha, eu, eu, na verdade, não vou ler discurso, eu só vou cumprimentar duas pessoas aqui, a companheira Dilma e a companheira Ana Júlia e, cumprimentando elas eu estou cumprimentando todos aqui, os companheiros que estão aqui, e estou cumprimentando os meus queridos companheiros e companheiras de Tucuruí, do estado do Pará.

Eu vou ser muito rápido, porque eu estava vendo vocês pedirem água, aí, vocês viram que eu saí daqui um pouco. É que eu fui comer gelo, porque eu estava com um calor tão grande que eu falei: nem água resolve o meu problema, eu vou comer gelo. E, como bom nordestino, parecia que eu estava comendo vidro, ou comendo vidro, como dizia Ari Toledo. Mas eu melhorei. Melhorei, e eu queria ser curto, não grosso, com vocês.

Olhem, primeiro eu, no dia 1º de janeiro, estarei passando a faixa presidencial para a companheira Dilma. Eu quero agradecer a cada mulher, a cada homem do estado do Pará que votou na companheira Dilma, a cada homem, a cada mulher do Brasil que votou na companheira Dilma, quero agradecer a vocês. E aqueles que não votaram, também, eu quero agradecer, porque não são bons apenas aqueles que votaram na gente. Aqueles que não votaram, devem ter uma ou outra razão para não ter votado, a gente tem que respeitar.



Mas eu quero dizer a vocês que a companheira Dilma é responsável, junto comigo, pelo momento extraordinário que vive o Brasil. Eu não sei se a Dilma já se deu conta de que ela vai tomar posse, no dia 1º de janeiro, de um país que exatamente no dia em que ela tomar posse, as três hidrelétricas maiores que estarão sendo construídas no mundo serão as três hidrelétricas que Vossa Excelência coordenou no PAC 1, no começo do meu segundo mandato: são as Hidrelétricas de Jirau, a de Santo Antônio e a de Belo Monte.

Quando ela tomar posse, o Brasil, Dilma, estará construindo as três maiores ferrovias em construção, também, no mundo: a Transnordestina, com 1,7 mil quilômetros; a Ferrovia Norte-Sul, que vamos completar 1.513 quilômetros, até Anápolis, e vamos dar ordem de serviço para ir até São Paulo, para ligar o Porto de Santos ao Porto de Itaqui, no Maranhão; e também vamos construir, lançar, ainda este mês, a Oeste-Leste, saindo de Ilhéus, na Bahia, cruzando Tocantins, passando por debaixo da Ferrovia Norte-Sul e chegando aqui, até Belém do Pará, que é o projeto total da hidrovia [ferrovia].

A companheira Dilma, Marcelo Déda, quando tomar posse, ela vai ter o maior investimento do mundo em plataformas, em sondas e em estaleiros. A companheira Dilma vai pegar um país com o compromisso projetado de US\$ 224 bilhões de investimento da Petrobras na exploração do pré-sal, para que a gente possa fazer com que este país tenha mais soberania e mais independência. Quando a companheira Dilma tomar posse, no dia 1º de janeiro, ela vai pegar um país em construção, que ela não herdará, porque ela ajudou a construir este país.

Companheira Dilma, hoje eu fiquei feliz. Não sei se você sabe, eu ia lhe convidar ontem. Não lhe convidei porque eu estou notando que você está sendo mais aplaudida do que eu nos atos públicos e eu, então, falei: não vou convidar. Mas ontem, companheira Dilma, ontem eu tive o prazer, lá no Palácio do Planalto, de inaugurar simultaneamente 30 escolas técnicas, e inaugurar 25 campi universitários que estamos fazendo por este país. Vossa Excelência





pegará um país com 14 universidades federais novas, pegará um país com 214 escolas técnicas, pegará um país com duzentas... com 126 extensões universitárias, pegará um país com 704 mil estudantes no ProUni, pegará um país com o Fies.

Marcelo Déda, você não tem noção. Você, que se formou em Direito, um advogadozinho mequetrefe, não grande, mas que eu contrataria para me defender. Marcelo Déda, nós aprovamos agora o financiamento para a educação. E eu, agora, só faço as coisas com a concordância da Dilma, porque também não sou bobo, a partir do dia 1º é ela quem manda.

Mas, olhe, nós aprovamos o financiamento para a educação. O que acontecia no Brasil? Antes, o jovem que não conseguia passar em um vestibular e que não conseguia entrar em uma universidade pública, ele ia para uma universidade privada. Ele não podia pagar. Ele ia fazer financiamento na Caixa, pediam para ele um fiador. Fiador, todo mundo sabe, aqui, todo mundo é amigo, o Wagner é meu amigo há 30 anos, mas se eu pedir para ele ser fiador meu, ele vai dizer para mim: “Ô Lula, eu vou falar com a minha mulher”. Aí, no dia seguinte, ele volta e fala: “Minha mulher não quis”. É difícil arrumar fiador.

Então, o que nós fizemos agora? É este país que você vai herdar, Dilma. Agora, não tem mais fiador, agora quem garante para um jovem estudar é o Estado brasileiro, que garante. O jovem, o jovem que for estudar Direito e for estudar cinco anos, ele tem três vezes o tempo do curso para ele poder pagar, são 15 anos, ele vai pagar R\$ 50,00 a cada trimestre. Quando ele se formar, se ele for médico e for trabalhar no SUS, ele não paga nada; se ele for dar aula, ser professor, também não paga nada.

Então, Dilma, você vai pegar um país, você vai pegar um país em que você pode, em qualquer lugar do mundo, dizer: “No meu país não estuda quem não quer, porque o governo garante dinheiro para a juventude estudar”. É este país que você vai herdar, um país vivendo um momento extraordinário, um país



que acaba de encontrar petróleo em Sergipe, um país que acaba de encontrar gás no Maranhão, um país que acaba de descobrir que não tem nada mais importante para o país do que cuidar do povo pobre deste país, do que cuidar das nossas mulheres e dos nossos homens.

Essa eclusa que nós inauguramos hoje, que é bonita, que falaram que tem não sei quantos Maracanãs, não sei quantas copas do mundo. Essa eclusa só terá sentido se ela significar a melhoria da qualidade de vida de mulheres e homens que moram neste país, neste estado e nesta região. Se for apenas para os ricos de sempre passarem com os seus produtos por aí, sem deixar parte da riqueza aqui, nós estaremos cometendo o mesmo erro que historicamente se cometeu neste país: quem era rico ficava mais rico e quem era pobre ficava mais pobre. Nós queremos mudar a lógica deste país.

Eu sei, companheira Dilma, eu sei que nós... Eu digo “nós” porque você ajudou a fazer. Eu sei que nós fizemos muito, mas eu sei que ainda há mais... falta muito para fazer. E eu sei que você, pela sua competência, pelo seu grau de compromisso, pelo seu grau de conhecimento, pelo aperfeiçoamento que você adquiriu, trabalhando no governo, eu não tenho dúvida, Dilma, que, em quatro anos, você poderá fazer mais e poderá fazer melhor por este país. E eu acho que é isso que esse povo espera, é isso que esse povo espera de você.

E por isso, querida companheira Dilma, eu quero dizer para você uma coisa: olhe, neste país, vale fazer qualquer coisa, a única coisa que não vale é não ser verdadeiro com este povo, a única coisa que não vale. Na hora que você tiver dificuldade, na hora que o Wagner não estiver te ajudando, na hora que Déda não estiver te ajudando, na hora que o prefeito não estiver te ajudando, na hora que eu não estiver te ajudando, na hora que a Ana Júlia não estiver te ajudando, não tenha dúvida: peça ajuda para o povo, que ele saberá ajudar você a ser a melhor presidenta deste país.

Eu, eu, Wagner, eu já estou até com inveja, porque eu passei oito anos dizendo: Pela primeira vez na história do país, nunca antes na história do



Brasil. A Dilminha vai começar, e eu vou estar ouvindo no rádio, lá: “Nunca antes na história do Brasil, pela primeira vez na história do Brasil”. E, ao invés de ficar com raiva, como o meu adversário ficou, eu vou ficar feliz, porque você está fazendo aquilo que o povo espera.

Um abraço e até outro dia se Deus quiser, companheiros. Um grande abraço.

(\$211 A)